



SETOR-SUL:

PROCESSO DE FORMAÇÃO
DO ESPAÇO URBANO

Eline Maria Mora Pereira Caixeta

Ilustrações de Beatriz Rezende Gonçalves

Cegraf UFG



SETOR-SUL:

PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Eline Maria Mora Pereira Caixeta

Ilustrações de Beatriz Rezende Gonçalves

Goiânia
2021

Cegraf UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitor

Edward Madureira Brasil

Vice-Reitora

Sandramara Matias Chaves

Pró-Reitora de Extensão e Cultura – PROEC

Lucilene Maria de Sousa

CENTRO EDITORIAL E GRÁFICO — CEGRAF

Diretora

Maria Lucia Kons

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Diretor

Bráulio Vinícius Ferreira

Vice-Diretor

Cláudio Aleixo Rocha

NÚCLEO EDITORIAL DA FAV

Coordenador

Edvaldo de Goiás Pereira Pontes

© Eline Maria Mora Pereira Caixeta, 2021

© Cegraf UFG, 2021

Esta publicação é fruto de parceria entre a Universidade Federal de Goiás, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás e a Fundação de Apoio à Pesquisa – FUNAPE.

Ilustração da capa: Eline Maria Mora Pereira Caixeta

Diagramação da capa: Cátia Ana Balduino da Silva

Projeto gráfico: Cátia Ana Balduino da Silva

Diagramação: Alexandra Silva Sjobom e Cátia Ana Balduino da Silva

Revisão de texto: Sueli Dunck

Ilustrações: Beatriz Rezende Gonçalves

Organização e tratamento das imagens: Danielle Sousa Vale

Ícone: Freepik, disponível em **Flaticon**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

C138 Caixeta, Eline Maria Mora Pereira.

Setor Sul : processo de formação do espaço urbano [Ebook] / Eline Maria Mora Pereira Caixeta ; ilustrações, Beatriz Rezende Gonçalves. – Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). – Goiânia : Cegraf UFG, 2021.

ISBN: 978-85-495-0436-4

Inclui referências

1. Bairros - Planejamento - Goiânia. 2. Bairros - Arquitetura paisagística - Goiânia. 3. Arquitetura paisagística urbana - Goiânia. I. Gonçalves, Beatriz Rezende. II. Título.

CDU: 711.5

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276

Este livro contém itens interativos:

- Palavras destacadas em **laranja**, exceto a abertura dos capítulos;
- Títulos do Sumário;
- Rodapé das páginas: **Ir para Sumário**;
- Numeração das notas finais: Exemplo¹;
- Ícone de retorno nas notas de fim. 

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Av. Esperança, s/n, Câmpus Samambaia
Goiânia, GO - CEP 74690-900 - Brasil

www.fav.ufg.br

Este trabalho está licenciado com uma **Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional** (CC BY-NC-ND 4.0)

Ao meu marido e a meus filhos pelo apoio e incentivos
dados à realização deste livro.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Diva Coelho Vaz e ao professor Sérgio Paulo Moreyra (*in memoriam*), grandes incentivadores de minha trajetória como pesquisadora, pelas respectivas contribuições, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Ao professor Edgar Albuquerque Graeff (*in memoriam*) e à arquiteta Maria das Mercedes de Oliveira, pela gentileza de cederem trabalhos seus ainda inéditos, muitos úteis como fontes de pesquisa.

Aos moradores do Setor Sul que na época aceitaram participar da pesquisa e ajudaram a contar a história do bairro. Suas memórias afetivas contribuíram com dados preciosos que agora são apresentados aqui.

Ao engenheiro Edwal Janssen (*in memoriam*), que atuou em algumas modificações no traçado do Setor Sul no final da década de 1950. Ao topógrafo Pironis Ribeiro, que trabalhou na remarcação dos lotes do Setor Sul nesse mesmo período. Ao advogado e sociólogo Pedro Wilson Guimarães, que contribui para a elaboração do Projeto CURA, implan-

tado nas áreas verdes do bairro. Ao historiador e jornalista Sérgio Paulo Moreyra (*in memoriam*), estudioso da história local e morador do Setor Sul durante muitos anos. Suas entrevistas, atenciosamente concedidas, enriqueceram a história sobre o processo de ocupação do bairro.

Aos amigos Ivone Costa, Sônia Maria Rodrigues, Ana Cristina Rodrigues, Urias Crescente, Olga Costa, Liliane Crescente, Valéria Crescente, Nadime Ardaya e Gerson Neto, moradores do Setor Sul, pela gentil cedência de fotografias de seus acervos familiares e que igualmente contêm várias histórias narradas.

À arquiteta Livia Maria Moreira, pelo apoio dado a este trabalho e que foi fundamental para a sua concretização.

Por fim, ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás, pelo incentivo que vem prestando para a divulgação e o fortalecimento da pesquisa na área, bem como pelo apoio financeiro concedido à publicação deste livro.

LABORATÓRIO DOS MODOS DE PENSAR, CONSTRUIR E HABITAR EM GOIÂNIA

Mantendo viva a história e conservando características de parte importante do núcleo urbano inicial de Goiânia, o Setor Sul é um dos bairros mais singulares e representativos da identidade da capital. Seu projeto traz consigo o ideal moderno de priorização dos espaços públicos na implantação das habitações, associado à noção de comunidade que motiva o convívio dos moradores e o fortalecimento de vínculos entre si e com o lugar.

Como bem patrimonial construído, esse bairro tem sido laboratório de estudos, reflexões e debates sobre o pensamento urbanístico dos profissionais que o conceberam. Situa na cultura arquitetônica e urbanística moderna a produção do seu espaço com ressonâncias da ideia de cidade-jardim no Brasil. Permite indagar sobre o modo como, aqui, o urbanismo moderno assimilou tal proposta e suas variantes.

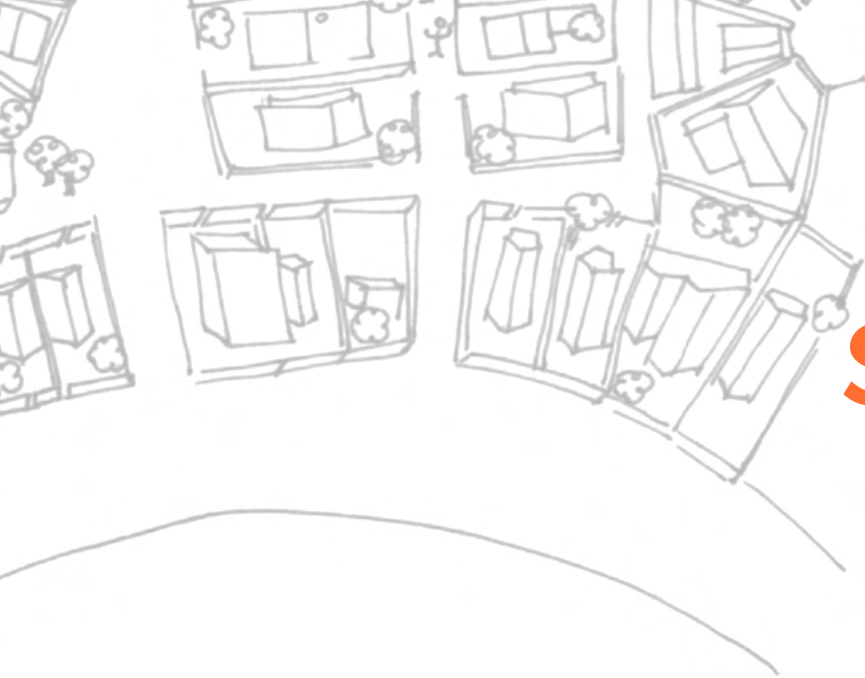
O Setor Sul também acolhe nas suas áreas públicas municipais um dos mais relevantes sistemas de áreas verdes e espaços livres da cidade,

localizados no miolo de suas quadras. Reconhecido como área especial de interesse urbanístico, patrimônio ambiental e cultural, o bairro faz limite com as Áreas de Preservação Permanente e Unidades de Uso Sustentável, localizadas nas proximidades das nascentes do Córrego Buritis e ao longo dos Córregos Areião e Botafogo. Assim, é novamente merecedor de registro, manutenção, conservação e preservação.

(Re)escrever a pesquisa e divulgação de sua formação e história é uma maneira de contribuir para entendermos a importância do lugar como parte integrante de uma cidade-capital, planejada, moderna. O Setor Sul vai desta forma se consolidando, trazendo em si a tentativa de conciliar ideias e pensamentos de um ideário, um desejo, um sonho.

É, portanto, motivo de enorme satisfação para o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás (CAU/GO) o apoio a esta obra que terá o papel de subsidiar ainda muitos estudos, reflexões e, certamente, ações de preservação de um bairro com tamanha relevância para Goiânia e para a Arquitetura e Urbanismo.

Celina Fernandes Almeida Manso, conselheira do CAU/GO



SUMÁRIO

PREFÁCIO

12

1 FATORES CULTURAIS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

15

Concepção do espaço urbano	18
Apropriação do espaço urbano	26
Espaços diversificados	31
Percepção do espaço urbano	34

2 O PROJETO DO SETOR SUL E SUA CONCEPÇÃO

38

A concepção urbanística de Armando de Godoy	44
A cidade-jardim	48
O projeto do Setor Sul	54

3 PROCESSO DE OCUPAÇÃO INICIAL DO BAIRRO

65

Tipologias de ocupação	83
Análise do processo de ocupação	101
Análise das tipologias de ocupação	107

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

121

POSFÁCIO

125

REFERÊNCIAS

137

APÊNDICE A

Entrevistas com antigos moradores

145

141

APÊNDICE B

Entrevistas com profissionais e estudiosos

208

207

SOBRE A AUTORA

239



PREFÁCIO

Esta publicação foi elaborada com base em uma pesquisa realizada em 1986, sob orientação da professora Maria Diva Coelho Vaz, e apresentada na disciplina de Teoria e História da Arquitetura X, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da então Universidade Católica de Goiás.

Seu tema central é o processo de formação do Setor Sul, área residencial suburbana planejada na década de 1930, como parte da urbanização inicial de Goiânia, e que tem seu primeiro período de ocupação entre as décadas de 1950 e 1960.

Pelas características deste estudo, pautado fundamentalmente em fontes primárias provenientes de pesquisa documental e de campo, e dado que já se passaram quase quatro décadas, trata-se de um documento histórico que já tem sido utilizado por pesquisadores que se debruçaram sobre a história da cidade.

Sua publicação vem resgatar uma preocupação já existente na época e que hoje permanece atual: um olhar sobre a cidade como

“habitat humano”, espaço físico e social onde se desenvolve a vida cotidiana, considerando a importância dos fatores humanos, culturais, ambientais e as dinâmicas sociais no projeto e no planejamento urbano.

A intenção foi manter a estrutura do trabalho, apresentar uma linguagem acessível a um público mais amplo, além de estudiosos e profissionais da área, enriquecer o relato com a incorporação de novas imagens e agregar um novo olhar sobre o Setor Sul, valendo-se, para tanto, das pesquisas realizadas nos últimos nove anos.

Assim sendo, o texto se desenvolverá em três partes. A primeira aborda os fundamentos conceituais utilizados na análise realizada. A segunda e a terceira parte abordam o processo de formação do Setor Sul. Inicialmente ele é estudado como espaço idealizado e, posteriormente, como espaço apropriado, com foco nas tipologias de ocupação decorrentes desse processo.

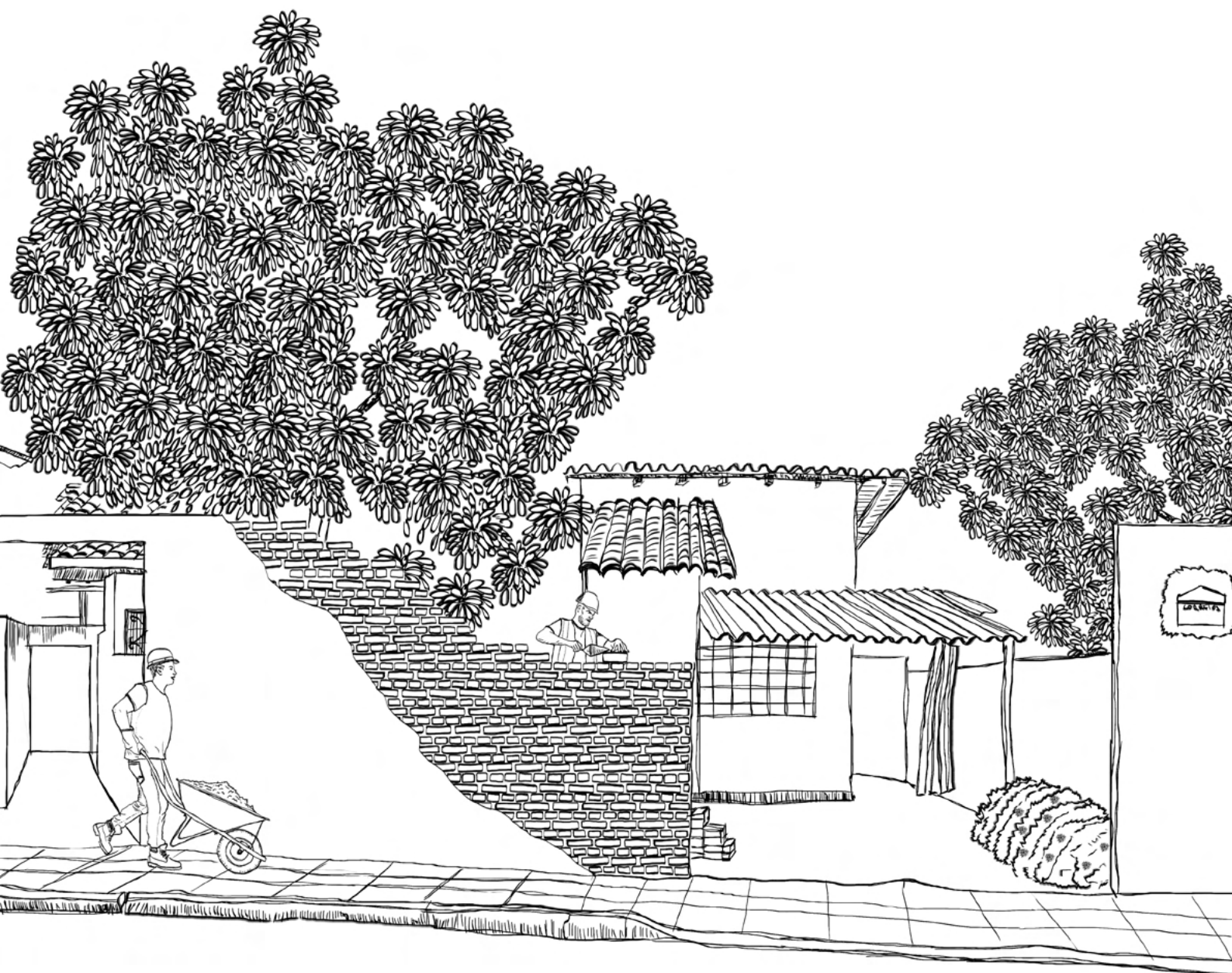
Nas considerações finais, apresenta-se uma análise conclusiva sobre os fatores responsáveis pela apropriação do espaço físico do Setor e as contradições entre sua concepção e realização como espaço urbano. Ao final do livro, a título de posfácio, foi acrescentada uma leitura do Setor Sul, na atualidade, abordando sua problemática como bairro planejado e parte importante do tecido histórico e ambiental da cidade e delineando expectativas para seu futuro.

Os apêndices, compostos por fontes primárias – o material produzido durante a pesquisa de campo realizada em 1986 –, foram mantidos como documentação, a fim de torná-los acessíveis a profissionais que se interessem pelo tema e que atuam tanto no âmbito da pesquisa como do planejamento e do projeto urbano.

Com parte do enriquecimento do relato contido no texto, buscou-se um prisma de apresentação das histórias narradas que seja ao mesmo tempo criativo e didático, amparado pela fala dos moradores, das fotografias e dos desenhos e por uma nova formatação, que tem em sua concepção a produção gráfica e imagética como fator fundamental no entrelaçamento dos conteúdos apresentados.

A procura pelas narrativas – sejam estas orais ou figurativas – possibilita novas visões para um variado e rico contexto, que atua em paralelo às ações normalmente documentadas. Nesse contexto, o papel representado pelos “indivíduos narradores”, juntamente com a ideia de que também existem “lugares narradores”, faz parte desta nova abordagem. A imagem, em si, já incorpora narrativas específicas. O “lugar”, no entanto, necessita da complementação da narrativa no sentido de evocar seus tempos. É dentro dessa perspectiva que essa publicação foi concebida.

Nessa direção, busca-se documentar algumas narrativas e histórias deste lugar chamado Setor Sul, sem a pretensão de estabelecer verdades absolutas, mas procurando identificar e reconstruir histórias e imagens, de alguma forma perdidas pelo tempo e paisagens da cidade.



CAPÍTULO 1

FATORES CULTURAIS E A
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Qualquer que seja a origem de uma cidade ela sofre, logo que começa a crescer, um processo de transformação no seu espaço físico em decorrência das pressões da vida cotidiana. O espaço urbano vai se moldando segundo modelos culturais, materializando momentos históricos e comportando conflitos que fazem parte da estrutura social que abriga, e que por isso estão sempre presentes na vida da cidade.

Mesmo sendo um bairro projetado, o Setor Sul também passou por esse processo de crescimento e transformação de seu espaço e foi tomando, ao longo dos anos, uma configuração muito diferente da que se esperava, tendo em vista sua proposta de urbanização. A configuração do seu espaço de urbano, em função do projeto e da sua apropriação, se dá de forma tão original e rara que merece ser estudada.

O objetivo deste estudo é analisar o processo de formação do bairro e identificar os fatores responsáveis pelo tipo de ocupação que teve o seu espaço urbano, dando ênfase principalmente aos fatores culturais e o seu papel nesse processo.

O conceito de bairro está relacionado às divisões físicas de uma cidade que têm importante papel na sua organização. É uma porção da cidade que articula o espaço urbano e possui autonomia funcional. No entanto, o bairro, como espaço social, não coincide forçosamente com seus limites físicos.¹ Isso porque, em seu processo de formação, constitui-se como um lugar voltado para o atendimento das necessidades de uma comunidade e ao longo do tempo adquire uma certa identidade, aceita por seus moradores e pelos moradores de outros bairros. Por conseguinte, ele incorpora a ideia de fronteira social para além de seu espaço físico, tendo um papel importante na organização do espaço urbano, ao ser relacionado a um conteúdo social.

O Setor Sul, por suas singularidades, é um bairro que até hoje possui uma forte identidade tanto física quanto social. Identidade esta que foi sendo formada ao longo de seu processo de apropriação.

O estudo realizado aborda a sua idealização como área residencial suburbana e o início de sua ocupação – entre os anos 1950 e 1960 –, abrangendo a década de 1970, quando passa por uma série de transformações, e a repercussão desse processo de ocupação na conformação do seu espaço urbano, em meados da década de 1980, quando sua área se encontra quase que completamente habitada e sua forma urbana consolidada. Para isso foram enfocadas as tipologias de ocupação que ocorreram no bairro e sua relação com a utilização do espaço urbano.

A forma urbana é o resultado da organização física dos elementos de uma cidade: o traçado, as ruas, as quadras, as edificações e os espaços abertos, entre eles as praças, os parques, os jardins e os espaços residuais. Ela também pode ser entendida como os padrões espaciais

das atividades humanas e sua manifestação concreta no meio construído. Portanto, caracteriza-se pela maneira como os elementos urbanos conformam-se e relacionam-se entre si, podendo ser modificada ao longo do tempo.

Portanto, a atual forma urbana do Setor Sul já não corresponde àquela dos anos 1980, quando ele se consolida como bairro residencial. As transformações ocorridas na dinâmica urbana da cidade incidiram nos modos de apropriação e na vida cotidiana do bairro, reverberando em intervenções realizadas em seu espaço físico ao longo desses anos. No entanto, a forma urbana desse período ainda se preserva como base, sendo pauta importante para a sua compreensão, ainda hoje.

Como metodologia de trabalho utilizaram-se pesquisa documental, levantamentos *in loco* e entrevistas com antigos moradores, que serviram como apoio e complemento às formulações teóricas apresentadas nessa primeira parte.

Concepção do espaço urbano

No seu trabalho *A composição arquitetônica e o campo da arquitetura: ensaio de sistematização para o estudo do fenômeno arquitetônico*,² de 1985, o crítico e professor de Teoria e História da Arquitetura do Brasil Edgar Graeff define a produção arquitetônica como produção do “habitat humano”, ou seja, do espaço urbano em sua totalidade.³ Embora diferenciasse o espaço edificado do espaço urbano e o espaço rural do regional, todos pertenciam ao âmbito da arquitetura como habitat humano.

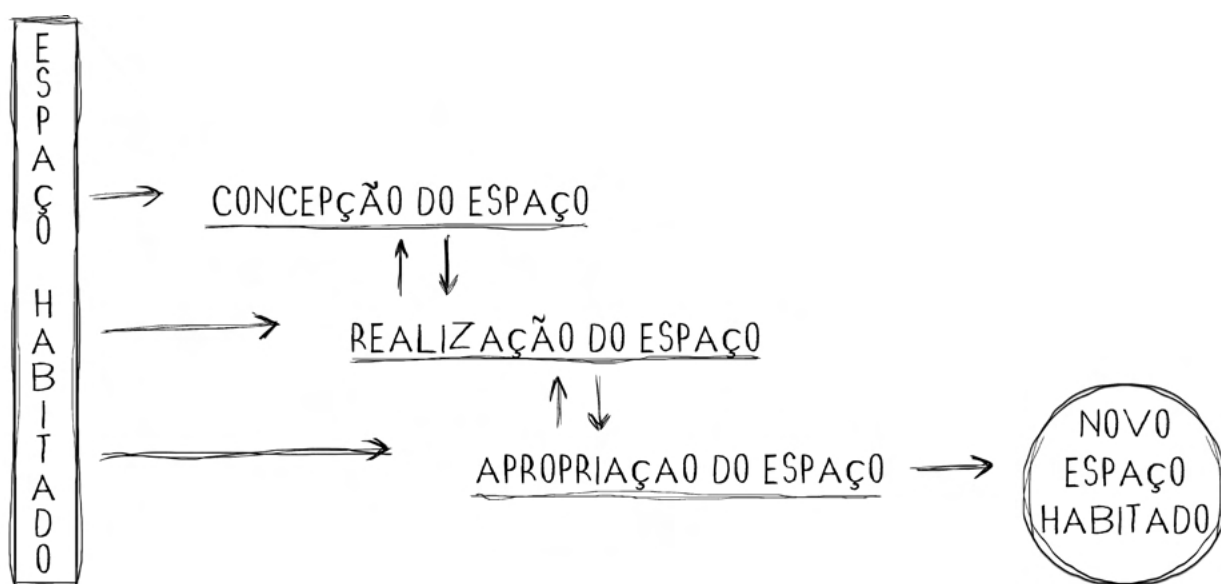
Nessa concepção, o espaço urbano se dá como um prolongamento do espaço arquitetônico, e a arquitetura, por sua vez, não existe sem

ser em conexão com o espaço urbano. O espaço urbano, visto por um prisma mais amplo, passa a ser moradia que pertence a todos e por isto tem um caráter eminentemente comunitário.

Em “As etapas do processo composição”, Graeff (1985a, p. 139) faz uma reflexão interessante na qual diz que “o processo de composição de arquitetura [...] desenvolve-se em três etapas perfeitamente diferenciadas que se mantêm em íntimo regime de interações do início ao fim do trabalho de realização do espaço”. Estas etapas são: a concepção do espaço, a realização do espaço e sua apropriação (Figura 1).

A primeira etapa do processo composicional, a concepção do espaço, segundo o autor, dá-se na imaginação de seu criador por conta de necessidades de caráter

Figura 1 - Edgar Graeff, diagrama das etapas do processo composicional. Redesenho: Beatriz Gonçalves. Fonte: GRAEFF, 1985a.



genérico e suas aspirações próprias. Essas necessidades provêm de exigências sociais e economicamente formuladas, e as aspirações, da maneira como o autor do plano e projeto⁴ as vê e interpreta. Ambos são fatores determinantes no processo de concepção do espaço e constituem a razão e o motivo da realização do novo espaço (Figura 2).

O que Graeff chama de “fatores determinantes” são os fatores internos do campo da arquitetura: o programa de necessidades e os meios de composição. O programa



Figura 2 - Concepção do Setor Sul segundo proposta de Armando de Godoy, 1936-1938. Ilustração conceitual. Redesenho e montagem sobre a planta do bairro e o retrato do engenheiro. Autoria: Beatriz Gonçalves. Fonte: IBGE, 1942.

de necessidades fixa os objetivos e estabelece as finalidades da obra, traduzindo as necessidades e aspirações do futuro usuário. Já os meios de composição são os recursos materiais, intelectuais e artísticos necessários para conceber e executar a obra. Os “fatores condicionantes”, por sua vez, são os fatores externos ao campo da arquitetura, ou seja, a estrutura e a vida social e os fatores econômicos, históricos e políticos a ela relacionados.

A etapa da concepção da obra caracteriza-se pela idealização propriamente dita. Refere-se à criação do novo espaço e à elaboração do projeto ou do plano, conforme o caso. Sendo o projeto ou plano um instrumento de transposição do espaço idealizado para a realização construída, tem como objetivo informar a condução e o controle dos trabalhos de execução do espaço. Como na realidade estas três etapas – concepção, realização⁵ e apropriação – não se desenvolvem rigorosamente nessa ordem, o plano/projeto passa por constantes reformulações durante o processo de realização do espaço (Figura 3).

No caso do espaço urbano, a etapa de realização caracteriza-se pelos trabalhos de implantação do plano. O que ocorre é que ele, numa proporção maior que o espaço arquitetônico, nunca está concluído, está sempre em transformação.

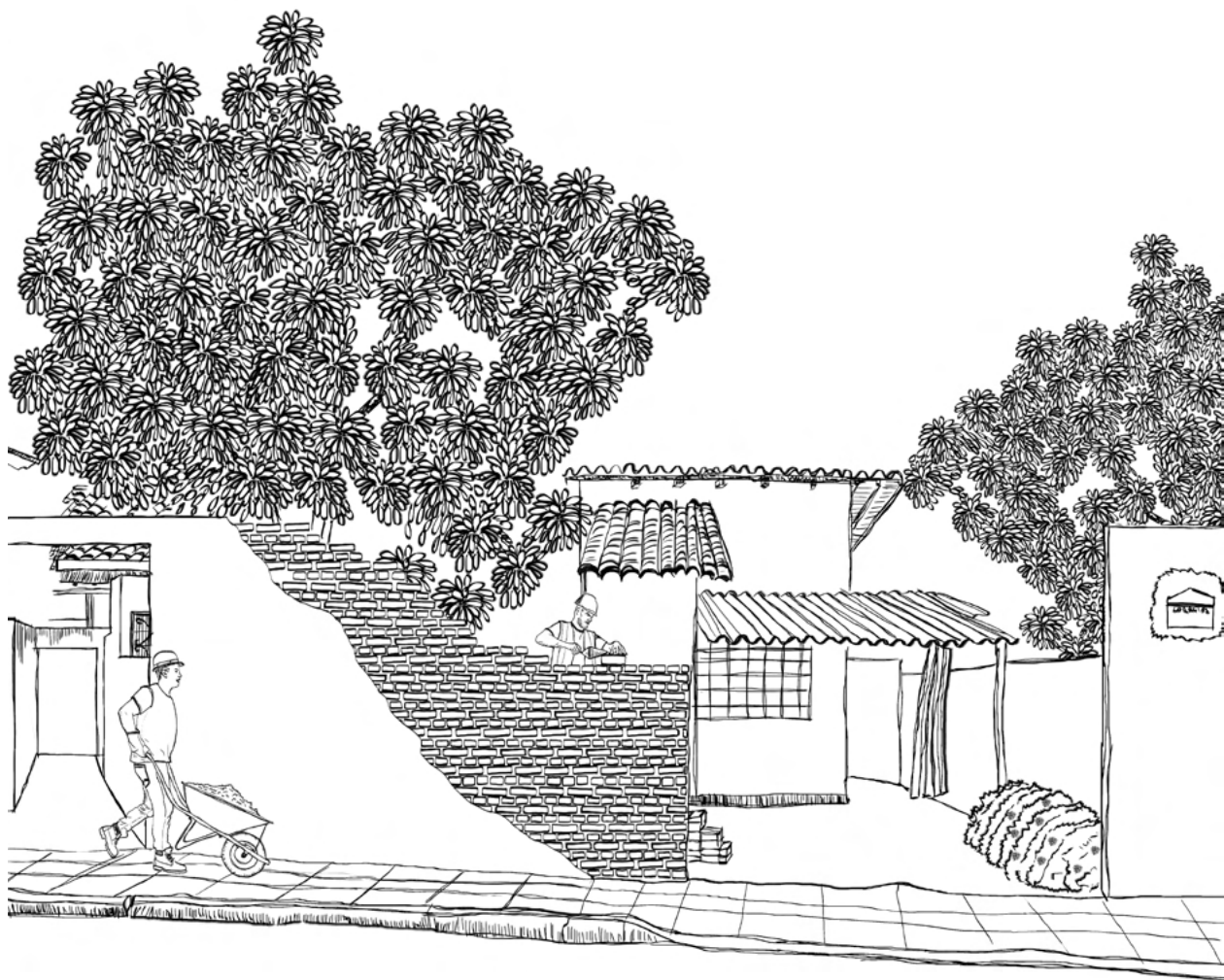
Estas transformações sucessivas e permanentes refletem as mudanças que ocorrem na própria vida dos moradores, na sucessão das gerações e em cada geração. [...]

É tão estreito o vínculo do espaço urbano com a vida cotidiana dos seus moradores que não se dispõe de um outro modo de conceber a cidade senão como uma estrutura

social exercendo suas atividades cotidianas ao abrigo de uma estrutura espacial. A população, o coletivo, o cidadão constituem o verdadeiro conteúdo da forma urbana. (GRAEFF, 1985a).

Quando Graeff salienta a relevância da vida cotidiana no processo de formação do espaço urbano, seja na condição de plano ou na condição de espaço físico, fica evidente o alerta sobre a importância de se considerar estes aspectos já na etapa de concepção. Nesse caso, per-

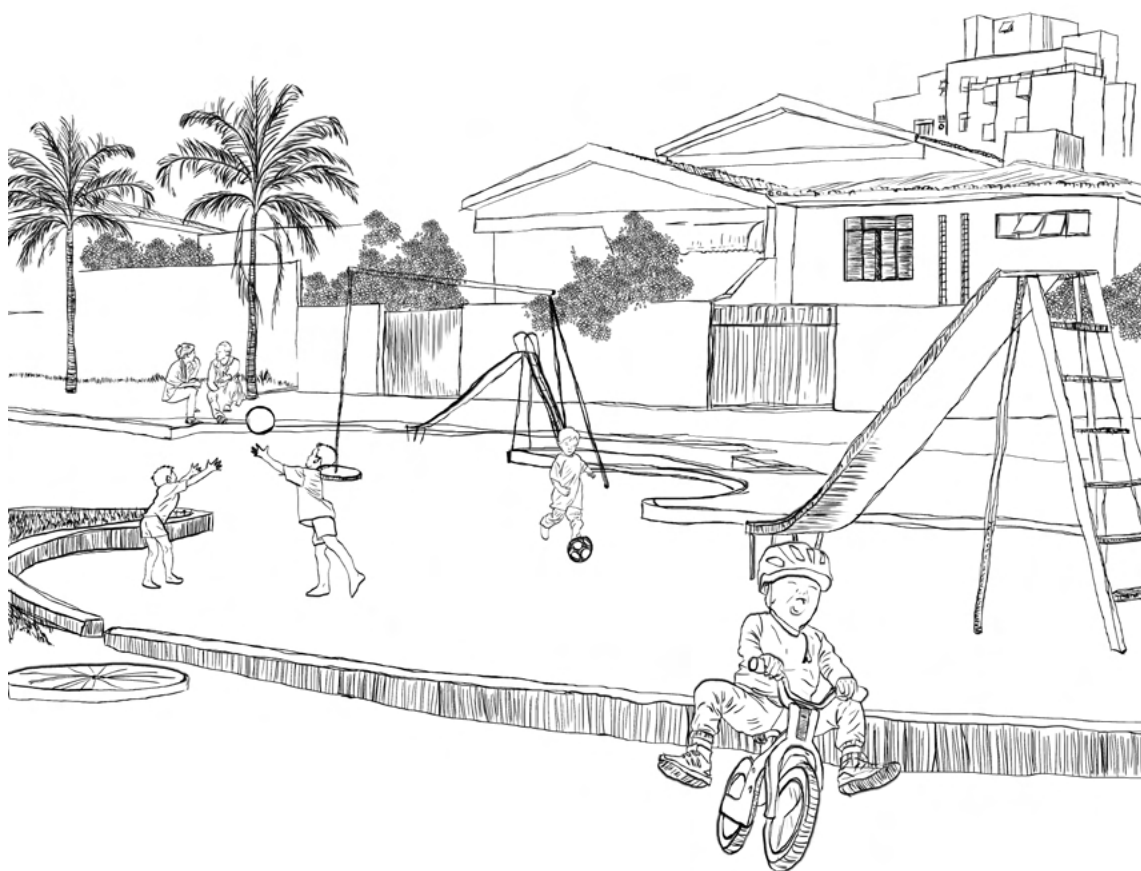
Figura 3 - Construção do Setor Sul. Primeiras residências. Ilustração sobre fotografia com intervenções. Autoria: Beatriz Gonçalves. Foto: Eline Caixeta, 1986.



cebe-se uma crítica velada ao planejamento urbano até então realizado no Brasil, preocupado apenas com o caráter formal e técnico da constituição das cidades e esquecendo o seu conteúdo humano e social, que é o que a mantém como organismo vivo.⁶

Já a terceira etapa, referente à apropriação do espaço, é a que adquire maior transcendência segundo o argumento do autor, pois, com a ocupação e adequação aos hábitos e modos de vida, a cidade passa de espaço construído a “espaço animado”⁷ e o espaço urbano, como ambiente, toma seu significado e sua real função (Figura 4).

Figura 4 - Apropriação do Setor Sul. Travessa 104G, Quadra 19. Ilustração sobre fotografia com intervenções. Autoria: Beatriz Gonçalves. Foto: Eline Caixeta, 1986.



No processo de apropriação do espaço urbano, ao torná-lo “próprio”, as intenções iniciais do projeto e sua concepção, bem como o espaço construído, sofrem constantes mudanças decorrentes das pressões da vida cotidiana. Este fato se deve às contradições naturais existentes entre a cidade idealizada no que diz respeito à estrutura espacial e à estrutura social que esta abriga e ainda às contradições internas desta estrutura social.

O Setor Sul é um exemplo típico desse fenômeno, pois apesar de sua idealização ter como modelo a cidade-jardim de Howard, nos Estados Unidos, sua forma urbana tomou outros rumos por conta da influência da cultura de morar da população, identificada com outras urbanizações do interior do Estado, como as cidades de Goiás e de Pirenópolis. No entanto, Goiânia mostra-se de fato como verdadeira cidade-parque, até a década de 1980, por mérito da predominância de ruas e avenidas arborizadas e a supremacia do verde sobre o construído, conforme destaca Edgar Graeff (1985b) em 1983: *Goiânia 50 anos*. Para o autor, a generosa arborização dos passeios e canteiros centrais prevista no plano da cidade não teria tido êxito se não encontrasse ressonância na cultura de morar local.

Além disso, é importante notar que as contradições internas da própria estrutura social da cidade ocorrem tanto naquelas planejadas como nas de crescimento espontâneo. Isso porque em ambos os casos se institui um diálogo entre as necessidades e aspirações dos moradores, os interesses políticos e os interesses econômicos ditados pelos especuladores do solo, entre outros agentes do capitalismo.⁸

No caso das cidades planejadas, a contradição entre a intenção do projetista, que se desenvolve mais em nível teórico, de ideias, e a realidade concreta do espaço construído e habitado, faz parte de uma contradição ainda maior, segundo Graeff (1985a), que se dá em todos os campos da vida humana: a contradição entre a teoria e a prática.⁹

É certo que o desenvolvimento de toda teoria está vinculado a uma realidade prática. Porém, sempre existe uma distância ou uma diferença, e até mesmo uma contradição, entre a teoria formulada e a realidade prática. Essa distância se dá pelo fato de a teoria não conseguir interpretar e incorporar ao seu patrimônio de conhecimentos todas as transformações ocorridas na prática com a mesma velocidade que estas processam. Mesmo porque a realidade prática é muito rica em acontecimentos novos e inesperados que surgem e desaparecem, uma rapidez muito grande e em planos diferentes. Por isso deve-se adotar sempre a dúvida como instrumento básico da atividade teórica e as verdades teóricas como verdades relativas que se atualizam na presença de novas realidades.

Além do mais, os conceitos teóricos são sempre elaborados com base em experiências passadas, refletindo realidades anteriores, e, mesmo que a realidade anterior seja semelhante à atual, ela nunca vai ser a mesma. Ao se planejar uma cidade nunca se sabe se ela vai “dar certo” ou não antes de ela se concretizar como tal.

Nessa perspectiva, não se pode basear em outras cidades para saber a maneira como irá se comportar a cidade planejada, porque cada cidade é única. O máximo que pode ser feito no planejamento urbano é tentar aproximar-se do existente, fazendo um exercício sistematizado

de reflexão e crítica da realidade com a qual se vai lidar e tentar aplicar esse exercício no processo de idealização da cidade.

Mesmo assim, no processo de idealização da cidade ocorrem inúmeras limitações decorrentes da distância que há entre a teoria e a prática. Podem-se avaliar com alguma precisão alguns aspectos materiais da sua obra futura como: formato, dimensões, esquemas de circulação e zoneamento etc. Mas quanto a seus aspectos essenciais, responsáveis pelos valores mais significativos da cidade – a relação entre as atividades da cidade e o espaço urbano, seu processo de ocupação e as suas tendências de crescimento –, só é possível prever-se os resultados, assim mesmo de forma muito duvidosa.

Apropriação do espaço urbano

Na “Apresentação” do livro *Quando a rua vira casa*, de 1985, Paulo Nelson Ferreira dos Santos aborda o espaço da rua, a casa e o bairro como “microcosmos” dentro do universo da cidade e como “espaço praticado”, onde o papel da cultura tem especial relevância.

Entende-se por cultura “a maneira de um povo organizar sua vida social, de apropriar-se dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la” (SANTOS, 1986, p. 7). A cultura é produzida como resultado da história dos agrupamentos humanos e relaciona-se com suas condições materiais de existência. É, portanto, um produto coletivo da vida urbana (Figura 5).

Para que os conhecimentos de um povo sejam condensados e todas as suas experiências acumuladas sejam transmitidas, são criados códigos culturais. “Em qualquer sociedade há códigos culturais que viabilizam

a leitura, a apropriação e o aproveitamento dos lugares” (SANTOS, 1985, p. 13). Esses códigos culturais são as memórias e as significações que estão impregnadas às diversas partes das cidades e a sua relação com o cidadão.

Segundo Santos (1985), para compreender melhor a apropriação do espaço é preciso, antes de tudo, entender que o espaço único e contínuo não é passível de

Figura 5 - Conceito de cultura e códigos culturais, 2021. Bacião, Rua 113-B. Ilustração sobre fotografia com intervenções. Autoria: Beatriz Gonçalves. Foto: GOOGLE STREET VIEW, 2020.



utilização. Para que este venha a ser utilizado é preciso que lhe sejam atribuídos determinados valores e categorias. Essas categorias são geralmente os nomes que damos aos espaços que conhecemos, de acordo com o valor e o significado que eles têm para nós, como por exemplo a rua, a praça, o bosque, a casa e a escola.

Além do caráter denotativo de nomear determinadas partes do espaço, essas categorias possuem a função de estabelecer as relações entre estas partes e organizar o sistema de espaços compostos por elas. A casa, a rua, a escola ou o parque não são categorias de espaços independentes, elas precisam estar ligadas umas às outras para não perderem a sua função e o seu significado. Com isso cria-se um sistema dinâmico de espaços em que várias atividades e valores coexistem, segundo uma lógica própria.

“Um sistema de espaços só existe em conexão com um sistema de valores, ao passo que ambos são impensáveis sem a correlação necessária com um sistema de atividades” (SANTOS, 1985, p. 67). O valor dado a cada espaço, tanto simbólico como prático, advém, de uma forma ou de outra, das atividades nele desempenhadas. Este sistema de atividades depende da estrutura social que o espaço abriga e da maneira como suas relações coexistem.

O sistema de valores relativos ao sistema de atividades surge após estas atividades e as relações que as implicam serem elaboradas a um nível ideológico. Esses valores é que irão viabilizar a organização do espaço. Ou seja, a organização do espaço, antes de se realizar, passa por um processo intelectual de reconhecimento e redefinição deste espaço e de suas atividades.

Conclui-se, então, que a apropriação do espaço se dá com a prática do seu uso e se organiza em forma de categorias de espaços diferenciados por meio de valores atribuídos.

Existem duas categorias de classificação dos espaços: a primeira abrangendo a casa e a rua como partes de um espaço, e a segunda abrangendo as noções de público e privado. Porém estas categorias normalmente se sobrepõem, dividindo-se em dois tipos principais de espaços: o construído, fechado e em maior ou menor grau privatizado (casas, lojas, oficinas etc.), e o aberto e de uso público (ruas, becos, praças etc.).

A gradação do privado para o público relaciona-se com os espaços da casa, do jardim, da calçada e da rua, nesta ordem. A casa e a rua são os polos de oposição – a casa é predominantemente um espaço privado e a rua um espaço público (Figura 6).

A rua, além de servir como referencial definidor de limites, de estruturar e organizar uma cidade e servir como via ou local de passagem, é um local onde a vida social da cidade acontece. O conjunto de relações sociais que a polariza é o de relações contratuais que fazem parte do convívio entre as pessoas que não têm outros laços de união além de serem cidadãos e morarem na mesma área.

Ao domínio da rua também pertencem os estabelecimentos ou negócios, além da rua propriamente dita. Estes estabelecimentos são casas comerciais, oficinas e até mesmo residências onde coexistem outras atividades juntamente com a habitação.

Em contraposição com a rua, onde se dão as relações formais, expostas e visíveis, a casa está associada à família e os valores da intimidade. As relações sociais que compreendem a casa são relações pessoais e informais, correlacionadas geralmente com o descanso.

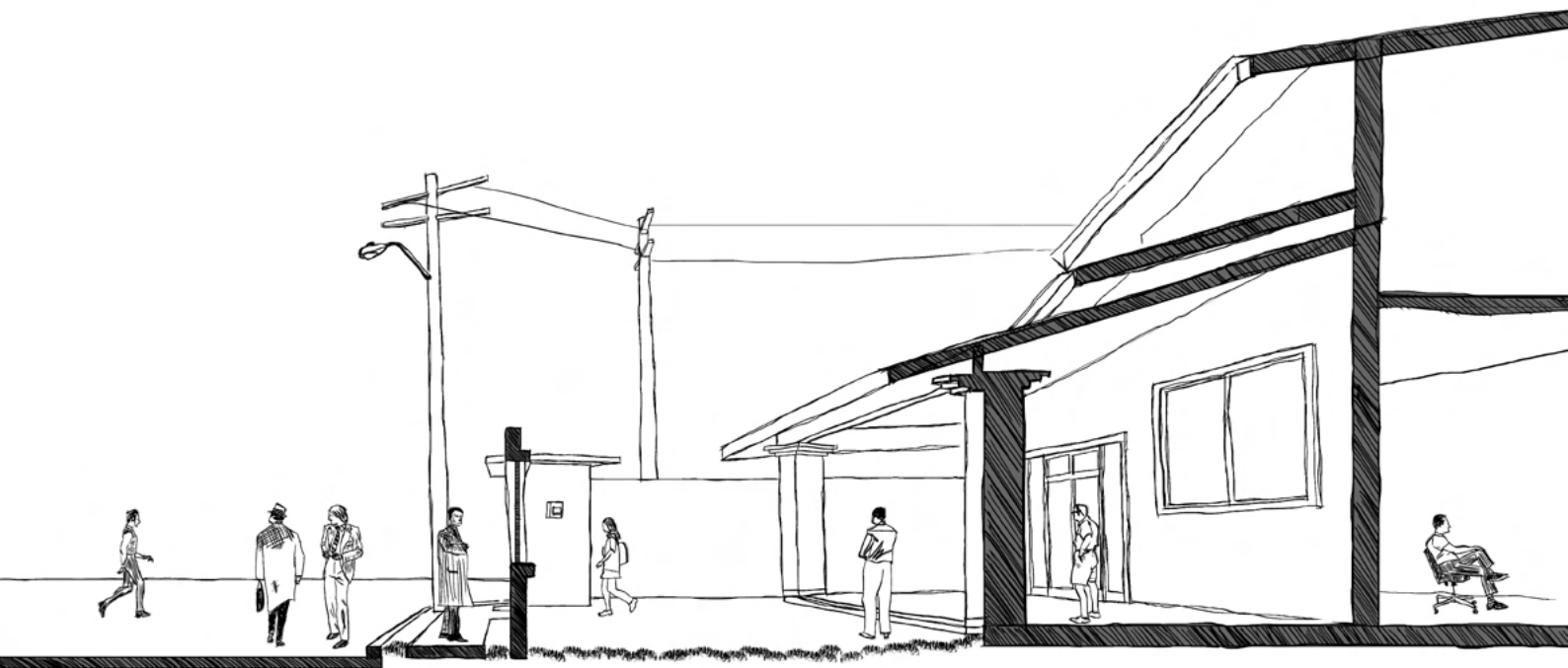


Figura 6 - A rua e a casa: categorias distintas de espaço. Ilustração. Autoria: Beatriz Gonçalves.

A casa e todos os outros espaços relacionados com o valor de privacidade podem ser espaços fechados ou não. A privatização de um espaço se dá por intermédio de limites físicos como os muros ou por meio de limites simbólicos como a colocação de cadeiras na calçada ou da realização de “peladas” nas ruas. Olhando por outro lado, as janelas e as portas são elementos integradores do espaço, pois elas atuam de forma a eliminar os limites entre o espaço público e o privado. Isto ocorre ou pela visão que elas, janelas e portas, dão ao passante do interior das casas ou quando os vizinhos se utilizam delas para comunicarem-se entre si.

A oposição das esferas relacionais da casa e da rua não é muito rigorosa. Na realidade existem lugares nas

ruas onde as relações formais e contratuais são suspensas e dão lugar às relações informais. Estes lugares são os “pontos de encontro”, lugares mais ou menos familiares onde as pessoas têm o costume de se encontrar para “bater um papo”, jogar um futebol e outras coisas desse gênero. Os pontos de encontro podem ser nas calçadas, nas esquinas ou no leito da rua. Neste caso, a rua passa a ter o significado de casa.

Da mesma maneira existem ocasiões em que o espaço doméstico se abre para todos. As casas onde são executados trabalhos não relacionados com as atividades domésticas, como a venda de roupas, por exemplo, entram para o domínio do público. Estes trabalhos sempre causam problemas para a casa, pois representam um perigo de contaminação do espaço doméstico por relações normalmente excluídas dele. Assim, a conjugação do morar com o trabalhador no mesmo espaço requer redefinições e, portanto, uma nova divisão deste espaço.

Aquilo que não é nem casa, nem estabelecimento, nem ponto, é a rua despojada de todos os seus possíveis significados, com exceção de um único – o de via, de atalho, como resolvemos designá-la quando se reveste univocamente da função de passagem. Nesta qualidade ela se apresenta como ponto extremo, do público e do impessoal. (SANTOS, 1985, p. 70).

Espaços diversificados

Os espaços em que existem mais de um sistema de atividades ou usos são os chamados espaços diversificados. O princípio da diversidade dá muitas conjugações de espaços e atividades, e a função

Figura 7 - A casa como espaço diversificado: a coexistência entre o morar e o trabalhar. Desenho sobre foto. Autoria: Beatriz Gonçalves. Foto: Eline Caixeta, 1986.

do espaço diversificado é de articular atividades como o lazer, o trabalho e o morar, com todas as suas possíveis modalidades.¹⁰ A coexistência de muitas atividades torna o espaço rico em termos de relações sociais e ao mesmo tempo atraente (Figura 7).



A articulação das residências, negócios, locais de trabalho, serviços, estabelecimento de culto e lazer, promove o encontro sistemático das pessoas e dos grupos em função da maneira pela qual partilham, numa configuração espacial precisa, a multiplicidade dos meios que viabilizam a vida cotidiana. (SANTOS, 1985, p. 76).

Dessa forma passa a existir não só uma comunidade funcional, mas uma comunidade moral em que as pessoas reconhecem um conjunto de expectativas e obrigações mútuas.

Geralmente, esse tipo de apropriação de um espaço comum para diversos fins se dá no domínio do espaço público. A rua torna-se com frequência o lugar da novidade, do inesperado: é nela que se mantém o contato com o outro. A partir daí colocam-se duas questões: a da segurança e da socialização.

O problema da segurança das ruas não é um problema das ruas como espaço físico, mas da maneira como se configuram socialmente. Marginalizar a rua desfigurada socialmente, procurando áreas privadas para o lazer e convívio social por motivos de segurança, é fugir da problemática social do urbano. A socialização tanto da criança como do adulto por meio da diversidade das ruas é muito importante, porque esta troca reiterada está na raiz de construção social da pessoa.

O que acontece com os espaços especializados e exclusivos, onde se procura ter mais segurança e privacidade, como áreas de lazer, clubes de vizinhança e condomínios, são a ausência de interação e integração social e a falta de vida comunitária. A importância do espaço diversificado, por ser um espaço onde se desenvolvem as relações sociais em to-

das as dimensões, está relacionada à sua função como espaço educativo onde se elaboram a cidadania e a civilidade.

Percepção do espaço urbano

A percepção ou leitura da cidade, ou seja, a “imagem mental” que cada cidadão ou grupo social tem de uma cidade, é um fator importante para a apropriação do espaço urbano, segundo Kevin Lynch (1980). É com base nessa leitura que a pessoa interpreta os vários elementos que constituem o espaço e se apropria dele.

A leitura da cidade é influenciada por fatores culturais como: o significado social de uma área, sua função, sua história e até mesmo seu nome. Esses fatores culturais, segundo o autor, envolvem valores subjetivos que são atribuídos aos elementos do espaço e estão relacionados com acontecimentos e fatos passados que marcaram, de uma maneira ou de outra, a vida da comunidade ou mesmo do indivíduo. Esses valores irão interferir na percepção da cidade de tal forma, que ela nunca se dará de forma integral – captando todos os seus elementos como são na realidade –, mas sim de forma parcial e individual.

Para Lynch (1980), a necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão grande que, além de ter um sentido prático no que se refere à localização, à delimitação e à apropriação do espaço, tem também grande relevância emocional com relação ao seu significado em termos de satisfação diária, conforto, segurança e abrigo da existência humana. Quando se fala em segurança, refere-se à facilidade e desprendimento com que as pessoas, ao conhecerem o espaço urbano, apropriam-

-se dele, locomovendo-se por ele, utilizando-se dele, localizando-se na malha urbana e até mesmo estabelecendo uma relação, na maioria das vezes, emocional com a cidade, ou seja, colocando-se como parte do contexto físico e social da cidade.

Assim, a imagem da cidade é construída por dois tipos de elementos formais: os elementos fixos, que são as ruas, os limites, os núdulos e os bairros; e os elementos móveis, que são as pessoas e suas atividades. Os elementos móveis são tão importantes na percepção da cidade quanto suas partes fixas, pois são elas que dão vida à cidade, criando vínculos entre seus espaços e dando sentido a eles (Figura 8).

O bairro e as ruas são os dois elementos mais importantes para o indivíduo estruturar a cidade, porém são as ruas os elementos que mais predominam na sua imagem. Os limites funcionam como referências secundárias e servem para manter unidades diversas áreas. Já os pontos marcantes adquirem um significado crescente na medida em que os deslocamentos das pessoas se tornam mais familiares. Estes pontos marcantes são lugares que orientam a formação da imagem da cidade, seja por seu significado simbólico como lugar memorável, evocando lembranças do passado, seja por seu significado prático, servindo como referencial de localização.

A cultura de um agrupamento humano, que reflete o seu passado e está intrínseca na sua maneira de viver, conceber a realidade e expressá-la, também está presente na formação da imagem mental que cada um tem da cidade, orientando, segundo seus valores, a formação desta imagem.

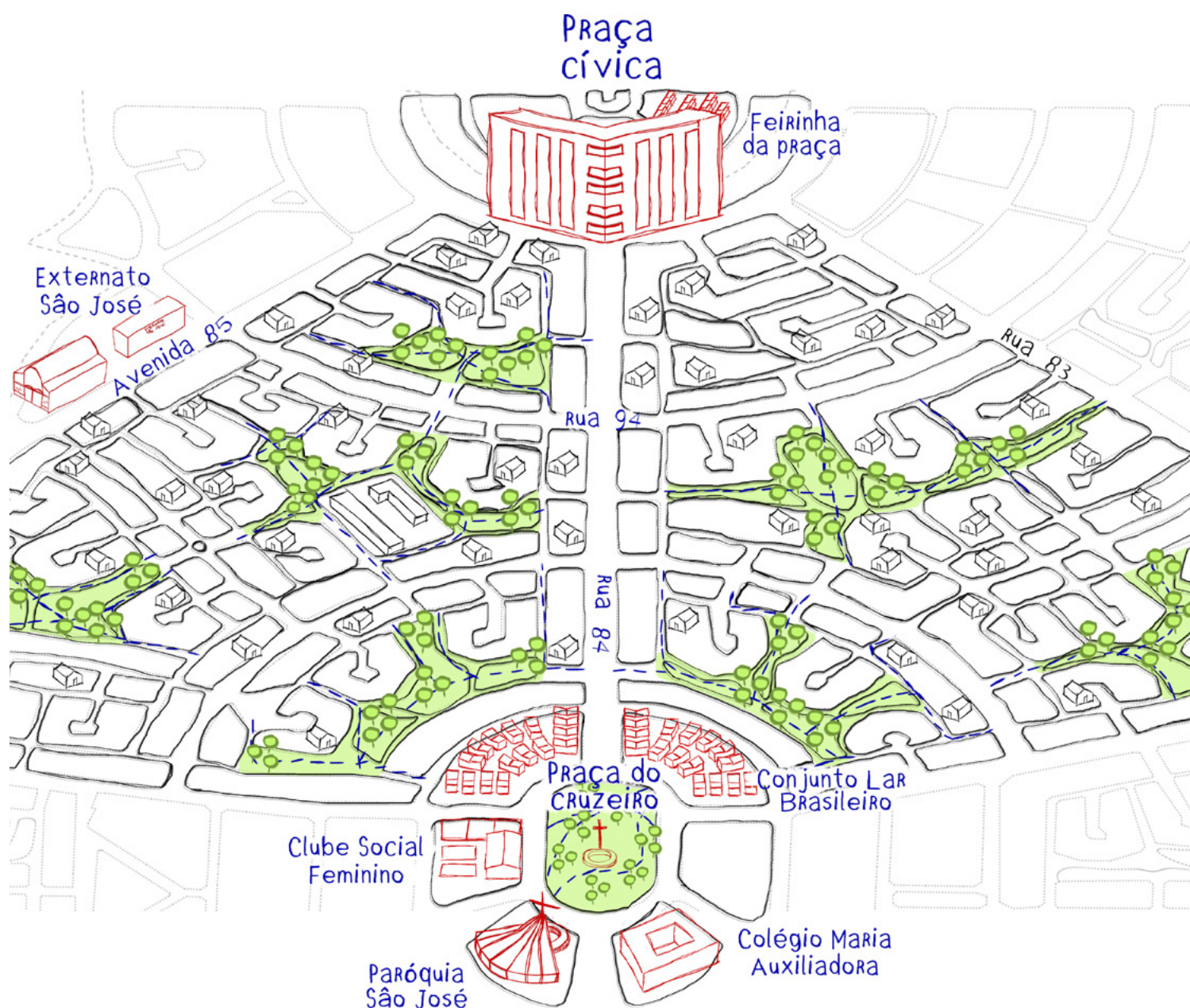
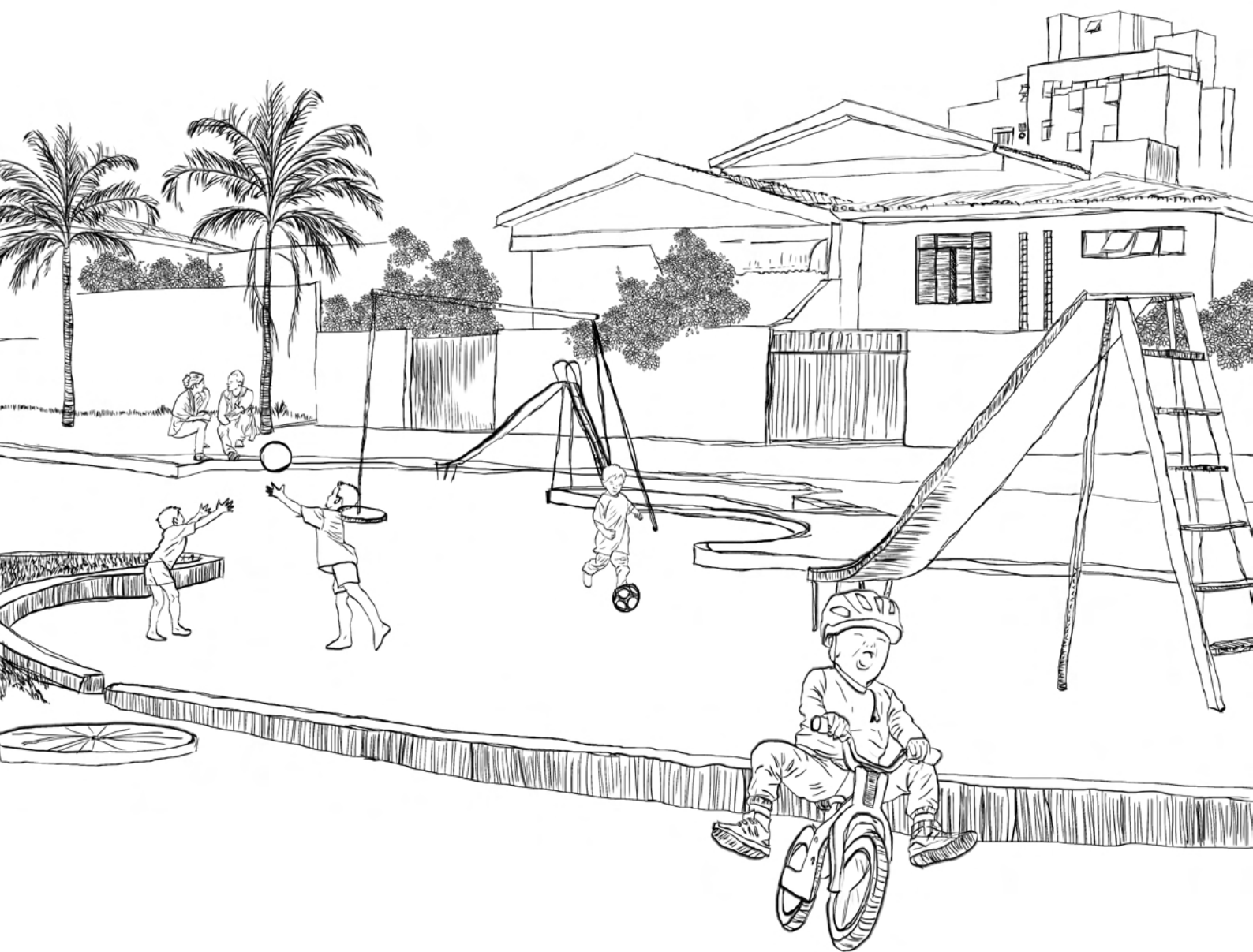


Figura 8 - Mapa mental do Setor Sul. Ilustração feita a partir do relato dos moradores. Autoria: Beatriz Gonçalves. Fonte: (Apêndice A).

Notas

1. O Setor Central de Goiânia, por exemplo, até os anos 1960-1970 incluía três bairros com identidades próprias: o centro comercial e administrativo, propriamente dito, o Bairro Popular e a Vila Militar. ↩

2. Apostila (mimeografada) elaborada dentro do projeto de pesquisa “Oito vertentes e dois momentos de Síntese da Arquitetura Brasileira”. ↩
3. Em seu livro *A cidade utopia* (1979), Graeff identifica a cidade como “espaço urbano”, “lugar” e “habitat humano”. ↩
4. Quando falamos de plano ou projeto estamos nos referindo ao plano urbanístico e ao projeto arquitetônico. ↩
5. No caso do plano urbanístico, a etapa de realização refere-se à sua implantação, o que inclui a construção das vias e de toda infraestrutura necessária para que as pessoas possam se apropriar do espaço urbano. ↩
6. Nesse caso, referimo-nos aos Planos Diretores de Desenvolvimento Integrado, iniciados no Brasil na década de 1970, de crescente complexidade e nos quais ainda se identificava a permanência de uma tradicional preocupação físico-territorial. ↩
7. Espaço animado é definido por Graeff ([1979] 2006, p. 38) como sendo o “espaço dotado de ‘vida’, capaz de solicitar esteticamente e despertar emoções”, ou seja, o “espaço dotado de alma”. ↩
8. No caso das necessidades e aspirações dos moradores, além de refletirem as necessidades materiais de sobrevivência, também estão ligadas à cultura de morar e ao valor que se atribui a cada tipo de espaço. ↩
9. Quando Edgar Graeff fala da contradição entre a teoria e a prática, ele se refere à distância existente entre o que é idealizado e o que de fato ocorre na realidade, propondo como mediador entre teoria e prática o exercício da práxis: união dialética entre teoria e prática. Ou seja, trata-se da reflexão sobre a prática, quando a teoria é colocada à prova e experimentada no mundo real, por meio de uma ação reflexiva. ↩
10. A primeira sensação ao se deparar com estes espaços é a de aparente desordem, depois descobre-se que há uma ordem em função da qual os espaços e as atividades correlatas podem vir a ter um sentido comum. ↩



CAPÍTULO 2

O PROJETO DO SETOR SUL
E SUA CONCEPÇÃO

Entre 1933 e 1935, o arquiteto Attilio Corrêa Lima, prestigiado profissional formado em urbanismo pela Universidade de Paris, foi contratado para elaborar o plano de Goiânia. Depois que concluiu os estudos referentes ao planejamento da cidade, Corrêa Lima é afastado e os engenheiros Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno assumem a direção geral das obras de construção da capital.

Diante da magnitude da tarefa assumida e em virtude de discordâncias sobre o plano, Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno sugerem ao governo do Estado a nomeação de uma comissão de técnicos para a emissão de um parecer sobre estes estudos.¹ Nessa época, o Setor Central já estava sendo implantado e entre os estudos apresentados por Corrêa Lima já constavam os referentes aos setores Norte, Sul e Oeste, que haviam sido iniciados.

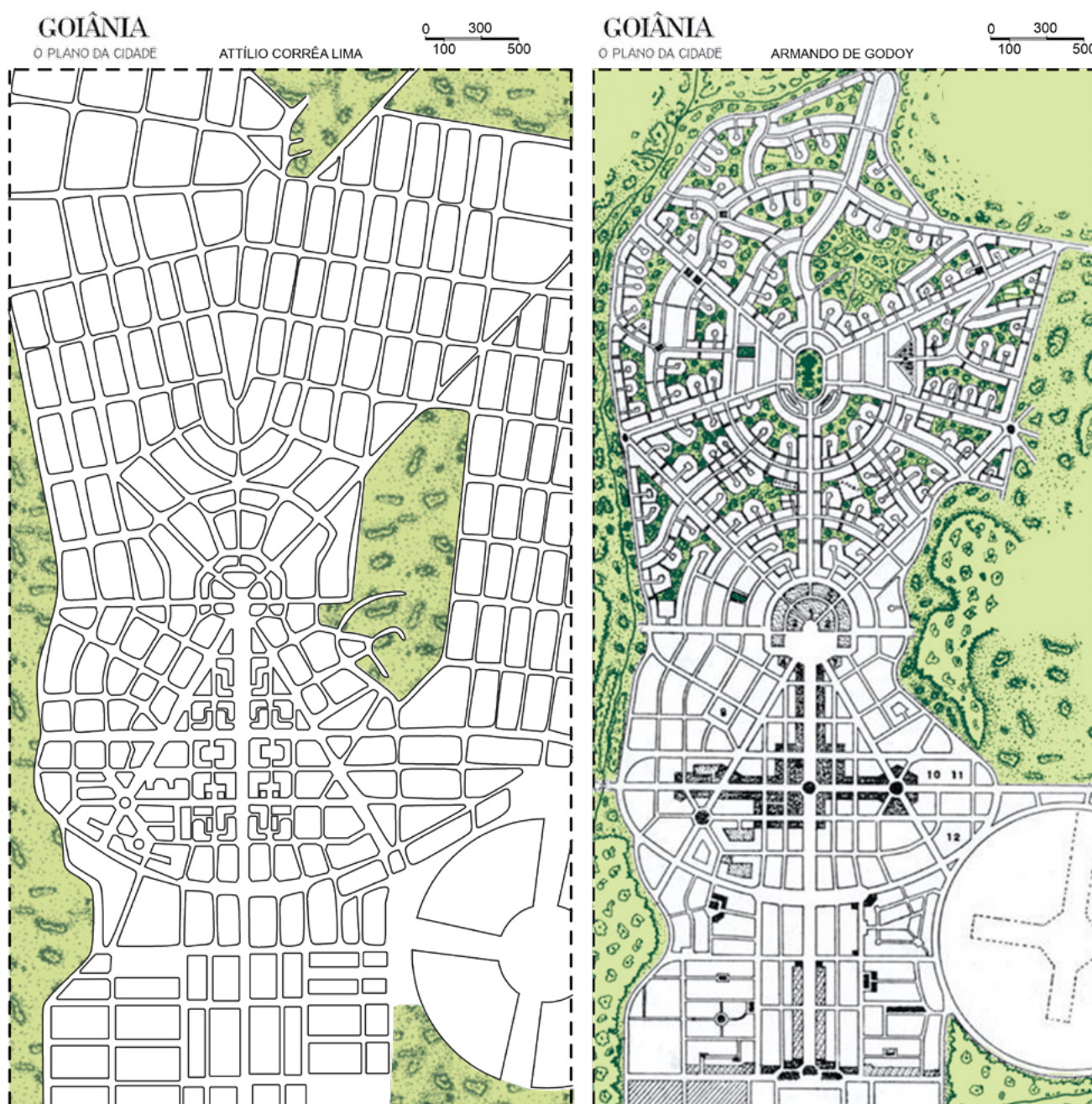
Uma das pessoas indicadas para compor esta comissão foi o urbanista Armando Augusto de Godoy.² Na época, Godoy já era um profissional reconhecido nacionalmente, pois desempenhava cargos técnicos de

grande responsabilidade em repartições federais e na Prefeitura do Distrito Federal, possuindo em seu currículo a colaboração com Alfred Agache, urbanista francês encarregado do Plano Diretor do Rio de Janeiro e uma referência de planejamento urbano naquele momento (ALVARES, 1942). Além disso, em 1933, ele já havia sido convidado pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira a apresentar um relatório para a definição do local de construção da futura capital do Estado.

Nesse documento Godoy expõe sua visão sobre a cidade moderna e sugere critérios para o planejamento, o financiamento e a construção da Goiânia, que na época tiveram uma boa repercussão. Alguns desses critérios foram inclusive adotados posteriormente, como a venda antecipada dos lotes acompanhada de propaganda produzida para viabilizar o financiamento das obras e a construção de infraestrutura completa na área urbanizada a fim de valorizar os terrenos, bem como o caráter estético e os materiais utilizados nas edificações públicas, visando à racionalidade e à economia de meios. Nesse relatório Godoy cita o exemplo de várias cidades modernas planejadas para ilustrar os critérios sugeridos, entre elas, Belo Horizonte, Letchworth na Inglaterra, Gary e Chicago nos Estados Unidos e Magnitogorsk na República Russa (IBGE, 1942).³

Apesar da iniciativa dos engenheiros Coimbra Bueno em colocar em discussão o plano elaborado por Attilio Corrêa Lima por uma comissão de técnicos, não houve a formação desta comissão, passando Armando de Godoy a atuar como consultor técnico da firma Coimbra Bueno, nos trabalhos de revisão do plano.

Godoy participou dando sugestões para o projeto de Goiânia de um modo geral, mas sua atuação mais representativa foi quanto ao projeto



do Setor Sul, mediante traçado alterado dentro de uma nova concepção urbana, dado que Corrêa Lima pertencia à escola francesa de urbanismo e Godoy estava mais ligado à escola americana (Figura 9).

Figura 9 - Plano de Atílio Corrêa Lima para a nova capital do Estado de Goiás e plano modificado pelo escritório da firma Coimbra Bueno, sob consultoria de Armando de Godoy. Redesenho com intervenção. Autoria: Beatriz Gonçalves. Fonte: IBGE, 1942.

A revisão do plano do Setor Sul, realizada pelos irmãos Coimbra Bueno, contou com a participação de Werner Sonenberg do Departamento de Obras do Estado, além da consultoria de Armando de Godoy. A intenção era que o plano do Setor Oeste também fosse modificado seguindo a mesma orientação adotada no Setor Sul, o que acabou não ocorrendo, em função da decisão de reservar a área definida para o Setor Oeste como primeira zona de extensão da cidade e o projeto ter sido desenvolvido posteriormente.

As principais alterações realizadas no Setor Central foram relativas à delimitação da zona comercial, com diminuição de sua área, e ao traçado da Praça Cívica, com modificações nas vias e a incorporação de um novo paisagismo. Os argumentos que nortearam essas mudanças foram a preocupação com o desequilíbrio entre a “oferta” e a “procura” de comércio considerando a população prevista, no caso da zona comercial, e a eficiência e conforto do tráfego no entorno no Centro Cívico, tendo em vista o trabalho nas repartições. No contexto de revisão do plano, o Setor Norte foi projetado como bairro operário, com a presença de indústrias, e o Setor Sul como bairro eminentemente residencial. A área destinada ao Setor Leste foi mantida, para abrigar um futuro bairro universitário, projetado posteriormente como Setor Leste Universitário.

O plano do Setor Sul foi aprovado em 1938, dentro do Plano de Urbanização da cidade, como parte de uma zona urbana “nitidamente delimitada, em perímetro fechado” (ALVARES, 1942, p. 161) (Figura 10). Esta zona compreendia os setores Norte, Central e Sul, Campinas como cidade-satélite e as áreas destinadas ao aeroporto e aos parques dos Buritis, do Capim Puba e dos Bandeirantes, além do Zoológico e do Hipódromo.

GOIÂNIA
O PLANO DA CIDADE

0 100 300 500

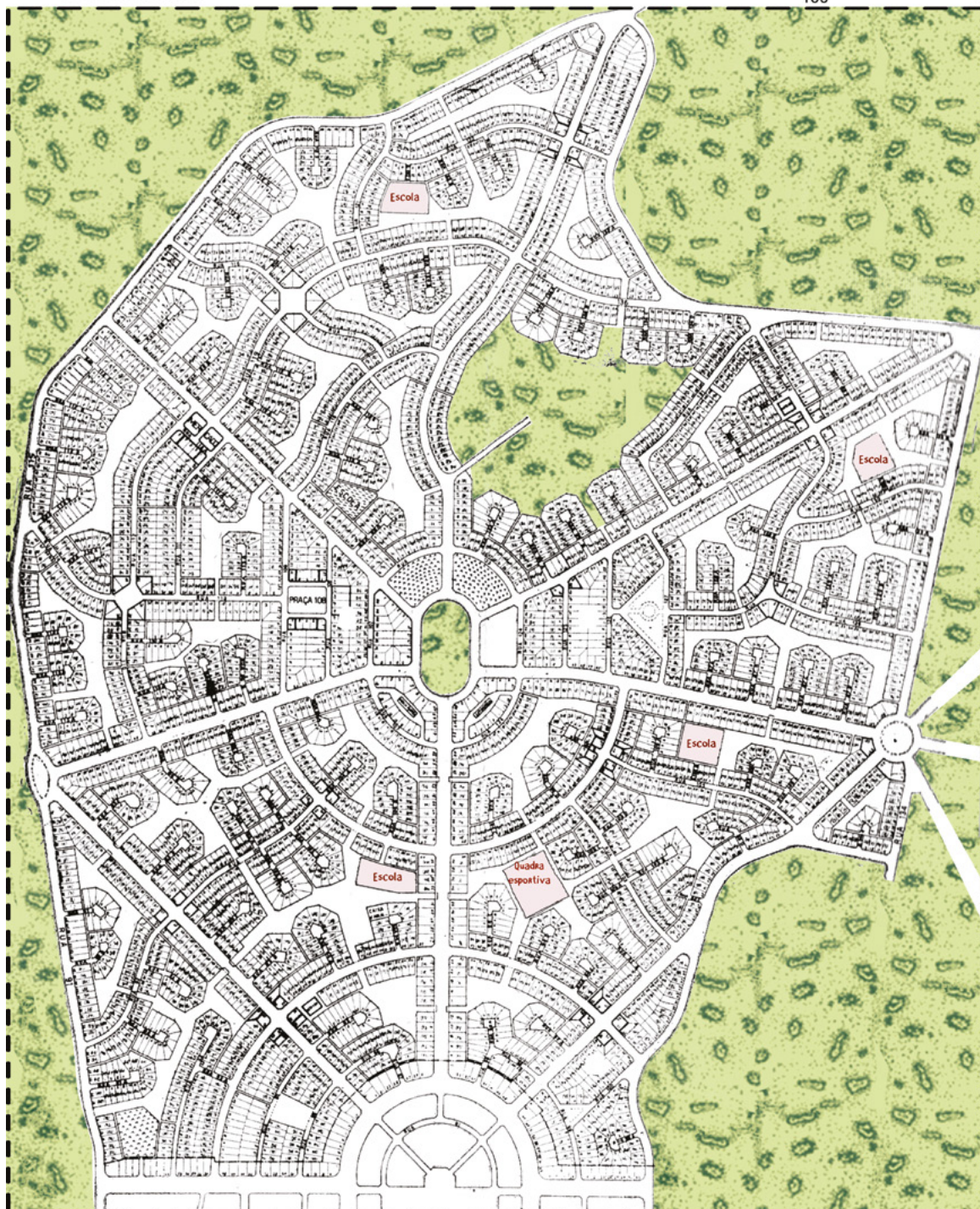


Figura 10 - Planta do Setor Sul, Plano de Urbanização de Goiânia, 1938. Redesenho com intervenção. Autoria: Beatriz Gonçalves. Fonte: ALVARES, 1942.

A área suburbana foi delimitada tendo como referência os elementos naturais, sendo eles os córregos João Leite, Anicuns, Vaca Brava, seguindo pelo espigão divisor das águas até a cabeceira do Córrego da Onça.

A ideia de um crescimento orgânico e ao mesmo tempo controlado estava presente na proposta, com a previsão de uma área de expansão urbana entremeada por parques, a construção paulatina dos bairros com toda infraestrutura urbana na medida da necessidade, o aproveitamento de áreas de cultura nas zonas Sul e Oeste e a venda de chácaras na periferia da cidade, em locais que não fossem empecilhos ao crescimento urbano.

Assim sendo, a realização das obras do Setor Central e Norte ocorreria num primeiro momento, a construção do Setor Sul seis anos mais tarde e a construção do Setor Oeste e Leste Universitário posteriormente. Durante a instalação da rede pluvial do Setor central, já prevendo a construção do Setor Sul, foram construídos dutos com diâmetros suficientes para a descarga total de água em cada extremidade de sua área, para atender à futura rede de distribuição de água do bairro.

A concepção urbanística de Armando de Godoy

Na zona sul é que surgirá a mais moderna solução urbanística do momento atual. Será aqui realizada, pela segunda vez no mundo, a solução mais técnica para as cidades modernas e que foi pela primeira vez realizada há poucos anos em Radburn, cidade do século XX, como é denominada nos Estados Unidos. (CORREIO OFICIAL, 3 maio 1936 *apud* ALVARES, 1942, p. 16).

Armando de Godoy havia estado recentemente nos Estados Unidos e encontrava-se a par dos estudos urbanísticos dos principais centros

americanos, trazendo consigo uma forte influência urbanística desse país. A referência mais próxima utilizada no projeto do Setor Sul foi o subúrbio de Radburn, projetado por Clarence Stein e Henry Wight e construído em 1929 nas vizinhanças de Nova York como bairro-jardim, essencialmente composto por residências (Figura 11).

Figura 11 - Plano de Manejo Básico de Clarence Stein e Henry Wight para Radburn. Redesenho com intervenção. Autoria: Beatriz Gonçalves. Fonte: ARQUISCÓPIO, 2013.



Apesar de sua participação ter sido secundária, como consta no relatório de 1937 dos irmãos Coimbra Bueno, ela foi marcante, pois suas sugestões foram dispostas no relatório de revisão do projeto e implantadas na cidade.⁴ Seu comprometimento com o planejamento de Goiânia em vários momentos, desde o relatório para a definição da área de construção da cidade, em 1933, até a elaboração projeto do Setor Sul, entre 1936 e 1938, foi decisivo na divulgação de seu pensamento no meio técnico local.

Sua trajetória foi de um grande estudioso do urbanismo e da habitação no Brasil, tendo viajado pela Europa e Estados Unidos durante a década de 1930 e publicado vários artigos sobre o assunto, entre os anos de 1920 e 1940, especialmente na *Revista da Diretoria de Engenharia*, da Prefeitura do Distrito Federal. Na década de 1940, ele publica o livro *A urbs e seus problemas*, em que manifesta seu pensamento a respeito da cidade moderna e sintetiza o conhecimento de anos de estudo sobre a estrutura dessa cidade e os elementos necessários para sua construção.

Influenciado pelo movimento Garden Cities iniciado na Inglaterra por Ebenezer Howard no final do século XIX, Godoy via a cidade moderna como um centro de trabalho e de educação que, graças à evolução tecnológica e social havida nos últimos tempos, deixava de ser parasita em relação ao campo para ser o palco das transformações e conquistas da vida moderna.⁵

A cidade moderna a que se refere é a cidade idealizada por Howard, cujas ideias foram desenvolvidas inicialmente na Inglaterra por Raymond Unwin e Barry Parker e posteriormente disseminadas em outros países como a França, os Estados Unidos e a Austrália, formando o que chamou de “uma admirável escola para as massas populares”, que educa e instrui as atividades no “bom sentido”, segundo o desenvolvimento da civilização moderna (IBGE, 1942).⁶

As ideias defendidas por Godoy têm uma grande identidade com a cidade idealizada por Howard, em sua preocupação com o bom desenvolvimento das funções urbanas e uma relação harmônica entre o ambiente natural e edificado.

[...] um tipo de cidade mais orgânica: uma cidade limitada, desde o início, em número de habitantes, numa área limitada, organizada para realizar todas as funções essenciais de uma comunidade urbana, negócios, indústria, alimentação, educação etc.; equipada com um número suficiente de parques e jardins privados para manter a saúde e a suavidade de todo ambiente. [...] Nesta cidade dotada de espírito comunitário cada um seria livre, se submetendo apenas a uma convivência regulamentada pela própria comunidade. (OLIVEIRA, 1985, p. 36).

Assim como Howard, Godoy defendia a união entre a cidade e o campo, dizendo que esta era importante na medida em que se verificasse entre eles uma troca reiterada, tanto de produtos de bens de consumo e atividades econômicas como de informações e ideias, de modo que esta troca viesse suprir as deficiências de ambos.

Dentro de sua concepção de cidade moderna, demonstra sua preocupação com o nível de saúde e bem-estar físico e mental de seus moradores. Por isto, as áreas verdes e as unidades de vizinhança, que caracterizam os bairros-jardins da época, são apontadas por ele como sendo elementos importantes para assegurar a qualidade de conforto ambiental da cidade e incrementar a vida comunitária urbana.

Esta preocupação com a vida comunitária fica evidente nas recomendações para o projeto do Setor Sul, quando Godoy propõe a disposição das casas em unidades de vizinhança interligadas por parques e

jardins. Não só no projeto do Setor Sul, mas em todas as sugestões dadas por ele para a cidade de Goiânia revela-se uma concepção de cidade ligada aos princípios das cidades-jardins.

A cidade-jardim

A concepção da cidade-jardim veio como uma tentativa de resolver os inúmeros problemas que a revolução industrial provocou nos centros urbanos, no final do século XIX: os problemas sociais dela decorrentes e o crescimento acelerado e desarticulado da cidade. Ebenezer Howard, o pai das cidades-jardins, elaborou um novo conceito de assentamento urbano, fazendo uma análise das funções humanas mantenedoras da vida que se relacionavam com o urbano e o rural, procurando interpretar a inter-relação das atividades urbanas.

Conforme Lewis Mumford (1965), em *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*, Howard reintroduziu no urbanismo o antigo conceito grego do limite natural de um crescimento qualquer organismo ou organização. Propôs uma cidade limitada, que uma vez chegada a um tamanho ideal não teria sua área aumentada nem sua população, mas teria o seu todo aumentado, com a criação de novos núcleos que se interligariam.

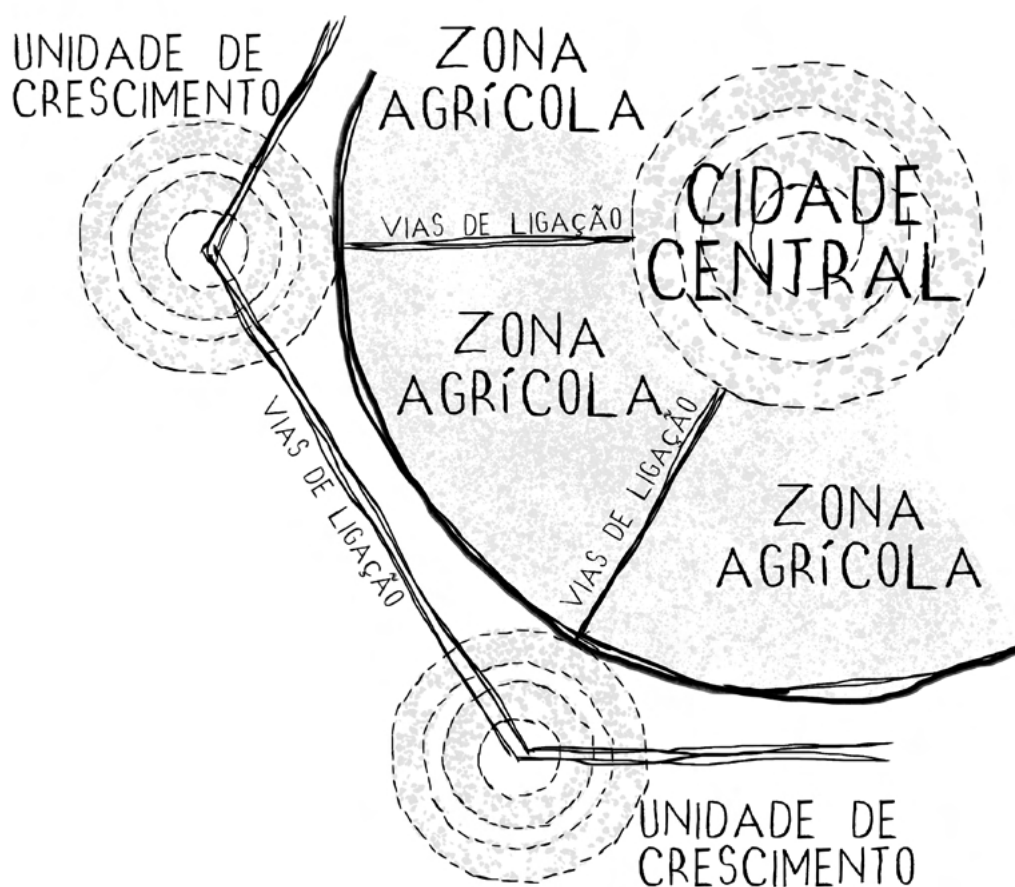
Na sua concepção, as cidades-jardins abrigariam uma comunidade organizada e contida em si mesma. Howard queria reestabelecer o senso comunitário que havia se perdido com o crescimento exagerado das cidades e, com isto, reestabelecer também a ordem e o equilíbrio da cidade. Achava que em pequenas comunidades isto seria mais fácil de ocorrer.

Howard procurava um equilíbrio dinâmico e orgânico tanto entre as diferentes funções da cidade como entre a cidade e o campo num es-

queima ecológico maior. Entendia que a diferença entre a cidade e o campo deveria acabar. O campo, que tinha sua estrutura econômica e social esgotada, e a cidade, com suas condições naturais igualmente esgotadas, deveriam se unir e suprir suas dificuldades.

Para que a união entre a cidade e o campo fosse efetivada, Howard propôs uma cidade rodeada por um cinturão verde agrícola. Esta área teria a função de conservar o núcleo urbano próximo ao ambiente rural e impedir que outros núcleos se fundissem (Figura 12).

Figura 12 - Diagrama de crescimento da cidade-jardim. Redesenho: Beatriz Gonçalves. Desenho original: Diagrama de Howard — constelação de cidades. Fonte: LUCEY, 1973.



O significado, com relação à cidade-jardim, não era a simples presença de jardins e espaços abertos: radicalmente novo era o método racional e ordenado de tratar de complexidade, mediante uma organização capaz de estabelecer o equilíbrio e a autonomia e de manter a ordem, a despeito da diferenciação, e a coerência e a unidade, a despeito da necessidade de crescimento. Essa era a idéia transformadora. (MUNFORD, 1965, p. 659).

As ideias formuladas por Howard têm antecedentes em estudiosos atentos à condição urbana e aos novos processos e potencialidades propiciados pelos avanços tecnológicos. Um deles foi o geógrafo Piotr Kropotkin, que, no final do século XIX, percebe que a divisão nítida entre urbano e rural, trabalhador industrial e trabalhador do campo iria desaparecer. De acordo com Munford (1965, p. 653), Kropotkin interpreta os novos tipos de transporte, a “flexibilidade e adaptabilidade da comunicação elétrica e a energia elétrica, juntamente com as possibilidades de cultivo intensivo e biodinâmico da terra”, como fatores que possibilitariam um desenvolvimento urbano mais descentralizado, trazendo vantagens às pequenas comunidades, isoladas e de baixo nível econômico e social.

Influenciado por Kropotkin, Howard avança ao elaborar um novo padrão de desenvolvimento urbano que visava amenizar as diferenças entre a cidade e o campo, pois percebeu que a solução para o problema do congestionamento das cidades não estava relacionada à ampliação das áreas suburbanas, mas sim à descentralização de todas as funções da cidade.

No entanto, Howard não estava preocupado em criar uma forma urbana única e acabada, mas em pensar no funcionamento dessa nova cidade. Para isso, desenvolveu alguns diagramas que definem sua estru-

tura básica de organização e crescimento e, com base neles, diversas formas urbanas poderiam ser incorporadas. Nesse sentido, a construção das *new towns* inglesas de Letchworth, em 1909, e Welwyn, em 1920,⁷ projetadas por Unwin e Parker e por Louis de Soissons, respectivamente, foi importante não apenas do ponto de vista de difundir os princípios da cidade-jardim, mas também no sentido de experimentar a materialização desses princípios, com base em determinadas formas urbanas (Figura 13).

Figura 13 - Plano de Letchworth Garden City, Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. Plano de Welwyn Garden City, Louis de Soissons, 1919. Redesenho: Beatriz Gonçalves. Fontes: BRADLEY, 2015; URBAN UTOPIAS, 2018.



O mesmo ocorreu com o subúrbio de Radburn, projetado por Stein e Wright, uns dos maiores divulgadores do conceito de cidade-jardim nos Estados Unidos. No caso de Radburn, assim como em outros subúrbios norte-americanos, somou-se o conceito de unidade de vizinhança, desenvolvido por Clarence Perry na década de 1920. Esse conceito baseava-se no resgate do senso de vizinhança, existente nas antigas aldeias e que foi perdido com o crescimento das cidades, entendido como essencial para uma vida equilibrada.

Para elaborar seu conceito de unidade de vizinhança, Perry valeu-se da experiência comum a muitas comunidades suburbanas existentes na região de Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, nas quais a ausência de uma estrutura de governo local promoveu a organização dos vizinhos, resgatando a comunidade primária – a família e a vizinhança – como núcleo social organizador. Esse núcleo, preocupado com a vida doméstica, proporcionava as necessárias facilidades de trabalho e cooperação em todos os tipos de atividades.

Os princípios básicos da unidade de vizinhança formulados por Perry eram “colocar dentro de uma distância percorrível a pé todas as facilidades necessárias diariamente ao lar e à escola; e manter fora dessa área de pedestres as artérias pesadas do tráfego de pessoas e mercadorias que nada têm que ver com a unidade de vizinhança” (MUNFORD, 1965, p. 638). Esses princípios em muitos pontos identificam-se com o conceito de cidade-jardim de Howard relacionados à preocupação com a qualidade da vida cotidiana dos moradores: a presença de áreas verdes configurando unidades urbanas de menor dimensão e mais humanizadas e o crescimento celular como resposta mais eficiente a uma organi-

zação e ordenação controlada da forma urbana, dentro de um equilíbrio orgânico presente na própria natureza.

Se a cidade-jardim foi concebida como uma espécie de unidade “cujo padrão orgânico acabaria por se difundir a partir do modelo individual, em toda a sua constelação de cidades semelhantes” (MUNFORD, 1965, p. 659-660), por sua vez a unidade de vizinhança era entendida como uma “célula social fundamental da cidade” (MUNFORD, 1965, p. 638), fixando um princípio de “crescimento celular” (MUNFORD, 1965, p. 638), porém de menor extensão e abrangência.

As experiências com o incremento de planos de subúrbios norte-americanos baseados no conceito de unidade de vizinhança e na baixa densidade populacional criaram novos caracteres de planejamento urbano, como o parque de vizinhança e as ruas de pedestre, além da utilização dos outros caracteres que vinham sendo concebidos e aperfeiçoados na Europa, como a superquadra e as ruas de veículos em *cul-de-sac* e em alça. Esses caracteres situavam-se em torno da ideia de integrar em uma única quadra as necessidades básicas de uma comunidade e proteger do automóvel tanto o pedestre quanto as atividades normalmente exercidas no espaço público, como o lazer, o ócio e a interação social.

No entanto, a divulgação de um modelo de urbanização de baixa densidade, mais afeito à tradição dos subúrbios ingleses e norte-americanos, divergia do modelo de cidade preconizado por Howard como alternativa para a cidade industrial, pois a cidade-jardim para ele era antes de tudo uma cidade. Com isso, Howard afastava-se da forma transitória do subúrbio e preconizava uma densidade realmente urbana, com edifícios de dois a três pavimentos, bem maior que a do subúrbio comum.

Os jardins, embora fazendo parte da nova cidade, não se caracterizavam como sendo seu diferencial em relação a outras cidades (MUNFORD, 1965). Seu diferencial estava na sustentabilidade social, econômica e ambiental desse novo organismo urbano, outrora denominado cidade-jardim e que hoje é tão atual.

O projeto do Setor Sul

O Setor Sul tem seu projeto realizado nos moldes do subúrbio americano de Radburn, que se constituiu num dos prolongamentos do movimento das cidades-jardins. Tratava-se de um bairro exclusivamente residencial, concebido com um traçado voltado para a “era do automóvel”. Este traçado apresentava inovações com relação ao tratamento das vias de tráfego, separadas das vias de pedestres, e à implantação das residências, sob o sistema de *cul-de-sacs*. Quando o subúrbio de Radburn foi concebido, o conceito de unidade de vizinhança já estava bem formulado, sendo nele apresentado, pela primeira vez, um sistema de áreas verdes em forma de faixas que uniam as superquadras.

O Setor Sul adotou o mesmo tipo de implantação para as habitações, dispostas em grupo, sob o sistema de *cul-de-sacs*, e interligadas por parques com a vegetação abundante e áreas para descanso e o lazer da população (Figura 14). Os parques internos, limitados pelas casas, serviriam para a locomoção de pedestres e a comunicação destes com o resto da cidade. Também contribuiriam para a boa aeração e a iluminação das residências, promovendo a saúde e o bem-estar de seus habitantes. Além disto, funcionariam como áreas de convivência, aguçando o espírito comunitário da população (Figura 15).

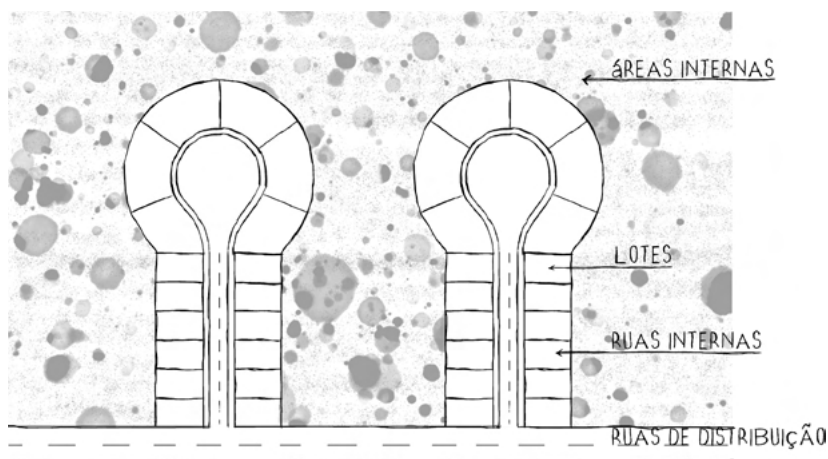


Figura 14 - Diagrama do sistema *cul-de-sacs*, no Setor Sul. Autoria: Eline Caixeta. Desenho: Beatriz Gonçalves.

Figura 15 - Áreas verdes de convivência. Redesenho e montagem com base em fotografias. Autoria: Beatriz Gonçalves. Foto: GOOGLE EARTH, 2020.

O traçado proposto e a estrutura espacial do bairro foram realizados tentando preservar ao máximo o projeto da zona central de Goiânia e criar entre o bairro e o centro da cidade uma continuidade e integração dos espaços.

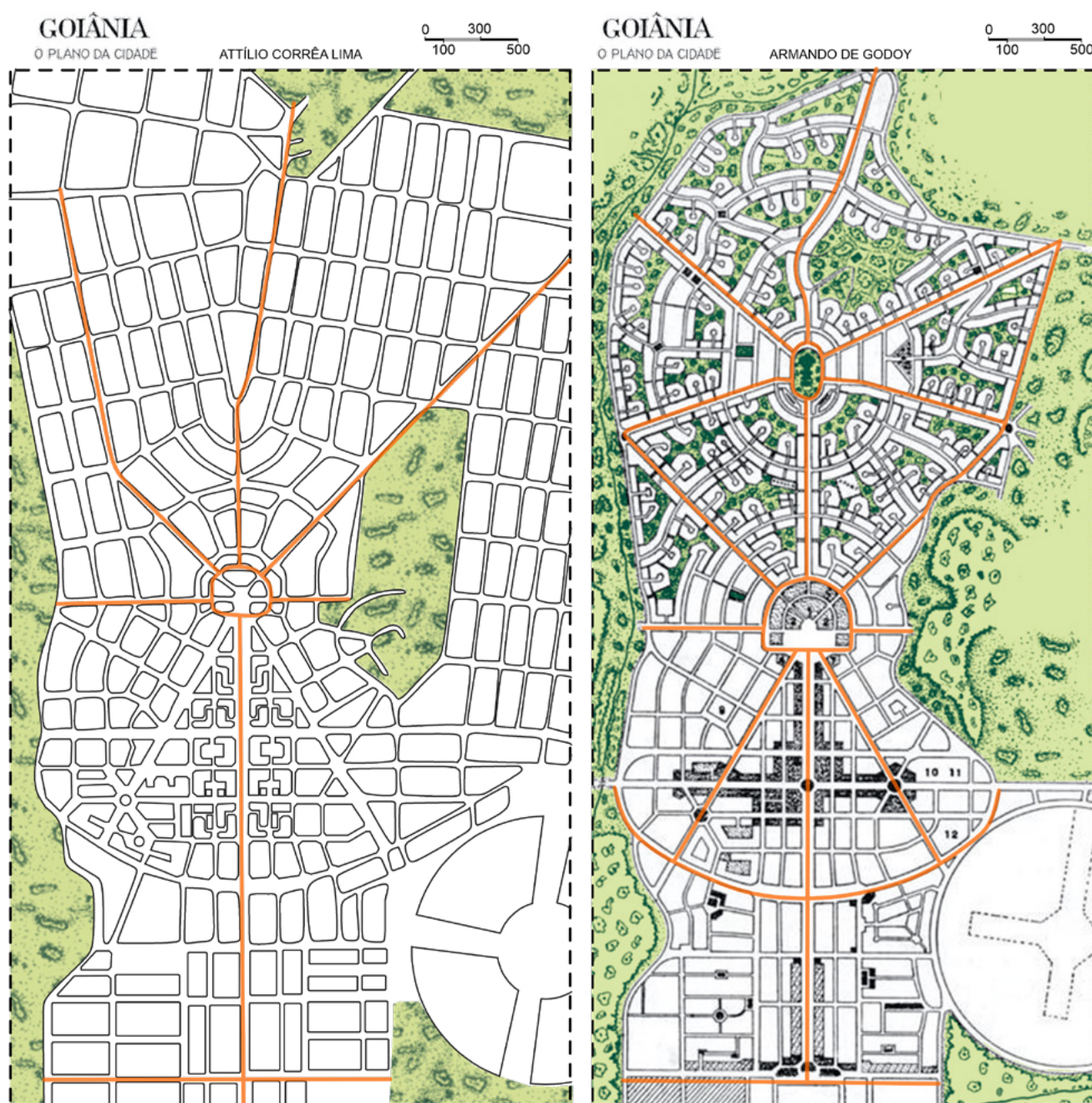


Figura 16 - Preservação do sistema viário original. Fonte: IBGE, 1942, com alterações de Beatriz Gonçalves.

O Setor Sul foi o primeiro bairro projetado para Goiânia como sendo eminentemente residencial e um dos poucos realizados procurando manter uma certa coerência com o projeto da cidade (Figura 16).

A estrutura viária básica proposta por Attilio Correia Lima para o Setor Sul foi mantida, com as avenidas 83, 84 e 85 funcionando como eixos de ligação com os outros bairros da cidade – os setores Central, Oeste e Leste Universitário –, já definidos, e o futuro Setor Pedro Ludovico, projetado posteriormente. Porém, Godoy altera o traçado do Setor Sul propondo um desenho maleável para as vias de distribuição e as quadras e criando outro polo centralizador da estrutura urbana, desta vez como centro de lazer e convívio social. A criação de um novo e forte asterisco, a Praça do Cruzeiro, em decorrência do traçado radiocêntrico adotado para o Setor, vem de certa maneira conservar o esquema proposto por Attilio Correia para a cidade.⁸

No sistema viário adotado as vias para a locomoção de veículos seriam mínimas, privilegiando a locomoção dos pedestres, ao criar uma segunda via de circulação que se daria pelos parques internos.

As características mais marcantes deste projeto são:

- Separação o quanto possível das ruas de residências das de tráfego;
- Ruas de tráfego mínimo, apenas o indispensável às residências, de modo a ter uma pavimentação barata feita pelos moradores;
- As residências seriam isoladas do barulho, do pó e do perigo das ruas de tráfego interno;
- Separação o quanto possível do tráfego de pedestres e de veículos;
- Garantir a melhor aeração possível às residências;
- Previsão de vegetação abundante. (OLIVEIRA, 1985, p. 26).

Observando a Planta de Zoneamento do Setor Sul desenvolvida pela Secção Técnica da Coimbra Bueno & Cia. Ltda., percebe-se a definição

de zonas de comércio local, de diversões e de indústrias leves e de áreas reservadas para escolas e centros religiosos, distribuídas estrategicamente de acordo com as necessidades cotidianas e considerando os raios de distâncias confortáveis ao deslocamento a pé. Observa-se, também, que as áreas verdes localizadas no interior das quadras são identificadas como zona de “parques e recreio” e conformam um sistema de parques de vizinhança lineares, conectados entre si, como alternativa ao percurso a pé em meio à natureza e distante do movimento, do barulho e do perigo das ruas onde circulam os automóveis (Figura 17).

A presença desses equipamentos urbanos, inclusive do comércio e das indústrias leves, demonstra a preocupação com a distância entre o trabalho e a moradia e a distribuição dos serviços como forma sustentável de manter a população no seu núcleo de vizinhança e diminuir o deslocamento desnecessário entre bairros, preocupações essas que estão na base da concepção da cidade-jardim.

Da mesma forma, são reconhecidos aspectos urbanísticos idênticos aos do Jardim-Radburn, na concepção do bairro: a superquadra e a unidade de vizinhança (Figura 18). Esta baseava-se no convívio intenso e em relações pessoais entre seus habitantes e colaborava para promover uma vida urbana equilibrada. As pessoas possuíam um intercâmbio diário, de tal forma que todos conheciam pessoalmente e individualmente cada membro do bairro em que moravam.

Na concepção das cidades-jardins, Howard tentou recuperar este senso comunitário com a retomada do princípio de organização de vizinhança como elemento importante de organização da cidade, posteriormente desenvolvido por Perry como uma célula da cidade. As unidades de vizinhança, idealizadas por Perry, se comporiam por

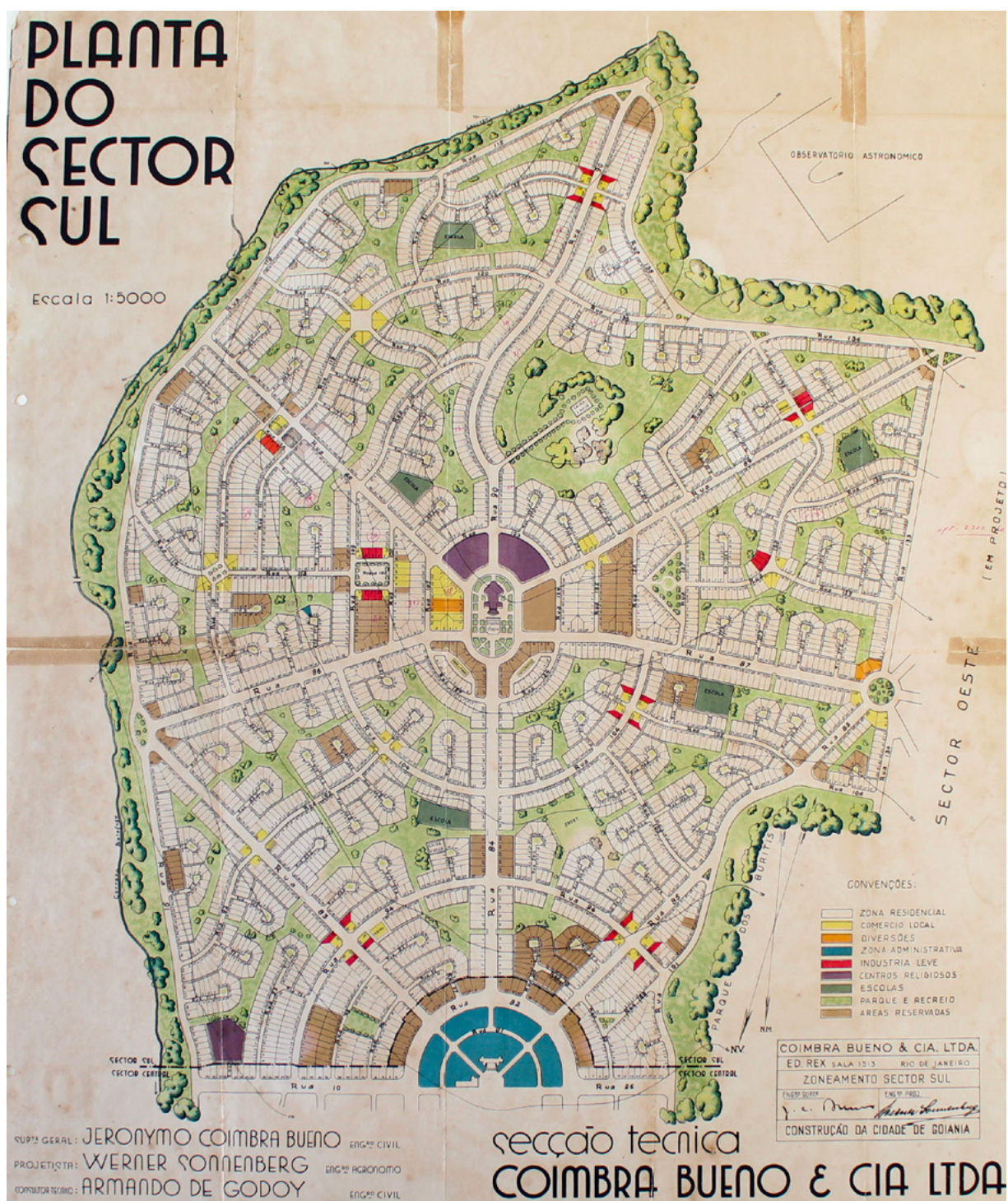


Figura 17 - Planta de Zoneamento do Setor Sul. Jerônimo Coimbra Bueno, Superintendente-Geral, Werner Sonnenberg, projetista, e Armando de Godoy, consultor. Fonte: ACERVO JANSSEN, Museu Antropológico da UFG.

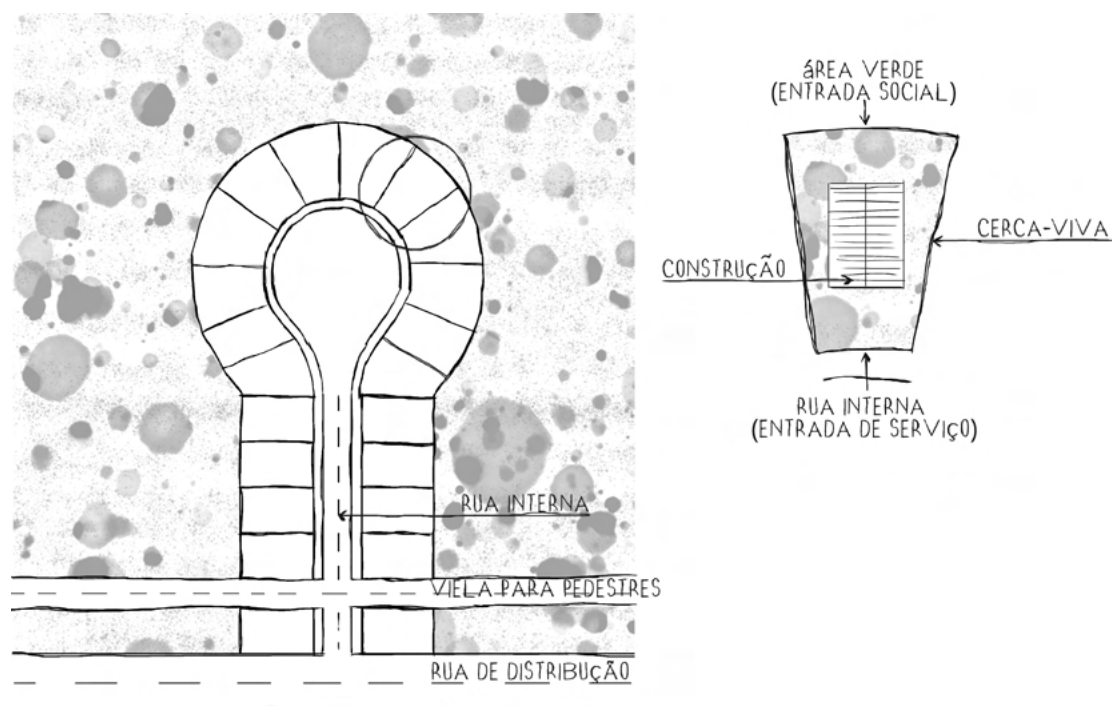


Figura 18 - Diagrama de distribuição das casas nas quadras e estrutura viária. Autoria: Eline Caixeta. Desenho: Beatriz Gonçalves.

superquadras dimensionadas dentro da escala do pedestre e com todos os equipamentos necessários à vida diária da comunidade (Figura 19).

Godoy idealizou as superquadras como sendo uma área de convívio comunitário. Elas seriam compostas por casas (não muradas) e as áreas verdes formando um espaço aberto onde as atividades de lazer e descanso seriam praticadas por seus habitantes. A organização das casas dispostas em superquadras protegeria a população do ruído e dos perigos do tráfego das ruas de grande movimento, pois o acesso às habitações seria realizado por ruelas de tráfego mínimo (Figura 20).

Desse modo, são quatro as características principais que existem no projeto do Setor Sul que rebatem a tradição das cidades-jardins. O primeiro é o acentuado caráter



residencial, o segundo, a organização urbana por meio de unidades de vizinhança, o terceiro, a utilização do sistema de implantação das residências nas quadras, em *cul-de-sacs*, e o quarto, a inserção de áreas verdes como parques de vizinhança. São essas as mesmas características de grande parte dos bairros norte-americanos que surgiram no início do século XX, tomando como base o conceito de cidades-jardins em seu projeto.

Figura 19 - Comparativo entre as quadras e a estrutura viária do Setor Sul, Setor Oeste e Setor Central, identificando a diferença de concepção e dimensão das quadras. Ilustração. Autoria: Beatriz Gonçalves. Fonte: MAPA FÁCIL GOIÂNIA. Disponível em: bit.ly/3HC5Otu.

Figura 20 - Unidades de vizinhança. Desenho: Beatriz Gonçalves.

Por meio de seus relatórios, Godoy deixava bem claro que uma cidade nascida com bases modernas teria condições de progredir em todos os sentidos e proporcionar crescimento a seus moradores. O movimento Cidades-Jardins, fundado por Ebenezer Howard, foi uma das primeiras propostas de cidade que as ideias do urbanismo moderno produziram e trouxeram, em sua concepção, inovações urbanas valiosas.

Foi esta forma que Godoy encontrou de pôr em prática seus anseios e desejos de construir, da melhor maneira, uma cidade moderna. Porém, como muitos outros urbanistas, ele cometeu um equívoco em se apropriar das ideias difundidas pelo movimento Cidades-Jardins como um modelo acabado, sem antes fazer uma reflexão sobre os princípios contidos nas experiências até então desenvolvidas, em seu contexto e lugar, buscando trazê-los à cultura e tradição local e à realidade vivida pelas cidades brasileiras na época. Sua atitude é plenamente justificada pelo fato de o urbanismo, tanto no Brasil como no resto do mundo, ainda estar dando seus primeiros passos e suas ideias serem ainda primárias com relação ao urbanismo de hoje e por isso sujeitas a tais tipos de equívocos.

Notas

1. Conforme Oliveira (1985), nessa época a firma “Coimbra e Pena Chaves Ltda.” já se encontrava trabalhando para o governo, pois estava responsabilizada pela construção do edifício dos Correios e Telégrafos (contrato de 5 de abril de 1935). Com a saída de Corrêa Lima, os engenheiros Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno passam a assumir a direção direta das obras de construção da capital. ➡
2. Os outros nomes indicados para a comissão foram: Domingos da Silva Cunha, engenheiro sanitário, chefe da Inspetoria de Engenharia Sanitária do Ministério da Educação e Saúde e professor catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro; Anhaia Mello, professor da Escola Politécnica de São Paulo; Jorge

Leuzinger, professor catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e engenheiro sanitário da Rockefeller Foundation; Affonso Reidy, engenheiro e arquiteto, professor na Escola Nacional de Belas Artes e arquiteto-chefe da Prefeitura do Distrito Federal; finalizando com a indicação dos membros do Clube de Engenharia (ALVARES, 1942). ↩

3. Nesse relatório, de 24 de abril de 1933, Godoy já apresenta sua preocupação com questões relacionadas à modernização das rodovias e dos meios de transporte, à energia e à necessidade de planos vários. Para se ter uma noção da importância desse documento, parte de seu conteúdo foi publicada dez anos mais tarde, no livro *A urbs e seus problemas* (1943), de sua autoria. ↩

4. O nome de Godoy é citado várias vezes, nesse e em outros relatórios, para justificar as decisões tomadas. Suas ideias, mesmo não mencionadas, aparecem de forma clara nos princípios adotados na revisão do plano e na argumentação presente nos relatórios (ver ALVARES, 1942). ↩

5. Quando Godoy fala que a cidade moderna deixou de ser “parasita” do campo ele está comparando-a com as antigas cidades que eram praticamente lugar de recreio e de ostentação de riquezas, onde não se desenvolvia nenhuma atividade produtiva com fins econômicos. ↩

6. Em 1899, Ebenezer Howard funda a Garden Cities Association, dedicada ao estudo do urbanismo dentro de parâmetros de justiça social e de preocupação com o meio ambiente. A primeira cidade-jardim a ser construída foi Letchworth, em 1909. Projetada por Unwin e Parker e realizada com subsídio privado como protótipo experimental do modelo de cidade defendido pela associação, ela influenciou a construção de uma série de outras cidades. A difusão desse modelo urbano e de seus postulados ficou conhecida como movimento Garden Cities. ↩

7. Com o sucesso de Letchworth, onze anos mais tarde foi fundada a cidade de Welwyn, também com subsídio privado. Ambas as cidades apresentavam uma extensão limitada, rodeada por um cinturão permanente de terras agrícolas, um traçado orgânico e um tecido urbano de baixa densidade composto por casas unifamiliares. Esse modelo veio fomentar o desenvolvimento de zonas

suburbanas de baixa densidade em várias partes do mundo, como equilíbrio ideal entre cidade e campo, a exemplo do subúrbio de Radburn. ↩

8. Os demais bairros projetados para a cidade, a exemplo do Setor Oeste e o Leste Setor Universitário que faziam divisa com o Setor Sul e o Setor Central, adotam um traçado tradicional em forma de quadrícula, embora em ambos os casos se repita o esquema de uma praça central em torno da qual se organizam as atividades especiais dos bairros. Edgar Graeff (1985b, p. 29), em 1983, *em Goiânia 50 anos*, identifica que, na planta geral do Setor Sul, Godoy “insinua um quinto asterisco, no encontro com o futuro Setor Oeste”. Dessa forma, acaba por sugerir a existência de outros núdulos de vinculação com os futuros setores que viessem a surgir, o que acaba ocorrendo de fato. ↩



CAPÍTULO 3

PROCESSO DE OCUPAÇÃO
INICIAL DO BAIRRO

O Setor Sul começou a ser habitado no início da década de cinquenta, entre 1951 e 1954, contrariando uma lei existente e que proibia sua ocupação¹ (Figura 21). Na época da aprovação do Plano de Urbanização e Goiânia (1938), o Estado não dispunha de recursos para dotar de infraestrutura toda a cidade e estabeleceu como zona de prioridade de ocupação a região central, composta pelo centro administrativo e comercial, o Bairro Popular e a Vila Militar, buscando concentrar a população e facilitar a construção dos benefícios urbanos. Nesse momento o Setor Sul foi determinado como Zona Fechada e sua ocupação legalmente proibida, pois o plano foi concebido tendo em vista um crescimento ordenado da cidade, realizado gradativamente, assim que os bairros fossem dotados de infraestrutura urbana.²

No entanto, o Estado necessitava aumentar sua receita. Por esse motivo ele começou a vender os lotes logo após a aprovação do Setor Sul, durante a década de 1940.³ Em sua maioria os lotes eram vendidos à prestação e a um preço muito baixo, porque nesse momento não



Figura 21 - Início do processo de ocupação do Setor Sul, ortofotos de 1952, 1953 e 1954. Fonte: SEPLANH — Documentação, Cartografia e Gestão Fotográfica.

existiam loteamentos privados. Como o Setor Central já havia sido totalmente comprado para fins especulativos (existiam pessoas que tinham de vinte a quarenta lotes no Setor Central) e os lotes só eram vendidos por um preço muito alto, as pessoas que possuíam menor poder aquisitivo e queriam comprar lotes para construir sua casa própria tinham como única opção o Setor Sul, que estava próximo ao centro da cidade e ainda não era muito valorizado (Figura 22).

Figura 22 - Primeiras construções na divisa com o Setor Central, Avenida Universitária, em 1952. Foto: Hélio de Oliveira. Fonte: Acervo MIS|GO



Essas pessoas que adquiriram lotes no Setor Sul e que moravam no centro pagando aluguel começaram a pressionar o Governo para liberar a construção de imóveis, pois só assim poderiam adquirir sua casa própria (ver Apêndice A). Segundo relatos dos moradores, pouco tempo depois o Setor foi liberado para a ocupação dos lotes,⁴ mas até a década de 1950 os lotes foram vendidos a baixo preço, porque não havia infraestrutura no bairro (Figura 23).

Figura 23 - Vista aérea da Praça Cívica, com as primeiras construções no Setor Sul, 1957. Fonte: Acervo do IBGE, imagem GO24686.

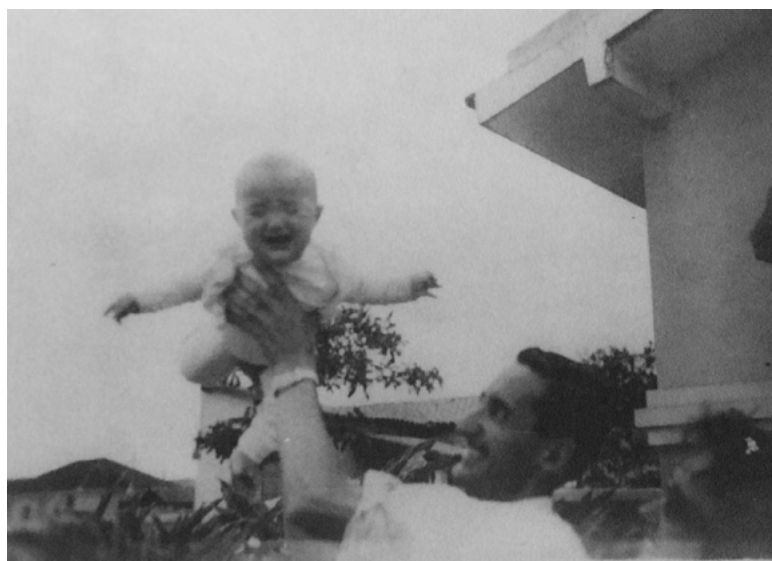


As primeiras ruas abertas foram as artérias principais: 84, 85 e 83.⁵ As outras ruas foram sendo abertas aos poucos, de acordo com a solicitação da população. Quando uma casa estava construída e necessitava de acesso, o Departamento de Viação e Obras Públicas – DVOP –, que

posteriormente passou a ser a Secretaria de Viação e Obras do Estado, providenciava a abertura da rua. Muitas vezes, este acesso era feito em locais indevidos pelos próprios caminhões que iam levar os materiais para a construção das casas, passando por cima de outros lotes (Figura 24).



Figura 24 - Processo de ocupação dos lotes no triângulo formado pelas ruas 84 (acima), 85 (abaixo) e 87 (na lateral direita), ainda com os caminhos abertos pelos caminhões. Ortofoto de 1961. Fonte: SEPLANH — Documentação, Cartografia e Gestão Fotográfica.



Para cada casa a ser construída, seu lote tinha de ser demarcado pela Prefeitura, pois as pessoas não tinham a menor ideia de onde ele ficaria. No início, o Setor Sul configurava-se como uma verdadeira zona rural, um descampado, com poucas casas construídas, contando ainda com sua vegetação nativa, o cerrado, e outras pastagens onde o gado ficava solto. Algumas pessoas contam que até iam ao mato cortar madeira para fazer lenha⁶ (ver Apêndice A).

O Setor nessa época não possuía nenhum tipo de benefício público – água, luz, asfalto ou esgoto –, e as regiões destinadas como áreas de lazer não eram urbanizadas.⁷ A infraestrutura ia sendo colocada aos poucos, acompanhando o adensamento populacional, nesta ordem: primeiro a luz; depois o asfalto e por último a água e o esgoto (Figuras 25 a 28).

Figura 25 - Moradora na rua 85 ainda sem pavimentação e qualquer tipo de infraestrutura, 1953. Fonte: Acervo pessoal de Ivone Costa Rodrigues.

Figura 26 - Morador na rua 85-C, *cul-de-sac* próximo à Praça Cívica, e as primeiras casas construídas no lugar, 1959. Fonte: Acervo pessoal de Urias Crescente Alves Júnior e Olga Costa Alves Júnior.



Figura 27 - Moradores na rua 85-C e a primeira casa construída no *cul-de-sac*, no padrão das casas-tipo do Setor Central, 1961. Fonte: Acervo pessoal de Urias Crescente Alves Júnior e Olga Costa Alves Júnior.



Figura 28 - Moradores na rua 85-C, *cul-de-sac* já com luz e asfaltado, casas ainda em construção e área verde sem urbanização ao fundo, 1971. Fonte: Acervo pessoal de Urias Crescente Alves Júnior e Olga Costa Alves Júnior.

As primeiras construções surgiram perto da Praça Cívica e no início da Avenida Universitária. O primeiro eixo adensado foi a rua 83 e conseqüentemente um dos primeiros a ser dotado de infraestrutura e comércio (Figura 29).

Depois da rua 83, a rua 84 tornou-se o segundo eixo, em função da construção do conjunto Lar Brasileiro, entre 1956 e 1957 (Figuras 32 e 33). A rua 84 foi a primeira rua do



Figura 29 - Adensamento na região próxima à Praça Cívica a partir dos eixos das ruas 83 e 85. Ortofoto de 1961. Fonte: SEMDUS, Imagem 324.



Figura 30 - Adensamento na região entre a Avenida Universitária e a rua 83 e na divisa com o Setor Universitário (Córrego Botafogo). Nessa imagem destaca-se uma área demarcada na Planta de Setorização do Setor Sul para edificação de um templo religioso, ainda vazia. Nessa área foram posteriormente construídos dois blocos de apartamentos. Ortofoto de 1961. Fonte: SEMDUS, Imagem 323.



Figura 31 - Adensamento das quadras do bairro, entre a Avenida Universitária e a rua 83 e próximas à Praça Cívica. Destacam-se nessa imagem as tipologias das edificações e sua implantação no lote, com muros baixos e recuos frontais ajardinados e arborizados. Foto aérea da década de 1960. Autor: Alois Feichtenberger. Fonte: Acervo MIS|GO.



Figura 32 - Conjunto Lar Brasileiro recém-construído no eixo da rua 84, com as ruas 104 e 94 abertas, mais ainda sem asfalto. Os caminhos abertos para circulação de veículos e pedestres apresentam um desenho decorrente do processo de apropriação do bairro. Ortofoto de 1961. Fonte: SEPLANH — Documentação, Cartografia e Gestão Fotográfica.



Setor a ser asfaltada porque os construtores do Conjunto possuíam um convênio com o Governo para levar o asfalto até lá (Figura 34). A rua 83 só veio a ser asfaltada em 1960, assim mesmo apenas até o cruzamento da rua 95. A conclusão do asfaltamento de toda rua 83 se deu em 1962 e nessa mesma época foi asfaltada a rua 85, até o cruzamento da rua 94. Em 1968 o asfalto da rua 85 chegou até a Praça do Ratinho.⁸

Os primeiros pontos comerciais do Setor foram as esquinas das ruas 83 com a 94 e 85 com a 94. Esse comércio era composto de padarias, farmácias e os famosos “empórios”, onde se comprava de tudo. Para suprir as deficiências do comércio local, as compras maiores eram feitas no centro da cidade, geralmente no Mercado Central. Existia também a chácara da CELG (onde hoje

Figura 33 - Conjunto Lar Brasileiro nas imediações de onde seria a Praça do Cruzeiro, em primeiro plano, e a ocupação do bairro naquele momento ainda dispersa, em segundo plano. Foto aérea da década de 1960. Autor: Alois Feichtenberger. Fonte: Acervo MIS|GO.

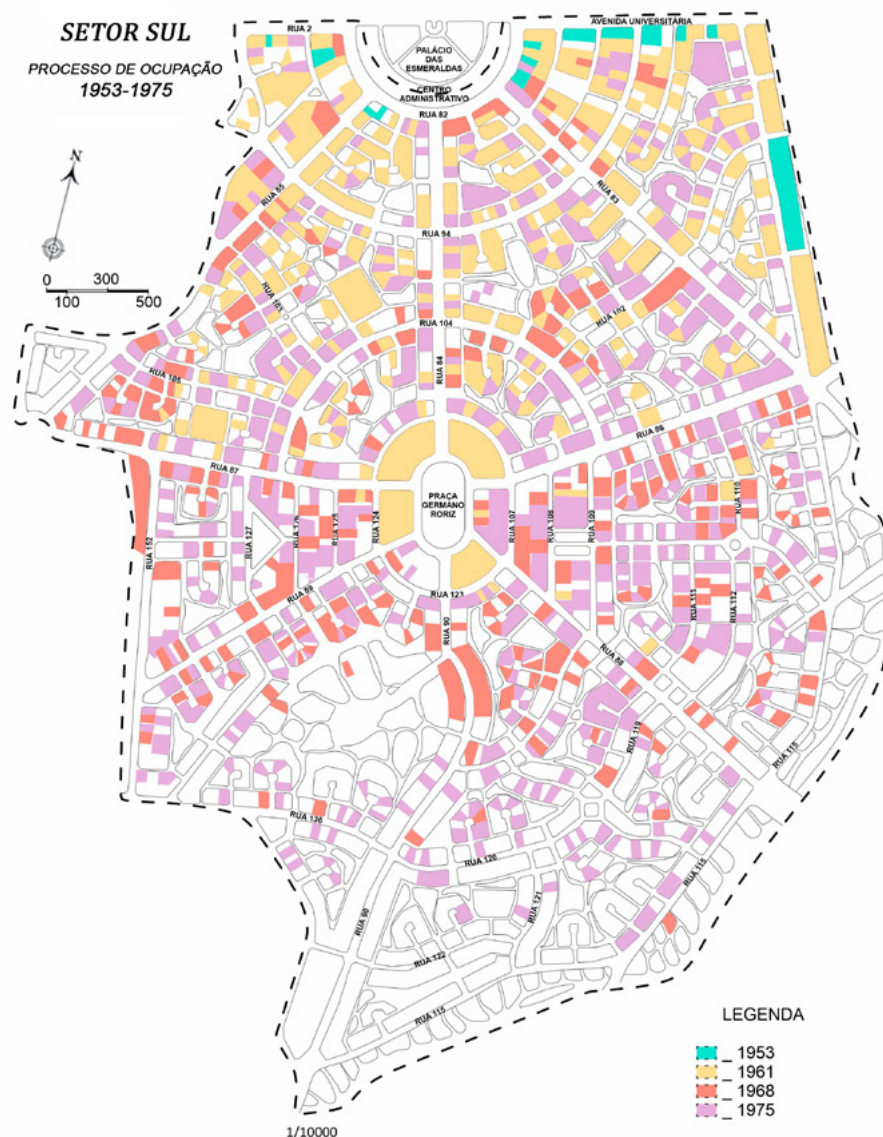


Figura 34 - Rua 84 já asfaltada e a formação dos primeiros núcleos de casas associadas em *cul-de-sacs*, em meio a terrenos vagos e áreas verdes ainda sem urbanização. Nessa imagem já se percebe a existência de outras tipologias edilícias que se diferenciam das primeiras casas construídas no bairro: sobrados modernistas e pequenos blocos de apartamento. Foto aérea da década de 1960. Autor: Alois Feichtenberger. Fonte: Acervo MIS|GO.

funciona o Clube da CELG), onde as pessoas iam comprar ovos e verduras, e a feira localizada atrás do Palácio das Esmeraldas, onde também se faziam compras semanais.

A rua 94 foi o primeiro limite de ocupação e o segundo foi a Avenida 87. A parte do Setor Sul acima das ruas 87 e 86 só começou a ser habitada a partir de 1967 (Figura 35).

Em 1958 foram realizadas algumas alterações no Setor pelo engenheiro alemão Ewald Janssen,⁹ erradicado no Brasil na década de 1950. Contratado para atuar no Departamento de Viação e Obras Públicas de Goiânia – DVOP –, Janssen elaborou uma série de estudos para Goiânia entre as décadas de 1950 e 1970, que visavam entender e propor soluções para as transformações em



curso na cidade, tendo realizado o parcelamento urbano do Setor Pedro Ludovico e atuado pontualmente em alguns bairros como o Setor Sul. As operações por ele realizadas no Setor Sul compreendiam o eixo da rua 90 e as adjacências do Córrego dos Buritis. A rua 90 foi alargada e seu traçado um pouco alterado. Essa mudança foi feita

Figura 35 - Mapa de Ocupação do Setor Sul, realizado com base em fotos aéreas de 1953, 1961, 1968 e 1975 e na planta do Setor Sul em 1974. Autoria: Eline Caixeta. Desenho: Beatriz Gonçalves. Base do mapa: IPLAN, 1974. Fotos aéreas: SEPLANH — Documentação, Cartografia e Gestão Fotográfica.

para viabilizar a ligação do Setor Sul com o Setor Pedro Ludovico, que estava em fase de projeto. As outras modificações foram realizadas em função de a nascente do córrego dos Buritis ser circundada por uma área brejosa (área onde hoje se encontra o Clube dos Militares) e a topografia local dificultar a implantação das ruas e lotes de acordo com o traçado proposto por Godoy. Janssen propôs a preservação da área que circundava o córrego, deixando-a como área verde, e modificou o traçado das ruas próximas a ela, fazendo uma nova divisão dos terrenos, para facilitar sua implantação.¹⁰ Infelizmente, mais tarde a área proposta por Janssen como área de preservação foi ocupada por clubes e outras entidades, perdendo o seu sentido ecológico (Figura 36).

A partir de 1966 se deu uma rápida valorização dos terrenos do Setor Sul em decorrência da pavimentação das ruas e da colocação de galerias de águas pluviais e iluminação pública em todo setor.¹¹ Isso implicou uma transformação muito grande no setor, porque as pessoas que permaneceram nele foram as que podiam pagar por tais benefícios, e um número muito grande de pessoas humildes que ali estavam foi obrigado a vender suas casas. Foi nesse momento que houve uma elevação rápida do padrão social da população do Setor Sul. Na década de 1970 o Setor Sul já estava nitidamente mudado (Figuras 37 e 40).

Porém, apesar da urbanização das ruas e da infraestrutura instalada no bairro e sua consequente valorização, as áreas verdes projetadas no interior das quadras como espaços de convivência continuaram sem urbanização por um longo período. Situação que culminou com a paulatina segregação dessas áreas em relação ao tecido urbano (ruas, casas e praças) e sua consequente degradação, com o passar dos anos. O fato



de as casas inicialmente possuírem muros baixos e muitas vezes nem serem muradas possibilitou, num primeiro momento, um uso relativo dessas áreas, seja como espaço de convivência seja como espaço de passagem, conforme relato dos moradores (Apêndice A). No entanto, o seu desenho urbano, idealizado como contínuo verde que

Figura 36 - Modificações no traçado do Setor Sul, Ewald Janssen, 1958. Fonte: Ewald Janssen, 1986 (Apêndice B). Desenho: Beatriz Gonçalves.



Figura 37 - Moradores com a rua 83 ao fundo, já completamente urbanizada, 1972. Destacam-se as residências com jardins frontais e muros baixos, conectadas com o espaço da rua. Fonte: Acervo pessoal de Nadime Badauy Ardaya.

Figura 38 - Crianças brincando no interior da Quadra 3, entre as ruas 84, 95, 94 e 103, ainda sem urbanização, 1970. Fonte: Acervo pessoal de Nadime Badauy Ardaya.



Figuras 39 e 40 - Moradores na rua 105-C, com o *cul-de-sac* já urbanizado e habitado, 1976-1977. Destacam-se ao fundo as tipologias das residências de época, com jardim frontal e sem muro na divisa com a calçada. Fonte: Acervo pessoal de Valéria Crescente Alves.



interligaria as quadras e possibilitaria o trânsito de pedestres de forma independente do trânsito de veículo, nunca se efetivou. Assim sendo, elas ficaram fadadas ao abandono e à marginalização.¹²

Em busca de resolver esse problema e melhorar a habitabilidade das áreas livres localizadas no interior das quadras, em 1973 iniciou-se o Projeto CURA – Projeto Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada, ligado ao Programa de Complementação Urbana promovido pelo Banco Nacional da Habitação – BNH –, por meio da Carteira de Desenvolvimento Urbano – CDU. Esse programa tinha como estratégia a inserção de equipamentos e infraestrutura urbana, de acordo com as possibilidades econômicas e aspirações da população. O Setor Sul foi escolhido por fazer a ligação entre a região central de Goiânia e as áreas de expansão ao sul, ter muitos lotes desocupados e supervalorizados, além das áreas livres subutilizadas e marginalizadas que, juntos, constituíam grandes vazios urbanos.¹³ Na época os moradores foram consultados, indicando a necessidade de urbanização das áreas livres, a complementação de serviços de infraestrutura básica e a instalação de linhas de ônibus, comércio e serviços (MOTA, 2016).

Assim a Prefeitura, por intermédio do Projeto CURA, irá urbanizar as áreas livres do Setor Sul, levando o asfaltamento, a arborização, a iluminação e a construção de algumas quadras esportivas, mobiliários urbanos e parques infantis (Figuras 41 a 43). Porém, conforme relata Pedro Wilson (Apêndice B), sociólogo que trabalhou no projeto, não houve nenhum processo cultural e educativo no sentido de levar os moradores a participarem do empreendimento. A população, em função dos seus hábitos de morar, não chegou a incorporar a ideia de utilizar tais áreas para o

lazer e convívio social no cotidiano do bairro. Em função disso, essas áreas foram inicialmente ocupadas pelos mais jovens, mas gradativamente perderam sua vitalidade.



Figura 41 - Áreas verdes do Setor Sul, recém-urbanizadas após o projeto CURA. Parquinho do Bacião aos fundos da Rua 116-B, 1980-1981. Fonte: Acervo família Galletti Arrais.



Figura 42 - Parquinho do Bacião recém-construído e com casas em construção, 1980-1981. Fonte: Acervo família Galletti Arrais.



Figura 43 - Parquinho do Bacião e o problema do isolamento das áreas verdes, 1980-1981. Destaca-se a presença de pequenos portões de ligação com essas áreas, localizados em algumas residências. Fonte: Acervo família Galletti Arrais.

Tipologias de ocupação

A população que veio ocupar o Setor Sul era predominantemente de classe média e com vínculos urbanos. Havia uma grande quantidade de funcionários públicos, médicos, advogados e professores. No entanto essa população cultivava ainda muitos hábitos rurais herdados do seu passado.¹⁴ Com isso ocorre um fenômeno interessante na ocupação do Setor Sul: as pessoas começaram a se apropriar do espaço urbano não como espaço urbano, mas como espaço rural. Elas redefiniam-no e passavam a criar galinhas e porcos no quintal e a guardar equipamentos rurais nas áreas livres, projetadas no interior das quadras como espaços de convivência. O hábito de criar galinhas no quintal era então amplamente disseminado.

Outro fenômeno que se verificou no Setor Sul foi o surgimento de duas ou mais residências em um mesmo lote. Esse fenômeno veio em decorrência de um hábito já arraigado da população que vinha do Bairro Popular, de construir a casa na frente do lote e fazer um corredor lateral dando acesso a um ou mais barracões que ficavam no fundo do lote. Tratava-se de um hábito tradicional de se obter uma renda adicional alugando parte do terreno e demonstrava que a população inicial do Setor Sul não era uma população de alta renda. Como a maioria dos lotes do Setor Sul tinha dois acessos, um pela rua interna em *cul-de-sac* e outro pelas áreas livres localizadas no interior da quadra, ficava ainda mais fácil cultivar esse hábito. Foi aí que surgiu um número intenso de casas com barracões nos fundos.

Muitas vezes as pessoas não tinham dinheiro para construir uma casa boa, dentro dos padrões da época. Logo, quando se mudavam para

o setor, elas construíam primeiro um barracão de dois ou três cômodos voltados para as áreas internas da quadra, para posteriormente construir a casa definitiva voltada para a rua interna. Depois da casa construída o barracão era alugado. Esse fenômeno se dava também em relação às casas localizadas nas demais ruas locais, às ruas de distribuição (ou coletoras) e às ruas arteriais, em função da existência das ruas para pedestres, conhecidas como “vielas”.

Era e ainda é muito comum encontrar no Setor Sul trabalhadores autônomos e profissionais liberais como mecânicos marceneiros, dentistas e advogados que utilizam o seu lote com duas funções distintas: a de moradia e a de trabalho.¹⁵ Assim eles construíam a residência dando para as áreas livres e o seu consultório e oficina para as ruas, ou, ao contrário, construindo as casas para a rua e o consultório ou oficina para as áreas livres (Figura 44).

De uma maneira ou de outra o que ocorria com frequência no Setor Sul era a construção de mais de uma edificação em um lote só. Essa foi a primeira deformação que se verificou com o projeto do Setor Sul em relação à implantação da casa no lote, pois as casas que deveriam ter dois acessos – o acesso de serviços pela rua e acesso social pela área verde – passaram a ter apenas um acesso, pelas áreas verdes ou pelas ruas.

Nos lotes onde se construíam apenas uma única casa, esta ficava com sua frente voltada para rua, em vez de ser voltada para a área verde. A construção das casas dispostas desta maneira ocorreu numa escala tão grande, que acabou por descaracterizar totalmente o sistema de ligação entre a casa, a rua e a área verde, proposto pelo projeto, pois neste caso os papéis da rua e da área verde em relação à casa se inverteram.



No início da ocupação do setor a maioria das casas construídas não era murada e, quando era, os muros eram baixos. Esse fato colaborou para a integração da comunidade, que mesmo morando no meio do mato, sem as áreas de lazer e convívio comunitário existirem como tal, desenvolvia um conjunto de relações pessoais bastante amplo. Como um quintal tinha continuidade com outro quintal, as crianças brincavam soltas, criando seus próprios brinquedos,¹⁶ e as donas de casa conversavam nas janelas das casas. Dessa maneira, todos se conheciam (Figuras 45 a 47).

Figura 44 - Oficina de consertos de geladeiras de frente para área verde, 1986. Foto: Eline Caixeta.



Figura 45 - Integração das áreas verdes com os *cul-de-sacs*, rua 85-C, 1966. Nesse caso algumas casas já aparecem muradas. Fonte: Acervo pessoal de Ivone Costa Rodrigues.



Figura 46 - Crianças brincando nos *cul-de-sacs* e nas áreas livres, rua 85-C, 1966. Ao fundo, casas na Avenida 85 sem muros frontais e com muros laterais baixos. Fonte: Acervo pessoal de Ivone Costa Rodrigues.

A maioria da população locomovia-se pelo bairro a pé ou de bicicleta, pelas trilhas. Quase ninguém naquela época tinha carro e havia duas linhas de ônibus que passavam pelo bairro: uma ia para a Macambira passando pela rua 90; outra que ia para o Palmito e Água Branca, passando pela rua 83. Mesmo assim, este transporte se dava muito precariamente. Algumas pessoas contam que

quando andavam a pé, ao passarem “na porta da cozinha” dos vizinhos, às vezes viam o desenrolar de todas as atividades domésticas da casa. Quando as pessoas iam ao centro da cidade para passear ou fazer compras, muitas vezes combinavam fazer um caminho passando na casa dos amigos para irem juntos ao centro.

Figura 47 - Crianças brincando nas áreas livres, Quadra 3, entre as ruas 84, 85, 94 e 103, 1970. Fonte: Acervo pessoal de Nadime Badauy Ardaya.



Muito provavelmente pela própria falta de recursos do bairro e pelas dificuldades de nele residir é que tenha surgido entre os habitantes do Setor Sul um forte espírito comunitário de solidariedade e ajuda mútua. Os antigos moradores do Setor referem-se à comunidade do bairro como “uma grande família”, onde cada um podia contar com o outro a qualquer hora.

Na medida em que o bairro ia se beneficiando com infraestrutura, principalmente o asfalto, ele se valoriza e seu processo de ocupação é impulsionado. Como consequência da valorização do Setor, ele se elitiza, pois a população que passa a residir nele possui um poder aquisitivo melhor que o anterior.

Nessa mesma época (final da década de 1960 e início da década de 1970), Goiânia tem um grande crescimento em todos os aspectos e com isso aumentam todos os seus problemas urbanos. Um grande problema que surge e vem atingir diretamente a população do setor Sul é o aumento da marginalidade, que até então era quase inexistente.

O fato de o Setor Sul possuir muitas áreas livres sem urbanização e uma sequência de ruas de pedestres, que com o passar do tempo caracterizaram-se como “vuelas” (ruas estreitas e muradas),¹⁷ facilitava o acesso às casas que, em pouco tempo, passaram a ser alvo de assaltantes e marginais. Com esse clima de insegurança a população começou a murar as casas e a não mais utilizar as “áreas verdes”¹⁸ para a circulação e o lazer das crianças (Figura 48). Isso agravou ainda mais a situação de descuido dessas áreas, porque elas ficaram confinadas entre muros e abandonadas pela população. Criou-se um estigma tão grande com relação a essas áreas, que as pessoas tinham verdadeiro horror de passar por elas.



O Projeto CURA, que focou basicamente na urbanização dessas áreas verdes, na tentativa de recuperá-las, não teve êxito. Tanto é que, no final dos anos 1980, poucos anos após a implantação do Projeto, a maioria dessas áreas estava depredada, em péssimo estado de conservação e não era utilizada pela população (Figuras 49 e 50).¹⁹

Vários fatores contribuíram para isso, entre eles a falta de participação e compromisso da população e a falta de verba da prefeitura, o que levou a um processo de urbanização lento e limitado e, posteriormente, a uma ausência de fiscalização e falta de conservação e manutenção dessas áreas, seja pelo poder público, seja pelos próprios moradores. Mas o principal fator que incidiu nessa questão foi a falta de compreensão da importância dessas áreas para o bairro e para a cidade e uma cultura

Figura 48 - Áreas verdes urbanizadas e confinadas, espaços sem uso, 1986. Foto: Eline Caixeta.

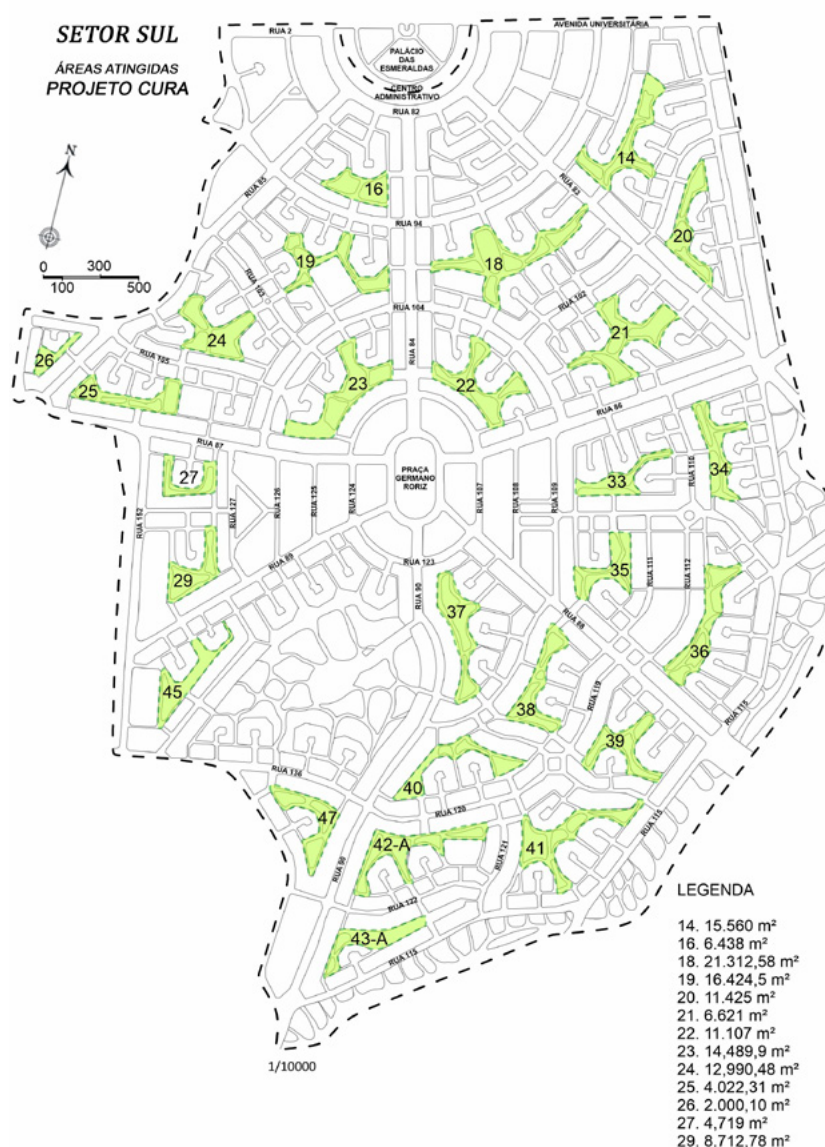


Figura 49 - Projeto CURA — áreas atingidas, 1974. Redesenho: Beatriz Gonçalves. Fonte: IPLAN, 1974.

de morar ainda sem uma tradição urbana forte o suficiente para valorizar esses espaços. Mesmo durante a implantação do Projeto CURA, a prefeitura vendeu parte dessas áreas verdes a particulares, reduzindo-as em sua extensão. Os próprios moradores optavam por comprar vielas que passavam no fundo de seus lotes e englobar parte das áreas livres a eles.



Ao ser feito um levantamento no Setor Sul, em 1986, notaram-se quatro tipologias de ocupação do lote distribuídas ao longo de sete áreas mapeadas (Figuras 51 e 52). O primeiro tipo e o mais comum diz respeito às casas com a frente dando para a rua e um acesso secundário geralmente por um portãozinho ou portão de garagem, feito

Figura 50 - Projeto CURA — Levantamento de Uso do Solo, 1974. Redesenho: Beatriz Gonçalves. Fonte: IPLAN, 1974.

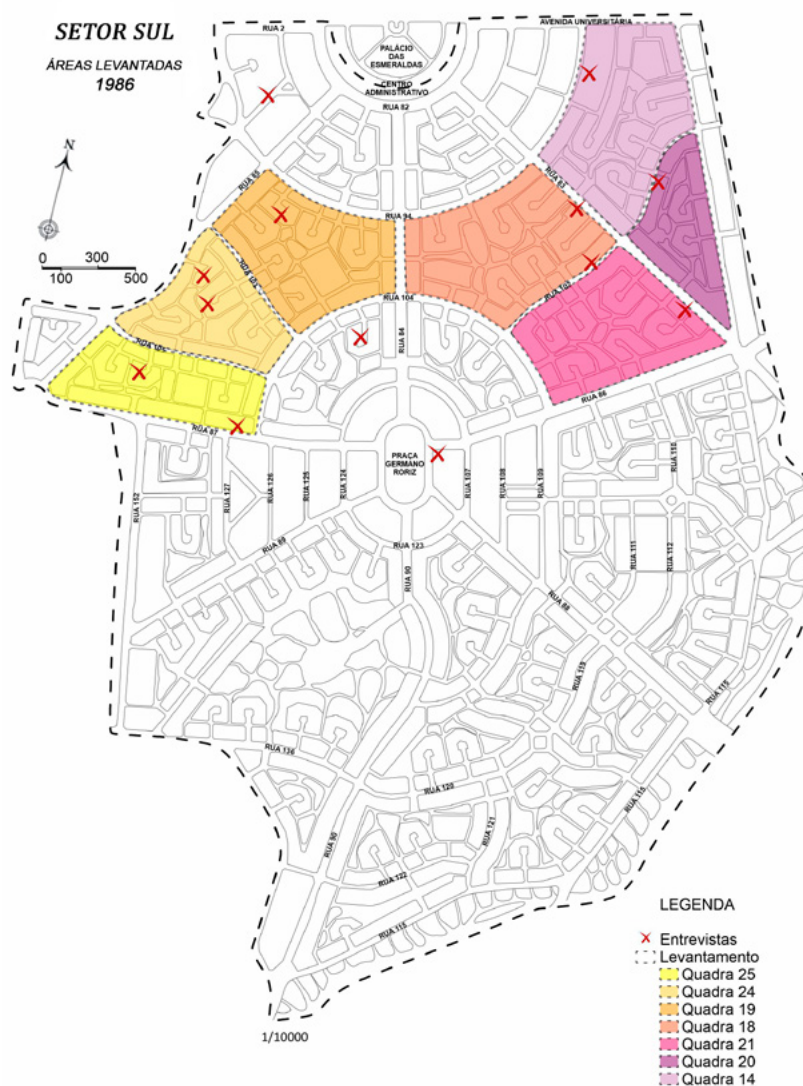
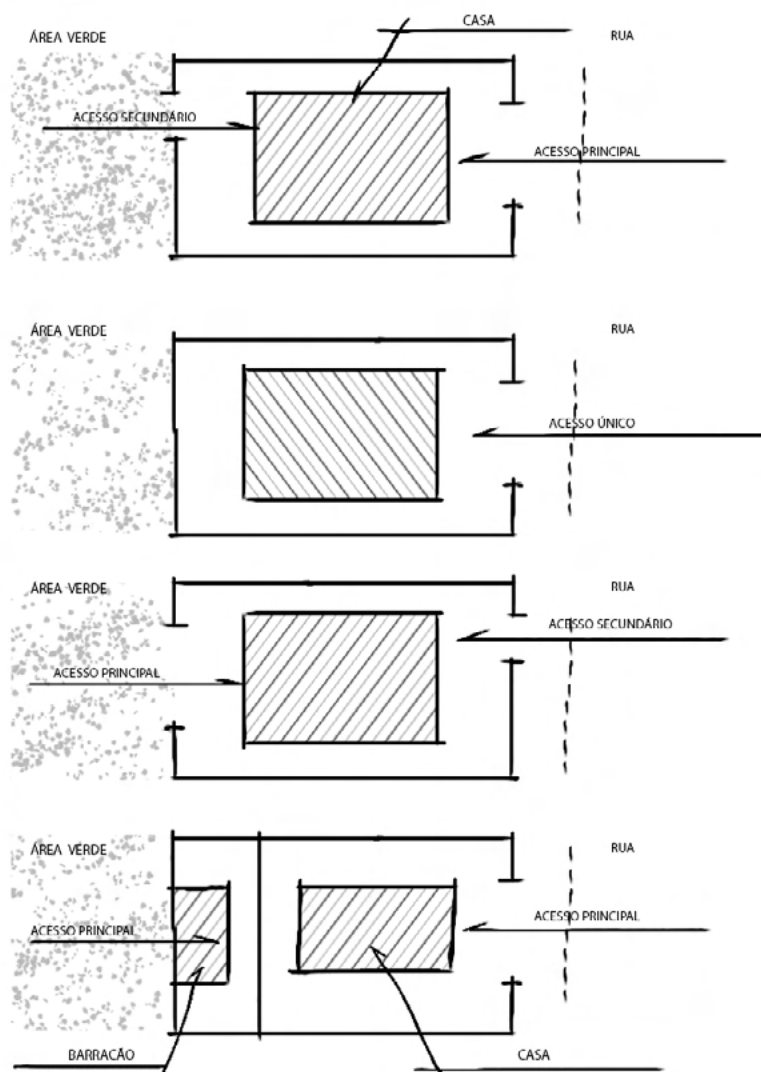


Figura 51 - Mapa das áreas levantadas para a identificação das tipologias de ocupação e avaliação do estado de conservação das áreas verdes, 1986. Desenho: Beatriz Gonçalves.

pelas áreas verdes. O segundo, aos lotes que possuem duas construções, uma casa e um barracão. Na maioria das vezes a casa tem seu acesso feito pela rua e o barracão pelas áreas verdes; em outros casos, curiosamente, acontecia diferente, a casa com o acesso à área verde e o barracão pela rua. O terceiro tipo de ocupação refere-se às casas voltadas para as ruas sem nenhuma comunica-



ção com as áreas verdes. Isso geralmente ocorria quando os moradores compravam a viela que passava por detrás de sua casa e emendavam seu muro com o do vizinho. O quarto tipo e o mais incomum deles é de casas voltadas para a área verde com um acesso secundário feito pelas ruas através de um portão. Raras vezes foi encontrado esse tipo e não se encontrou uma explicação de uma razão comum para a sua ocorrência (Figuras 52 a 56).

Figura 52 - Diagrama das tipologias de ocupação do Setor Sul, 1986. Autoria: Eline Caixeta. Desenho: Beatriz Gonçalves.



Figura 53 - Casas voltadas para as ruas internas, 1986.
Foto: Eline Caixeta.

Figura 54 - Barracões voltados para as áreas verdes,
1986. Foto: Eline Caixeta.





Figura 55 - Casas voltadas para as ruas com jardim frontal integrado à calçada, 1986. Foto: Eline Caixeta.

Figura 56 - Casas voltadas para as ruas com acesso secundário pela área verde, 1986. Foto: Eline Caixeta.

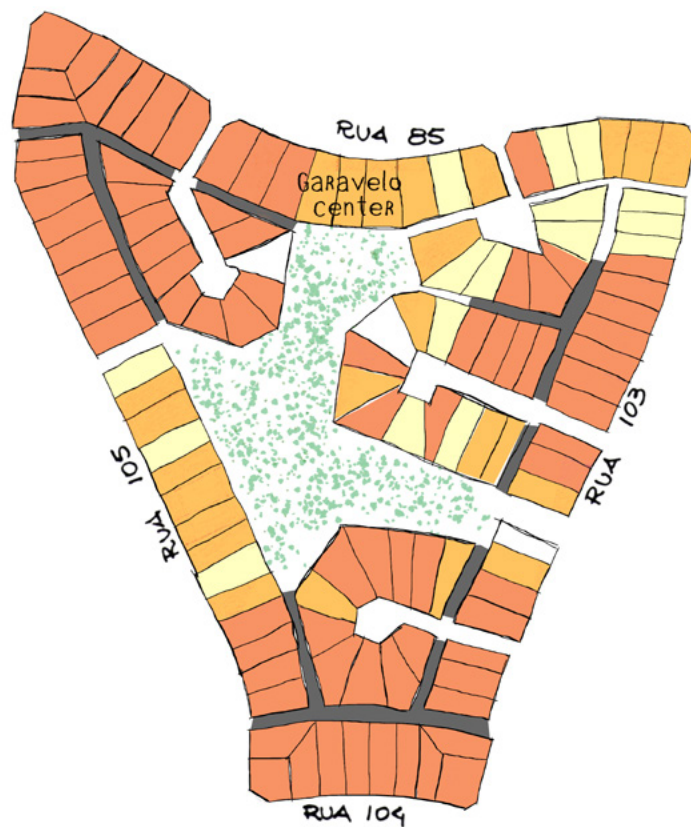
Nesse levantamento, as áreas verdes em geral encontravam-se em mau estado de conservação. As áreas que estavam em melhor estado de conservação são justamente as que possuíam um grande número de barracões e casas voltadas para elas e por isso estavam mais bem cuidadas. Estas, como já foi dito, raramente são utilizadas pela população do bairro, pois se tornaram perigosas. A apropriação dessas áreas permanece relegada, sendo destinada, nas horas noturnas, aos serviços ou estranhos de reputação duvidosa (Figuras 57 a 58).

Figura 57 - Casas voltadas para área verde urbanizada, espaços utilizados, 1986. Foto: Eline Caixeta.





quadra 25



quadra 24

Figura 58 - Mapas de levantamento das tipologias de ocupação e de avaliação do estado de conservação das áreas verdes, 1986. Ressalta-se que as regiões onde as casas são voltadas para as áreas verdes é que se encontram em melhor estado de conservação. Autoria: Eline Caixeta. Desenho: Beatriz Gonçalves.

LEGENDA:

- CASAS VOLTADAS PARA AS RUAS
- CASAS VOLTADAS PARA AS RUAS COM ACESSO PELAS ÁREAS VERDES OU VIELAS
- CASAS VOLTADAS PARA AS ÁREAS VERDES COM ACESSO PELAS RUAS
- LOTES DIVIDIDOS: UMA CASA PARA A RUA E UMA PARA AS VIELAS OU ÁREAS VERDES
- ÁREAS COLETIVAS APROPRIADAS POR PARTICULARES
- ÁREAS VERDES EM RAZOÁVEL ESTADO DE CONSERVAÇÃO
- ÁREAS VERDES EM PÉSSIMO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

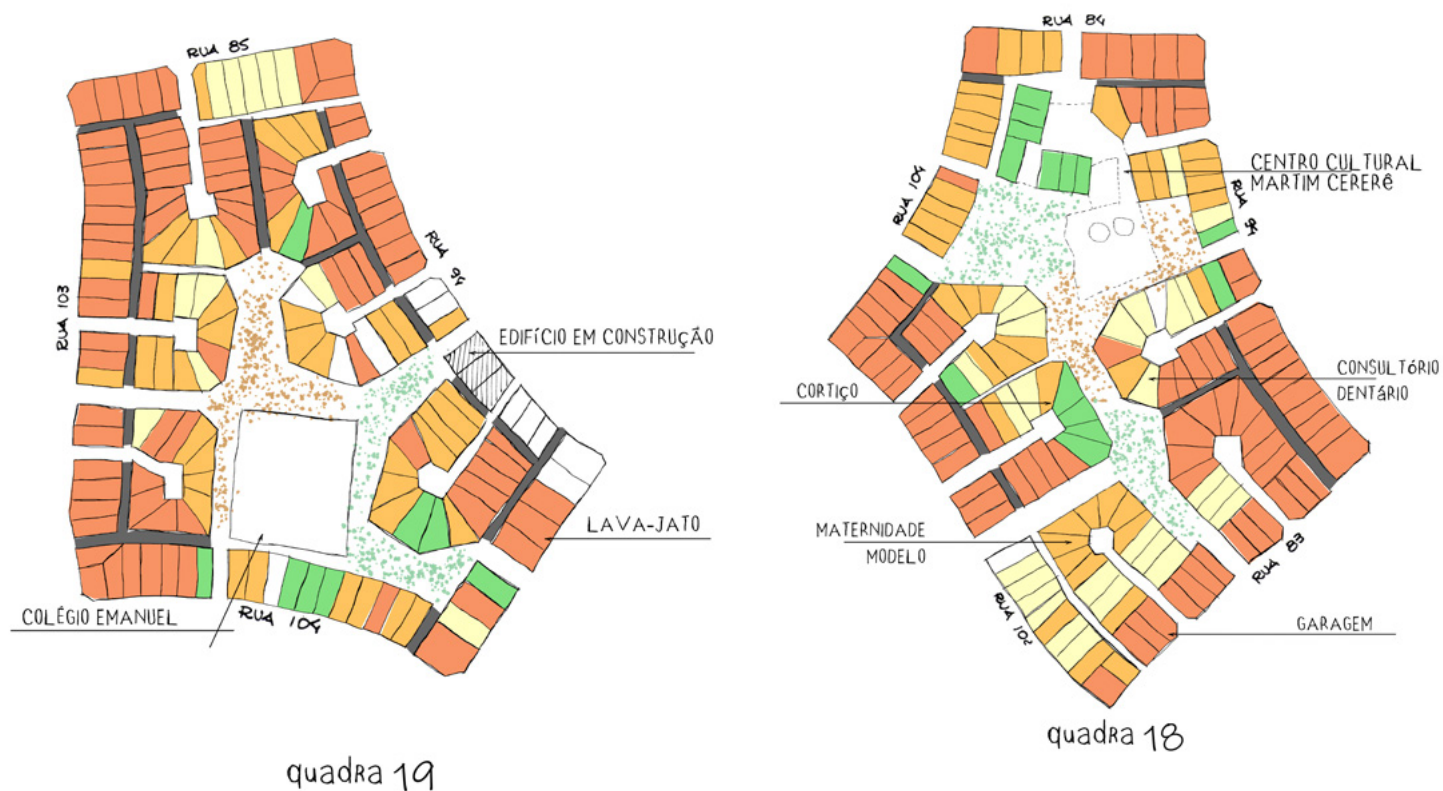


Figura 58

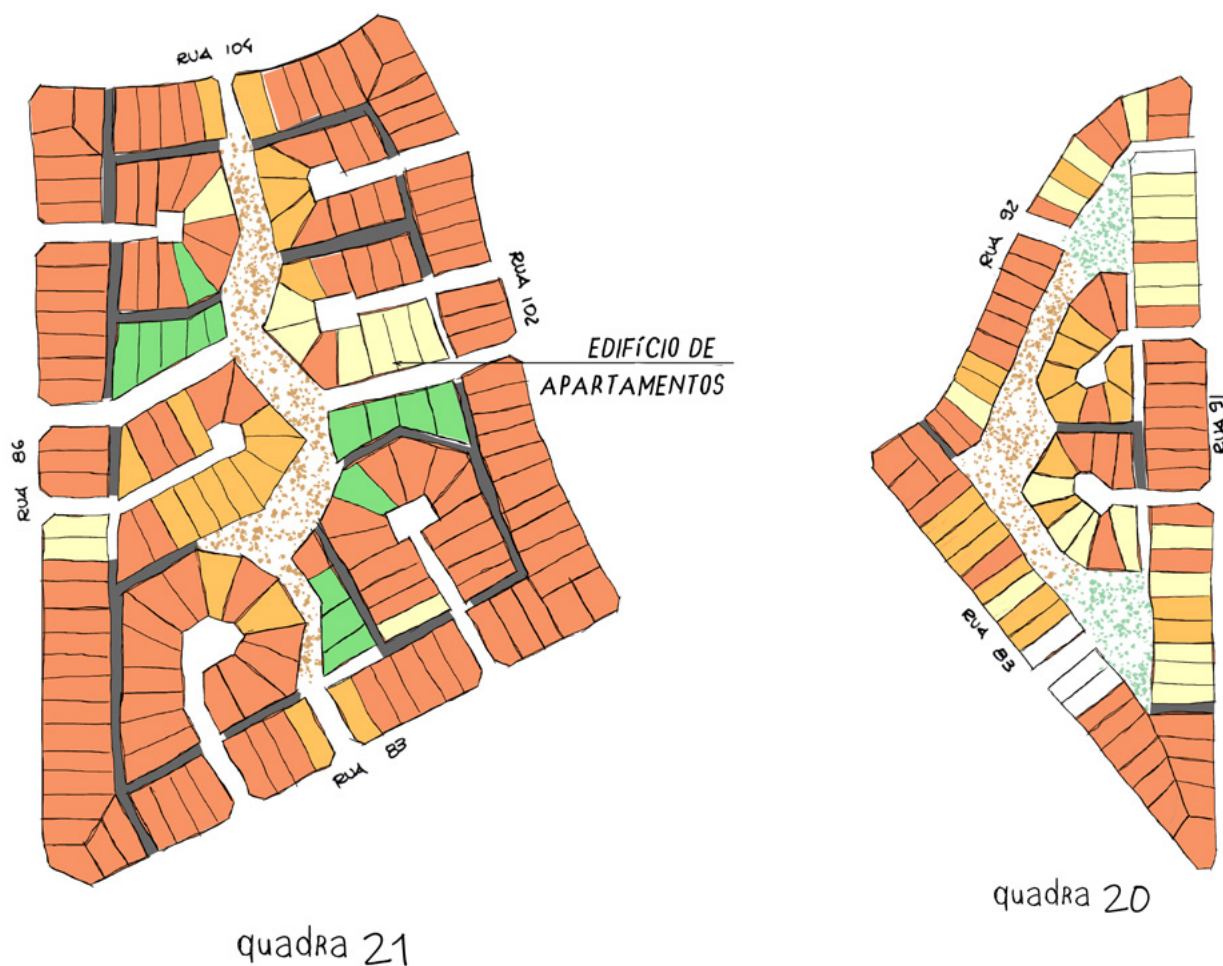


Figura 58

LEGENDA:

- CASAS VOLTADAS PARA AS RUAS
- CASAS VOLTADAS PARA AS RUAS COM ACESSO PELAS ÁREAS VERDES OU VIELAS
- CASAS VOLTADAS PARA AS ÁREAS VERDES COM ACESSO PELAS RUAS
- LOTES DIVIDIDOS: UMA CASA PARA A RUA E UMA PARA AS VIELAS OU ÁREAS VERDES
- ÁREAS COLETIVAS APROPRIADAS POR PARTICULARES
- ÁREAS VERDES EM RAZOÁVEL ESTADO DE CONSERVAÇÃO
- ÁREAS VERDES EM PÉSSIMO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

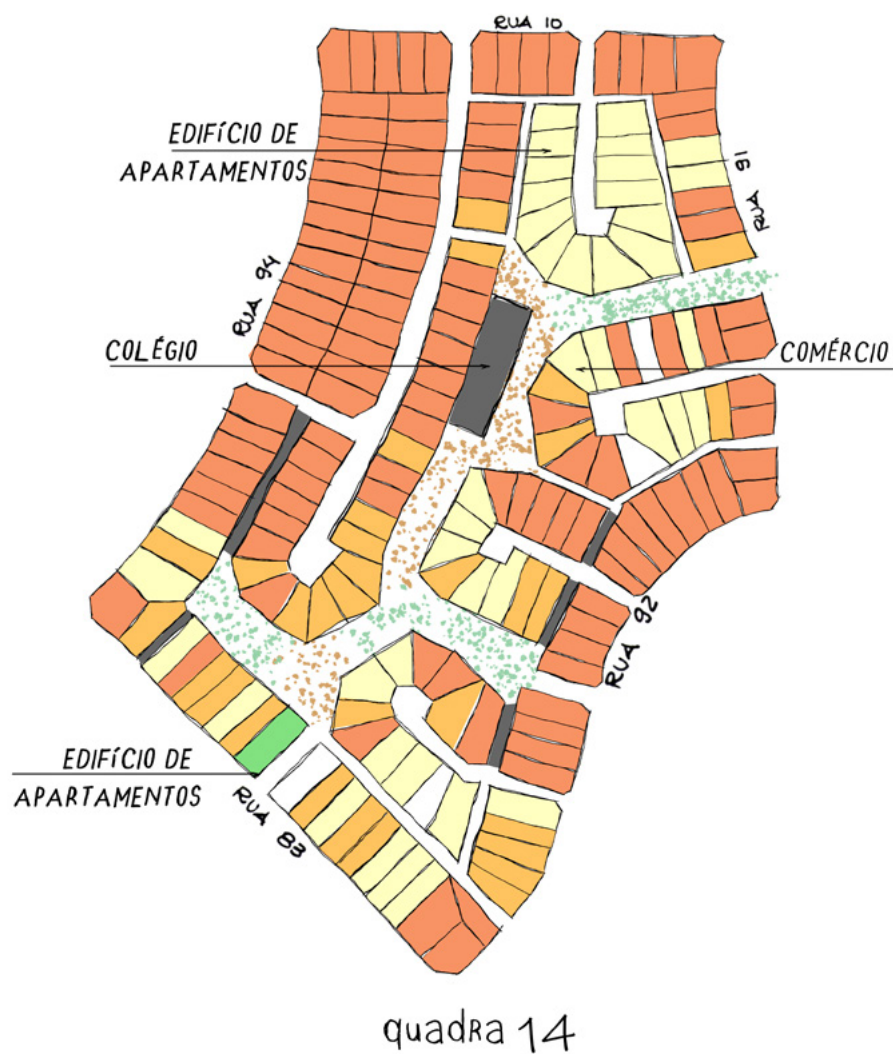


Figura 58

Análise do processo de ocupação

A ocupação do Setor Sul, no período em que nos interessa analisar, se deu em duas fases distintas: a primeira fase compreendeu o início da década de 1950 e o final dos anos 1960; a segunda, a década de 1970 até o início dos anos 1980.

Na primeira fase o setor ainda não era urbanizado e as pessoas ao se mudarem para ele passaram por grandes dificuldades, pela falta de recursos de infraestrutura e outros benefícios urbanos.²⁰

Trata-se de fase que se caracterizou por construções de casas simples, geralmente não muradas, em que muitos hábitos rurais que acompanhavam a população influenciaram na apropriação do lote, como a criação de animais, por exemplo. Essas casas eram em sua maioria construídas com a frente voltada para as ruas, por ser este um costume que já fazia parte da cultura de morar da população: o de construir as casas para a rua, para o movimento, para o palco de todos os acontecimentos sociais da cidade.

É importante lembrar que na cidade colonial as ruas eram definidas espacialmente por meio da construção de casas. Por isso até hoje elas possuem um papel muito importante na vida das cidades, como complemento do espaço doméstico. Essa valorização da rua é que levou à generalização da utilização desse tipo de ocupação do lote urbano em que a casa fica voltada para a rua.

Como a população não foi orientada pelo Governo quanto à maneira de locar a casa no lote e nem existia regulamentação para que elas fossem construídas para as futuras áreas verdes, os moradores se

apropriaram dos espaços do modo que consideraram mais conveniente, de acordo com seus costumes e sua maneira de morar. Pironis Ribeiro (Apêndice B) relata que as “pessoas encarregadas da aprovação destes casos, na época, não conheciam o espírito do Setor Sul, onde não poderia ter muros, e o DVOP começou a aprovar as casas com muro de frente para as ruas internas. Desprezaram-se as vielas”.²¹

A construção das casas voltadas para a rua foi o primeiro fato que veio a contribuir para descaracterizar o sentido das áreas verdes que estava contido no projeto. O fenômeno da construção de mais de uma edificação em um mesmo lote colaborou ainda mais para agravar o quadro de deterioração do espaço urbano que começava a se formar, pois impossibilitava que as casas tivessem dois acessos como era previsto: um pelas ruas e outro pelas áreas verdes.

Apesar de tudo isso, as áreas de uso coletivo – as ruas e as áreas verdes que se configuravam como mato puro – eram apropriadas pela população tanto como áreas de circulação de pedestres quanto como área de convívio comunitário, pois as crianças brincavam soltas por elas e mesmo as mães tinham um contato direto com os vizinhos. Durante as entrevistas percebeu-se que as crianças tinham uma convivência com a vizinhança muito maior que os adultos. As crianças ficavam mais na rua que dentro de casa. “Elas brincavam de tudo, desde *cowboy* até campo de futebol”, conforme menciona B. C., morador da rua 10 (Apêndice A). A não existência de muros facilitava muito as relações sociais. A casa em si polarizava as relações familiares, mas as suas adjacências – quintal, jardim, juntamente com as ruas e as áreas livres – eram de domínio do uso coletivo. A privacidade não era uma preocupação primordial para a po-

pulação, tanto é que o desenrolar das atividades domésticas muitas vezes ficava à vista das pessoas que transitavam livremente pelos lotes vagos. Essa inexistência de limites nos lotes, muros e cercas comprova que nesse período não havia preocupação em privatizar o espaço doméstico.

Os pontos de encontro mais frequentes que existiam eram os campos de futebol, que se espalhavam por todo o bairro. Existiam também certos horários em que a vizinhança toda se encontrava na porta das casas e aproveitava para conversar. Esses horários eram de manhãzinha ao ir para o trabalho, ou à tardezinha ao chegar em casa, mas, geralmente, quando as pessoas queriam se encontrar elas iam umas às casas das outras.

Um costume muito difundido pela população do Setor Sul e que até o final dos anos 1980 existia eram as festas e brincadeiras nas ruas internas, que reuniam toda a comunidade. Esses eram os momentos em que toda população desfrutava de um intenso convívio comunitário.

Apesar de as aéreas verdes não se configurarem como tal, na primeira fase da ocupação do Setor, juntamente com as ruas, elas eram utilizadas pela comunidade como espaço público, e o espaço privado restringia-se única e exclusivamente à casa. As casas, por sua vez, não se configuravam como um espaço totalmente privatizado, porque a falta de muros tornava-as, de certa forma, abertas aos outros moradores.

A segunda fase de apropriação do Setor é a fase posterior à construção dos muros das casas e à urbanização das áreas de lazer. Nesse período, apesar de o bairro possuir todos os benefícios urbanos e as áreas de lazer terem adquirido equipamentos de lazer, calçadas, bancos e brinquedos, essas áreas deixaram de ser utilizadas pelos moradores e restringiram-se ao âmbito das ruas internas como áreas de convívio comunitário (Figura 59).



Figura 59 - Convívio nas ruas internas à sombra das árvores. Muros baixos e a integração da rua com o espaço privado da casa, 1986. Foto: Eline Caixeta.



Figura 60 - Brincadeiras nas ruas internas, 1986. Mesmo com a construção de alguns muros altos, os *cul-de-sacs* se mantêm como ponto de encontro e de lazer, até o final dos anos 1980. Foto: Eline Caixeta.

As ruas internas passaram a ter a função de praça.²² É onde as crianças brincam, os namorados se encontram, os pais se reúnem para conversar e se realizam as festas comunitárias. Muitas festas juninas, natalinas e até mesmo festas de aniversário eram feitas no meio da rua interna, com a participação de todos, inclusive membros de outros bairros da cidade, até o final dos anos 1980. Essa vitalidade se perdeu a partir dos anos 1990, quando grande parte dos moradores do bairro mudou-se para outras regiões da cidade que estavam se verticalizando, à procura de maior segurança (Figura 60).

Durante as entrevistas realizadas com os moradores era muito comum ouvir dizer que “a pracinha é como se fosse uma grande família”, que ela era como se fosse “a continuidade da casa”. Eles até mesmo diferenciavam as ruas internas, “as pracinhas”, das outras ruas, mencionando que a função das ruas em geral era a circulação, mas

que nas pracinhas “era diferente”. Fica bem claro que as ruas internas são muito mais que simplesmente vias de passagem e que elas se configuravam como um espaço diversificado, às vezes com a função de rua, quando eram utilizadas para dar acesso às casas, e às vezes com a função de casa, quando abrigavam as atividades comunitárias que englobam relações de cunho familiar.²³

Quanto às áreas verdes, realmente estas não funcionavam como áreas comunitárias, nem mesmo depois de urbanizadas, em 1980. O estigma criado em torno delas e o seu confinamento entre os muros das casas tornaram-nas áreas marginalizadas e sujas, às vezes até servindo como depósito de lixo (Figura 61). Em raras áreas verdes aparece algum evento comunitário. E quando se realiza, é nas áreas onde existem casas com sua frente para elas ou por insistência de algum morador que deseja resgatar a sua função de servir ao uso da comunidade da quadra.

A colocação dos muros nas casas foi um fato que causou modificações significativas no bairro, tanto com relação à sua paisagem, que mudou totalmente, como no tipo de utilização e no significado dado às áreas verdes, que sem dúvida ficaram desvalorizadas com isso.

A população que veio morar no Setor Sul na sua segunda fase da ocupação era uma população que possuía um poder aquisitivo maior que a anterior e por isso também tinha um senso maior de propriedade, de valorizar o espaço individual e não o espaço coletivo. Daí vinha a necessidade de privatizar o espaço da moradia. Nessa fase, a casa e suas adjacências – quintal e jardim – passaram a ser realmente um espaço privado, de uso estritamente familiar e abrigando relações informais e familiares. Além disso, o conceito de espaço de lazer dessa população era outro, mais



Figura 61 - Área verde abandonada e depredada em 1986, seis anos após a conclusão do Projeto CURA. Foto: Eline Caixeta.

ligado aos clubes recreativos e esportivos²⁴ e demais espaços de lazer privados. Desse modo, o espaço público não era visto como próprio para seu usufruto.

Este quadro muda um pouco quando se analisam as casas localizadas nas ruas internas, porque em certas ocasiões, como as festas das vizinhanças que se realizavam nos limites da rua, elas se abrem para a comunidade.

Durante o processo de ocupação do Setor Sul, as ruas internas adquiriram o papel que, de acordo com o seu projeto, deveria ser das áreas verdes. O próprio traçado do setor, dispondo as casas no sistema de *cul-de-*

-sac, colaborou para que nelas se desenvolvesse um tipo de apropriação que veio promover o convívio comunitário.

Este papel de “praça” que adquiriram as ruas internas prova que, de uma maneira ou de outra, um dos objetivos que norteou a concepção do Setor Sul, o princípio das cidades-jardins de restabelecer o convívio e o espírito comunitário das cidades antigas nas cidades modernas, foi atingido. Até o final dos anos 1980, o Setor Sul manteve uma vida comunitária muito diferente e muito mais intensa que qualquer outro bairro de Goiânia.

Análise das tipologias de ocupação

As tipologias de ocupação que encontramos ao andar pelo Setor Sul são consequentes do seu processo de ocupação. O primeiro tipo e o mais comum é o das casas com dois acessos: o principal feito pela rua e o secundário pelas áreas verdes. Essa tipologia ocorre pelo fato de as casas, em sua maioria, terem sido construídas com a frente para as ruas e terem sido posteriormente muradas. Assim o acesso às áreas verdes, que antes era direto, restringiu-se a uma passagem. Se a casa se localizasse em um ponto da quadra que fosse de fácil acesso ao automóvel, fazia-se no “fundo” do lote um portão alternativo para uma segunda garagem; caso contrário, fazia-se um pequeno portão, exclusivo a um eventual acesso de pedestres (Figura 62).

O segundo tipo, com duas construções em um lote só, surgiu em consequência da construção de casas com um barracão ao fundo para alugar,²⁵ ou quando se construía primeiro um barracão para depois ser construída a casa definitiva. Esse tipo de ocupação do lote também é muito comum e geralmente é encontrado nas construções mais anti-

gas do Setor. Isto vem comprovar a proporção com que ocorreu, no início da ocupação do Setor, o fenômeno da construção de barracões no “fundo” dos lotes no intuito de obter uma renda familiar adicional (Figura 63).

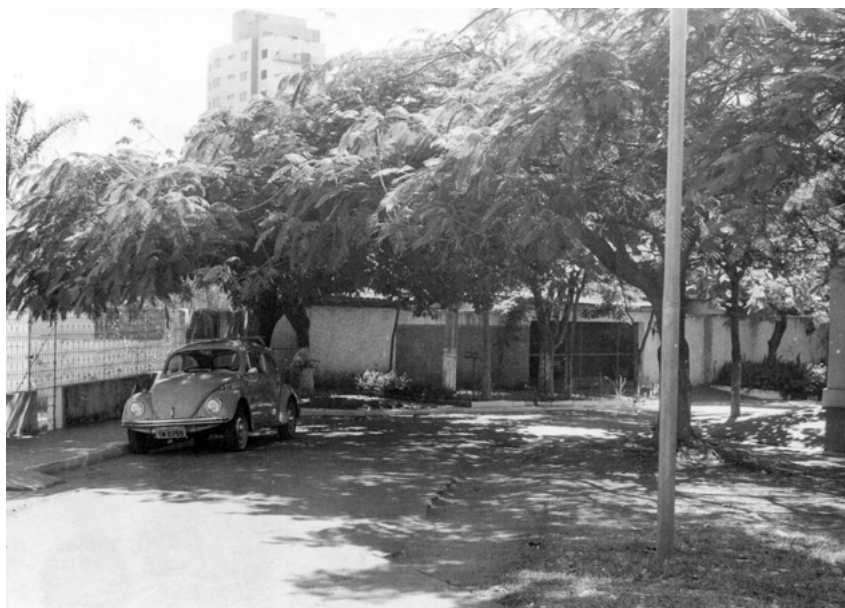


Figura 62 - Áreas verdes utilizadas para acesso de veículo, com algumas casas dando frente para elas, 1986. Foto: Eline Caixeta.



Figura 63 - Cortiço com quatro casas em um só lote, 1986. Foto: Eline Caixeta.

Com a venda das vielas de passagem de pedestres que ficavam entre as casas dos moradores destas, muitas casas ficaram totalmente isoladas das áreas verdes (ver Figura 58 – Vuelas vendidas). Esse isolamento das casas aumentou ainda mais quando a onda de assaltos levou muitas pessoas a vedarem os portões que ligavam suas casas e tais áreas. Em alguns casos nota-se claramente o vão de um antigo portão tampado por tijolos mal argamassados. Como decorrência disso surgiu a terceira tipologia de ocupação: as casas com apenas um acesso, feito pelas ruas.

O quarto tipo e o menos comum corresponde às casas voltadas para as áreas verdes com seu único acesso feito por elas (Figura 64). Na maioria das vezes esse tipo de ocupação ocorre quando o lote não permite outra possibilidade, localizando-se longe das ruas, ou quando mesmo estando próximo de uma rua a sua posição facilita o acesso à casa pelas ruas (ver Figura 58 – Quadras 18 e 21). Como são poucos os casos, depara-se com a dificuldade de analisar a causa do aparecimento dessa tipologia, como é o caso da quadra que compreende as ruas 94, 85, 103, 104 e 84. Num determinado ponto dessa quadra surgiram sete casas voltadas para a área verde, sendo que suas posições favoreciam o aparecimento do primeiro ou do terceiro tipo de ocupação (Figura 65). Essas casas, ao contrário das casas voltadas para as áreas verdes citadas anteriormente, possuem pelo menos um pequeno acesso às ruas, não ficando completamente isoladas delas (ver Figura 58 – Quadra 19).

Nas quadras em que predominam o primeiro e o terceiro tipo de ocupação, as áreas verdes estão abandonadas, em decorrência do seu confinamento e da sua falta de utilização pelos moradores. Nas quadras em que existe em grande quantidade o segundo tipo de ocupação, es-



Figura 64 - Casas voltadas exclusivamente para as áreas verdes, 1986. Foto: Eline Caixeta.



Figura 65 - Casas voltadas para as áreas verdes, com o fundo dando para a Avenida 84, 1986. Foto: Eline Caixeta.

sas áreas são mais bem cuidadas, principalmente quando ocorre a construção consecutiva de vários barracões no mesmo local. Há quadras com determinadas partes bem cuidadas. Trata-se de partes que coincidem com a construção de casas ou barracões voltados para a área verde e de outras partes na quais a maioria das casas não possui acesso às áreas verdes, que estão abandonadas e sujas. O abandono ou não das áreas de lazer vem como consequência direta do tipo de ocupação dos lotes que predomina nas quadras (Figura 66).

No Brasil, desde a formação das cidades coloniais, o lote urbano tem sido ocupado visando valorizar a sua face que faz limite com a rua, ou seja, a sua parte mais ligada à rua. Para ela é que era construída a frente das casas, por ela é que se fazia o acesso à casa, onde se desenvolviam as atividades sociais e onde se cuidava mais da aparência externa, trabalhando a fachada e plantando



os jardins. O “fundo” dos lotes ficava relegado às atividades menos nobres, caracterizando-se como área de serviço da casa.

Figura 66 - Área verde sem uso, apesar de razoavelmente bem mantida, 1986. Foto: Eline Caixeta.

Esse costume de valorizar a “frente” do lote ou a “frente” da casa perdura até os tempos de hoje. As áreas verdes das quadras em que o acesso às casas é feito no interior da quadra – e por isso, de certa forma, elas assumem o papel de rua – são mais valorizadas. Elas são limpadadas e nelas plantadas árvores e flores, como se fossem o jardim da própria casa dessas pessoas, o que na realidade acaba sendo. Essas áreas, em termos de paisagem e ambiência, tomam um aspecto muito mais agradável e aconchegante, dando, inclusive, condições aos moradores e outras pessoas de desfrutarem o seu espaço para o lazer e o descanso

(Figuras 67 a 69). É importante ressaltar que esses casos infelizmente são raros e que tais atividades de lazer só se dão em frente às casas, no âmbito em que elas se encontram. Fora disso, as áreas verdes tomam outro aspecto e outra conotação: a conotação de “fundos” das casas.



Figura 67 - Área verde como continuação do jardim frontal da casa, 1986. Foto: Eline Caixeta.

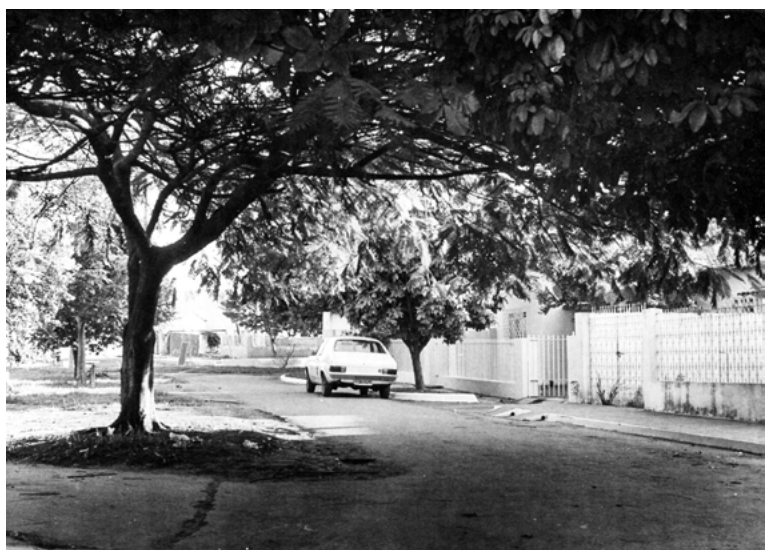


Figura 68 - Área verde bem arborizada e bem cuidada, como se fosse uma praça em frente à rua, 1986. Foto: Eline Caixeta.



Figura 69 - Área verde bem arborizada e cuidada, um misto de praça e rua, 1986. Foto: Eline Caixeta.



As ruas internas, diferentemente das áreas verdes, tiveram um papel social muito importante com relação ao convívio da vizinhança, até os anos 1980 (Figura 70). Era nelas que se desenvolvia a maioria das atividades coletivas do bairro, como encontros, bate-papos, brincadeiras e festas. Enfim, eram elas os verdadeiros pontos de encontro dos moradores. Nas ruas internas onde as casas têm sua frente voltadas para elas, o espaço público, a rua, era aberto às atividades de cunho familiar, e a casa, por sua vez, também era mais aberta às atividades públicas do que normalmente são. Criava-se assim uma certa unidade entre a casa e a rua, entre os espaços privados e o público, e os vizinhos se ligam uns aos outros de uma forma mais pessoal, formando, como eles próprios dizem,

Figura 70 - Aspecto habitual das ruas internas, com as casas integradas ao espaço da rua, 1986. Foto: Eline Caixeta.



Figura 71 - Rua 94, uma rua comum, 1986. Foto: Eline Caixeta.

“uma grande família”. É o que explica Carlos Nelson dos Santos (1985, p. 84): “Todo grupo social tem uma versão de si mesmo, uma imagem que cultiva e difunde”. A autoimagem que os moradores do Setor Sul difundiam até esse período era de uma “comunidade”, uma “grande família”, ressaltando a solidariedade que existia entre eles e a amizade que os unia (ver Entrevistas: Apêndice A).

Já nas casas localizadas nas ruas de distribuição, a aproximação entre os vizinhos e a convivência comunitária é bem menor. Essas ruas perdem um pouco o significado de ponto de encontro que têm as ruas internas e adquirem mais uma função de via de passagem. A casa, no entanto, passa a ter um papel maior de espaço privado, onde se desenvolvem as atividades familiares independentemente da rua.

Tanto nas proximidades das casas que dão para as ruas internas quanto nas que dão para as ruas de distribuição, o uso das áreas verdes ficava relegado a segundo plano, acontecendo esparsamente e em situações especiais. Nas regiões onde aparecem muitas casas sem nenhum tipo de ligação com as áreas verdes, estas perdem totalmente a sua função, como é o caso da quadra que compreende as ruas 105, 85, 86 e 104 e que possui uma das áreas internas mais sujas e abandonadas pela população. Nesta quadra não existe nem resquício de brinquedos ou bancos (ver Figura 58 – Quadra 25).

Em resumo, a utilização ou não das áreas verdes e a relação da casa com a rua e da casa com área verde, assim como o papel que assume a rua para população, variam de acordo com dois fatores, ambos ligados ao tipo de apropriação do lote: primeiro, se a casa tem sua frente e consequentemente seu acesso principal feito pela rua ou pela área verde e, segundo, se esta casa se localiza numa rua interna ou numa rua de distribuição para as ruas internas.

As áreas verdes eram mais utilizadas e consequentemente mais valorizadas nas regiões onde existiam casas com sua frente voltada para elas. Nas regiões em que havia muitas casas com apenas uma ligação secundária às áreas verdes ou sem algum tipo de ligação com elas, estas eram pouco utilizadas e possuíam muitas vezes um significado negativo para a população, ao ser uma área inútil e que só causa problemas. Isso ocorre até os dias de hoje.

Como já foi dito, em geral, as casas voltadas para as ruas internas possuem uma ligação muito grande com a rua. Por esse motivo, a distinção entre o espaço privado e o espaço público fica menos nítida e o

papel da casa e da rua se confunde um pouco, no conjunto das relações sociais que nelas coexistem. Já as outras ruas são destituídas do significado de “praça” e de ponto de encontro que possuem as ruas internas. Por isso abrigam apenas relações sociais impessoais decorrentes da sua utilização como rua.

Notas

1. Nas fotos aéreas desse período vê-se como se deu esse processo de ocupação inicial: em 1951 aparecem as primeiras construções na região limítrofe com o Setor Central – entorno da Praça Cívica e ao longo da Av. Universitária e da Rua 26; em 1952, notam-se as primeiras invasões ao longo do Córrego Botafogo, mas o número de casas construídas nas quadras do Setor Sul não aumenta; em 1953, observa-se uma pulverização maior de construções na região entre a Praça Cívica e a Rua 104, bem como a construção de casas no Setor Oeste, desabitado nas fotos anteriores; e em 1954 já parece um número maior de casas construídas no Setor Sul, principalmente nas primeiras quadras entre as ruas 84 e 85 e 85 e 26. ↩
2. Pironis Ribeiro, topógrafo que remarcou os lotes do Setor Sul na época de 1960, referiu, em entrevista (Apêndice B), que a ocupação do bairro ocorreu contrariando a lei chamada “Zona Fechada”, que não permitia sua ocupação. Estas zonas eram denominadas “fechadas” em função das zonas de prioridade de ocupação. ↩
3. Segundo Alvares (1942), a urbanização do Setor Sul estava prevista para ocorrer seis anos após a urbanização da região Central – portanto, para meados da década de quarenta –, o que, de certa forma, justifica a venda dos lotes durante os anos quarenta, tendo em vista a meta de urbanização dos bairros para sua ocupação. ↩
4. De acordo com os relatos dos moradores e as fotos aéreas da época, essa liberação provavelmente ocorreu em 1950 (ver Apêndice A). ↩
5. Conforme Ribeiro (Apêndice B), além de serem as primeiras ruas abertas, a 84, 85 e 83 foram as primeiras ruas asfaltadas do bairro. ↩

6. Notícias de jornal tratam da precariedade das áreas públicas do bairro, em especial das áreas livres localizadas no interior das quadras. Essas áreas eram vistas como problemáticas tanto pelos moradores quanto pelo poder público, demandando constantes trabalhos de limpeza e retirada de mato, para higienização, segurança e comodidade (ver: O POPULAR, 28 fev. 1960; 28 dez. 1962). ↩

7. A precariedade de urbanização dos espaços públicos (ruas, passagens de pedestres e áreas livres localizadas no interior das quadras) estimulava atos de vandalismo no bairro, como a quebra de vidraças e globos de iluminação das casas (ver: O POPULAR, 18 fev. 1962). ↩

8. Em dezembro de 1962, o jornal *Folha de Goiás*, de 21 de dezembro de 1961, anuncia a pavimentação de ruas nos setores Campinas, Sul, Oeste e Leste, com prioridade para as artérias já dotadas de água e esgoto. Porém, notícias de jornais abordam a falta de manutenção e a precariedade de ruas do Setor Sul ainda sem asfaltamento entre 1960 e 1965 (ver: FOLHA DE GOIÁS, 3 jan. 1961; 5 mar. 1961; 13 jul. 1961; 15 dez. 1965; O POPULAR, 6 maio 1960; 28 dez. 1962). ↩

9. Ewald Janssen diplomou-se em engenharia pela Staatsbauschule Oldenburg, Escola Estadual de Construção de Oldenburg, em 1947, com especialização em tecnologia de topografia. Ele veio a Goiânia por intermédio de Werner Sonnerberg, seu conterrâneo, sendo contratado para integrar o quadro de funcionários do DVOP. No final da década de 1950, ele foi contratado por Pedro Ludovico para desenvolver o projeto do Setor Pedro Ludovico, período em que fez as alterações no traçado do Setor Sul. ↩

10. Segundo Janssen (Apêndice B), no processo de redivisão dos lotes foi possível manter a quantidade de novos lotes em substituição aos antigos. Mas, ao cancelar os registros dos lotes antigos e substituí-los pelos novos, algumas pessoas do Governo ficaram com os lotes do Setor Sul, dando em troca lotes no Setor Pedro Ludovico para os antigos proprietários, que muitas vezes não moravam em Goiânia. ↩

11. Sobre a instalação das redes de água e esgoto no bairro, ver *O Popular*, de 19 de abril de 1962, e *Folha de Goiás*, de 8 de julho de 1962. Em 4 de fevereiro de 1964 (p. 8), o jornal *Folha de Goiás* denuncia que a água do Setor Sul não possuía “nenhum tipo de tratamento, saindo do córrego Botafogo diretamente para a rede de distribuição”. ↩

12. Conforme destaca reportagem do jornal *O Popular* (1º maio 1960), no início dos anos 1960 já existiam críticas ao planejamento do Setor Sul. Esse planejamento, “influenciado por um desejo de renovação”, apresenta como resultados negativos um “bairro completamente retalhado por ruas e labirintos” que impediam seu desenvolvimento e a existência de lotes “definitivamente condenados”, pois alguns deles possuíam apenas quatro metros de testada. Tanto Ewald Janssen quanto Pironis Ribeiro (Apêndice B) criticam o traçado e o loteamento do Setor Sul. O primeiro critica suas curvas de cunho estético, tendo em vista que a topografia não exigia essas curvas. O segundo, pelo fato de o loteamento não ter sido calculado, sendo realizado com base em um trabalho gráfico que apresentava falhas. Na demarcação dos lotes era comum encontrar diferenças de até 1,20 m. ↩

13. Entre 1950 e 1960, a cidade havia tido um crescimento populacional de 150 %, atingindo o 10º lugar entre as capitais do país, e os problemas urbanos decorrentes desse crescimento eram muitos (O POPULAR, 18 jan. 1961). Assim sendo, a intervenção no Setor Sul pelo Projeto CURA não visava apenas resolver os problemas específicos do bairro, mas problemas que atingiam toda a cidade. ↩

14. Existe uma urbanização muito recente em Goiás e, considerando de um ponto de vista mais rígido, antes de Goiânia não se pode falar em fenômeno urbano no Estado de Goiás. Nessa época (1953-1954) Goiânia era ainda muito nova e sua população ainda não tinha conseguido criar hábitos urbanos. ↩

15. Isso em 1986, quando foi realizado o levantamento das tipologias de ocupação. Porém, ainda hoje encontramos essa situação, em menor número. ↩

16. Existia um número muito grande de campos de futebol, feitos pelos próprios moradores, espalhados pelo Setor Sul até mais ou menos o início da década de 1970. ↩

17. De acordo com o plano urbanístico do Setor Sul, as ruas de pedestres fariam a ligação entre casas, que teriam sua frente voltada para elas. Desse modo os jardins frontais com muros baixos, característicos da época, estariam voltados para as ruas de pedestres, criando um ambiente mais amplo, aprazível e seguro para

o caminhar. Da forma como ocorreu a implantação das casas nos lotes, as ruas de pedestres configuraram-se de forma diversa por terem os fundos das casas voltados para elas e pelo fato de esses fundos serem, pouco a pouco, murados. Diferente das vielas das cidades antigas, que tinham as casas voltadas para elas e funcionavam como ponto de encontro, as vielas do Setor Sul aos poucos perdem vitalidade, por estarem segregadas do cotidiano das casas. ↩

18. Essas áreas até esse momento ainda não eram urbanizadas e se configuravam como um matagal. Por esse motivo, a população cultivava o costume de capinar as áreas próximas às suas casas, para que elas pudessem ser utilizadas. ↩

19. Previsto para ser iniciado em 1974 e finalizado em 1975, o Projeto Cura só começou a ser implantado em 1977, sendo concluído em 1980 (MOTA, 2016). ↩

20. As dificuldades de habitar o Setor Sul podem ter sido um dos fatores que levaram ao surgimento de um forte espírito de solidariedade entre os moradores, ativando seu senso comunitário. Senso que permanece presente até o final da década de 1980, pois se observa uma comunidade ainda muito presente e unida. ↩

21. Letchworth, a primeira cidade-jardim construída na Inglaterra, tinha uma regulamentação minuciosa, prescrevendo não somente a relação entre as casas e o jardim como também o tipo de cerca a ser utilizada na divisa das casas e o tipo de plantações que poderiam ser feitas nas áreas comunitárias. Da mesma forma ocorreu no subúrbio de Radburn, nos Estados Unidos. Essa legislação foi fundamental para o funcionamento e manutenção dos espaços de uso coletivos das quadras, bem como de sua qualidade ambiental. ↩

22. Até hoje os moradores do bairro chamam as ruas internas de “pracinhas”. ↩

23. Esse caráter familiar das ruas internas diminui nas ruas de distribuição e nas avenidas. ↩

24. Durante os anos 1960 houve um *boom* na construção de clubes recreativos e esportivos na cidade. Mais de oito clubes foram construídos nesse período. Só no Setor Sul foram construídos dois clubes recreativos, o Clube Social Feminí-

no e o Clube do Cruzeiro do Sul, sendo este último localizado dentro de uma das áreas verdes internas (Quadra 18, entre as ruas 94, 84, 104, 102 e 83) e ocupando grande parte do seu espaço. Um pouco mais tarde, foram construídos o Clube dos Oficiais e o Clube de Engenharia, também no Setor Sul. ↩

25. Às vezes, construía-se mais de um barracão no mesmo lote. ↩

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas sobre a concepção do Setor Sul, o seu processo de formação e as tipologias de ocupação resultantes desses processos, podemos apresentar algumas constatações.

A concepção do Setor Sul como bairro eminentemente residencial, com tratamento semelhante aos modernos bairros-jardins das cidades norte-americanas, não era compatível com a configuração das cidades brasileiras, seu tipo de urbanização e seus conflitos internos.

A população goianiense, assim como a população brasileira, tinha uma cultura de morar própria, que diferia da cultura dos povos europeus e norte-americanos. Os princípios de criação de unidades de vizinhança, concebidos como forma de reestabelecer o espírito comunitário nas cidades modernas defendido na concepção dos bairros-jardins, eram modelos importados de organização e apropriação do espaço.

Sendo assim, cada povo tem uma maneira de materializar seus sentimentos, pensamentos e ideias. Nessa perspectiva, Armando de Godoy,

ao propor para o Setor Sul o sistema de unidade de vizinhança tal qual foi implantado nos Estados Unidos, não imaginou que a população que viria habitar o bairro tivesse uma maneira própria de expressar e materializar seu espírito comunitário e de se organizar no espaço urbano como cidadão.

O modelo importado pelo projeto do Setor Sul não tinha nenhum significado para seus moradores, nem prático e muito menos simbólico, como têm a rua e a casa. Na imagem da cidade e nos códigos culturais de apropriação do espaço que foram formados durante toda sua história, não constava o tipo de organização do espaço habitado proposto no projeto.

A maior prova de que a concepção do Setor Sul foi importada e que não levou em consideração a cultura de morar da futura população que iria habitá-la foi a maneira como essa população ocupou seu território. Vale dizer, uma população que trouxe consigo uma cultura de morar que influenciou diretamente na maneira como ela se apropriou do espaço físico do bairro. O lote urbano foi ocupado de quatro maneiras diferentes e nenhuma delas coincidia exatamente com a forma de ocupação idealizada. Além do mais, as áreas verdes nunca chegaram a assumir a sua função de área de lazer.

O modo como foi ocupado o lote urbano no Setor Sul contraria a proposta de ocupação que constava no projeto. Nele, as casas estariam dispostas para as áreas de lazer de cada quadra, com o intuito de criar um espaço que as integrasse e que fosse utilizado pela comunidade local. Com a ocupação dos lotes com a maioria das casas dispostas para as ruas, o sentido das áreas verdes e a essência da proposta de criar unidades de vizinhança acabam por se perder.

As áreas internas das quadras ou áreas verdes, além da função de circulação para pedestres, aeração e iluminação das residências, teriam a função de promover o convívio social entre a comunidade do bairro. Isso, no entanto, não se concretizou, por uma série de motivos, como a falta de urbanização desde o início da ocupação do Setor e a falta de orientação da população quanto ao projeto, principalmente com relação à localização da casa no lote. Porém, a razão mais importante e que realmente determinou a não apropriação das áreas verdes pela população foi a falta do hábito em utilizar esse tipo de espaço para o convívio comunitário.

Outrossim, o problema do abandono dessas áreas não esteve associado à falta de espírito comunitário da população e nem a uma mentalidade individualista que não valorizava os espaços comunitários. Fica evidente, nas entrevistas, que a população do Setor Sul possuía espírito comunitário e de cooperação, tanto em relação à amizade existente entre os vizinhos como pelo fato de todos se conhecerem no bairro – ou, pelo menos, na quadra –, ou ainda em relação às festas promovidas nas ruas internas e à vida comunitária diária que essas ruas possuíam.

O que irá determinar tanto as tipologias de ocupação do lote como o abandono das áreas verdes e ao mesmo tempo promover o uso comunitário das ruas internas do Setor Sul é a cultura de morar da população e os modelos culturais de apropriação do espaço por ela adquiridos anteriormente.

O significado que tem a rua para a população e o valor dado a ela foram os grandes responsáveis pelo tipo de configuração que tomou o Setor e o tipo de utilização que teve seu espaço urbano. A razão disso está no fato de serem as ruas o palco da vida da cidade, pois é nelas que

se desenvolvem o seu cotidiano e as relações sociais na dimensão processual. As áreas verdes, de sua parte, não faziam parte do código cultural da população do Setor Sul. Não tinham nenhum significado para ela e com isso nenhum valor de uso, daí a não apropriação das áreas verdes pela população. Esta preferiu muito mais a diversidade das ruas e a sua riqueza de relações sociais, à especialidade das áreas verdes, um espaço-modelo utilizado para ordenar as relações de lazer e convívio social.

POSFÁCIO

Este texto resulta de uma análise realizada do Setor Sul, oriunda do conhecimento acumulado ao longo de minha carreira como professora e pesquisadora e da vivência e percepção do bairro nesses últimos anos. Na condição de doutora em história da arquitetura e da cidade, vejo o crescimento desenfreado de Goiânia com certa preocupação. A partir de 2012, iniciei pesquisas pela Universidade Federal de Goiás que envolvem seu patrimônio histórico, cultural e ambiental, relacionado à arquitetura e ao urbanismo. Essas pesquisas focam na sua concepção e construção como lugar moderno e na difícil relação que se impõe, entre a necessidade de modernização e de desenvolvimento urbano e, não menos importante, a necessidade de preservação da memória e da história como elementos de construção do futuro. São reflexões que trago como pesquisadora e cidadã, na perspectiva de pensar o Setor Sul hoje e os desafios a serem enfrentados diante desse importante patrimônio urbano e ambiental. Não se trata de um texto acabado, pois existem vários

fatores de transformação no bairro em andamento e que precisam ser mais bem estudados, para que seja possível delinear caminhos seguros para a construção de um futuro melhor. Trata-se, isso sim, de um convite à reflexão sobre esses fatores, o que se torna urgente, tendo em vista a velocidade com que a cidade se transforma.

O Setor Sul Hoje

O crescimento da cidade e a modificação das dinâmicas urbanas no entorno do Setor Sul, a partir dos anos 1980, trouxeram novas demandas para o bairro que motivaram o aumento gradativo de edifícios institucionais e o surgimento de uma diversidade maior de atividades de serviços e comércio ligadas ao ensino, ao lazer, à cultura e à saúde, que num primeiro momento enriqueceram a vida urbana local.

Porém, a segregação e o isolamento das áreas verdes de uso público aumentaram significativamente com o passar dos anos. A construção de muros altos passou a ser um padrão então utilizado tanto nas novas residências quanto nas antigas e um fator determinante nesse sentido.

É importante destacar que a prática de construção de muros altos isolando o espaço privado do espaço público passou a ser recorrente em toda a cidade. Com isso, a permeabilidade espacial, tão importante para o desenvolvimento da vida urbana e das relações sociais, foi diminuindo gradativamente em todo território urbano e, também, suburbano.

No caso do Setor Sul somou-se a esse fato a continuidade da prática de apropriação indevida das passagens de pedestres no interior das quadras, com a supressão de algumas delas, assim como de invasão do espaço público das áreas verdes por particulares. Aos poucos, essas áreas tornaram-se subutilizadas e, novamente, abandonadas.

Nesse período, principalmente após o final dos anos 1990, a verticalização e valorização dos bairros localizados no seu entorno e o aumento da insegurança no bairro provocaram uma migração considerável de moradores do Setor Sul para outras zonas da cidade. Essa migração deu-se para as áreas centrais verticalizadas, nos condomínios residenciais, e para novas áreas suburbanas de caráter residencial, nos condomínios residenciais horizontais.¹

Este fato motivou a venda e o aluguel de casas para outras atividades que não residenciais, que passam a ser exercidas não somente nas vias arteriais, mas também nas ruas de distribuição e até mesmo nas ruas internas. Essas mudanças de usos, somadas ao isolamento dos edifícios em relação às áreas públicas, internas às quadras, contribuíram ainda mais para o processo de degradação desses espaços, pois o processo de inserção de novos usos no bairro não se deu de forma planejada e adequada, criando, assim, situações de incompatibilidade e conflito de usos.

Dentre as transformações sofridas pelo bairro nesse período, destaca-se a construção da Avenida Cora Coralina, no ano de 2000, projetada como eixo alternativo de ligação entre o Setor Sul e o Setor Central, ligando as ruas 87 e 82 e passando por suas áreas verdes. Com a criação de novas vias passando pelo interior das quadras e o fechamento parcial de passagens de pedestres, houve a demolição de casas, a invasão de espaços públicos, a redução das áreas verdes e a mutilação das áreas de convívio localizadas no interior das quadras.

Em seguida, houve a abertura de novas vias de passagem pelas áreas verdes, em quadras localizadas na confluência do Setor Sul com o Setor Central e o Setor Universitário, e que tinham o mesmo objetivo: ser um

percurso alternativo para fazer a ligação entre esses bairros, desafogando o trânsito nas vias arteriais. Com isso, essas áreas verdes acabaram como espaços residuais, com precárias condições de uso.

O fato de não ter havido nenhum estudo de impacto de vizinhança ou de fluxo no sentido do planejamento da mobilidade no bairro, para a realização dessas intervenções, trouxe consequências profundas para o Setor Sul. As quadras afetadas por essas intervenções constituem, hoje, regiões de passagem com grande prejuízo para suas áreas verdes, não oferecendo mais possibilidades de vínculos, visto que quem passa por elas não as vê, não as vivencia e não se interessa por elas. Além disso, a destruição do tecido urbano nessas áreas e de suas qualidades ambientais como lugar pacato e agradável, organizado em pequenos recintos, com casas organizadas em *cul-de-sacs*, afetou também as relações sociais e interpessoais desenvolvidas no cotidiano do bairro, na medida em que desestruturaram a vizinhança como era conhecida, com a inserção de usos incompatíveis e um novo perfil de moradores que não compartilham dos laços de vizinhança. Portanto são regiões que hoje estão se reorganizando, a fim de assimilar essas mudanças.

Ao caminhar pelo bairro, observa-se que no interior dessas quadras confluentes com outros bairros que tiveram seu interior cortado por vias de passagem houve um aumento considerável de edifícios de médio e grande porte² ligados à prestação de serviços, principalmente nas áreas de educação e saúde, como a construção da Universidade Salgado Filho, na quadra 25 e adjacências, e de centros médicos e clínicas, nas demais quadras atingidas pelas intervenções. Outra consequência que se nota, nessas e em outras quadras, é a localização de um número cada vez maior

de edifícios institucionais, comerciais e de serviço nas vias de distribuição, intensificando o número de veículos no interior das quadras.

Na verdade, ao longo desses anos o Setor Sul foi se distanciando gradativamente do padrão de bairro suburbano de caráter eminente residencial, conforme foi projetado, porém ainda sem perder o caráter de bairro residencial de baixa densidade de ocupação. Um dos fatores responsáveis por esse fato foi o controle do seu adensamento, em parte exercido pela legislação vigente e em parte condicionado por seu traçado urbano sinuoso e fortemente hierarquizado, com o dimensionamento de vias exclusivas de uso local. Hoje existem no bairro poucos edifícios em altura e a maioria deles é de uso residencial.

Em visitas de campo realizadas entre 2016 e 2019,³ observou-se uma maior segregação das residências em relação às ruas e às áreas verdes internas, sem o vínculo próprio que os configura como espaços habitacionais que se complementam na vida cotidiana. Um dos grandes responsáveis por esse isolamento é o padrão do muro alto adotado em praticamente todos os imóveis, aplicado inclusive nos recuos de jardim e muitas vezes sem configurar nenhum tipo de ligação com as áreas verdes. Fato que veio estimular a intensificação de práticas de ocupação irregulares e ilegais desses espaços, como a incorporação de área pública ao lote privado, que camufladas pelos muros passam despercebidas por uma pessoa que não conhece o lugar. Hoje, podemos passar no interior de uma área verde em um mês e no mês seguinte observar esse tipo de apropriação, tanto das vielas que ainda existem quanto das áreas internas remanescentes.

Além disso, os muros altos, assim como as cercas elétricas e os aparatos de segurança existentes nas casas, indicam um sentimento de inse-

gurança por parte dos moradores, que é gerado, dentre outros motivos, pela ausência de vivacidade nas áreas verdes. Situação que pode estar relacionada à manutenção ineficiente desses espaços (limpeza e coleta de lixo, iluminação e problemas de drenagem da água das chuvas), ao pouco policiamento, ao vandalismo e ao descarte inadequado de entulhos.

Porém a convivência entre os moradores do bairro ainda é relevante, podendo ser observada principalmente nos *cul-de-sacs*, onde o posicionamento das casas, de frente umas para as outras, favorece o contato visual – e com isso as pessoas ficam mais próximas –, e nas ruas onde há comércios locais que fomentam encontros ocasionais entre eles. Nesses espaços, onde há maior movimento e sentimento de pertencimento, a sensação de insegurança diminui consideravelmente, pois a prática da vigilância informal realizada pelos vizinhos ainda ocorre.

O resultado da segregação e da falta de uso dos espaços públicos e da falta de manutenção das áreas internas das quadras ao longo dos anos foi nefasto. Hoje temos as ruínas do mobiliário e dos equipamentos urbanos construídos pelo Projeto Cura na década de 1970, que se perpetuam em algumas dessas áreas, fazendo que elas percam o sentido de lugar. Felizmente, observam-se ações de resistência por parte dos moradores, que se mostram como tentativas de estabelecer algum tipo de vínculo com essas áreas, seja por meio da plantação de árvores frutíferas e plantas ornamentais ou pela construção de bancos, canteiros e estruturas improvisadas, que buscam criar oportunidades de desfrutar do lugar e interagir com os vizinhos.

No entanto, essas oportunidades não contam com o respaldo da municipalidade, pois se de um lado os pedidos de moradores reivindi-

cando a limpeza dessas áreas e um tratamento paisagístico adequado não são atendidos, de outro há pedidos de pavimentação dessas mesmas áreas, provenientes de usuários que alugam os imóveis para outros fins que não o residencial, que são considerados.

O bairro hoje apresenta-se dividido em duas áreas diferentes, com características e vocações distintas, em virtude de seu processo de ocupação: uma abaixo das avenidas 86 e 87 (sentido sul) e outra acima delas (sentido norte). Coincidentemente essas áreas são praticamente as mesmas que definem as duas fases de apropriação do bairro: a primeira até 1975 e a segunda após essa data. A área abaixo das avenidas 86 e 87 apresenta casas de menor porte e uma diversidade maior de usos; já a área acima dessas avenidas apresenta casas de maior porte (muitas delas construídas em mais de um lote) e uma diversidade menor de usos.

Próximo às avenidas citadas observa-se que, no quadrante leste depois da Avenida 90, existe uma concentração de atividades de comércio e serviços mais especializadas, ligadas à saúde, que também existem em outras partes do Bairro em menor escala, e atividades de serviço ligadas à alimentação (restaurantes e lanchonetes) decorrentes da demanda ocasionada por esses usos. Acima das ruas 88 e 89, há um número maior de atividades relacionadas ao lazer (restaurantes e bares). Estas são as áreas consideradas mais nobres do setor, pelas tipologias e o padrão construtivo das edificações e dos serviços e comércio nelas localizados, destinados para uma classe mais alta.

Por outro lado, as quadras de ocupação mais recente, localizadas nas áreas delimitadas entre as ruas 118, 88, 115, 136 e 90 e as ruas 86, 110, 112, 115 e 88, constituem a região do bairro que sofreu menos intervenções, sejam

positivas ou negativas, do poder público nos últimos anos, no que se refere às suas áreas internas. Nelas encontram-se áreas verdes bastante deterioradas, em razão do seu grau de isolamento físico e visual em relação às ruas e das casas. A quadra 34, por exemplo – entre as ruas 86, 110, 114 e 115 –, atualmente apresenta apenas um acesso às ruas que a circundam.

No início dos anos 2000, entre 2001 e 2004, a área interna da quadra 38, onde se localiza hoje o Bosque dos Pássaros, passou por um processo de requalificação promovido por iniciativa dos vizinhos, que se organizaram de forma associativa para cuidar das áreas de uso coletivo que se encontravam em estado precário de manutenção e preservação. Na época, a iniciativa contou com o apoio da prefeitura, resultando no replantio de árvores, na restauração de jardins, da quadra de esportes, de outros elementos construídos por meio do Projeto CURA, no redesenho e pavimentação das vias de passagem de pedestres e veículos, de modo a impedir a circulação indesejada de automóveis.⁴ No momento, o Bosque dos Pássaros, assim denominado por seus moradores, apresenta-se como exemplo e cartão-postal do bairro, por sua qualidade ambiental, ensejando muitas discussões a esse respeito.

O exemplo do Bosque dos Pássaros, na quadra 38, foi seguido recentemente pelos moradores da quadra 40, que também se juntaram para a reconstrução da área verde, conservando e implantando novos equipamentos. À noite e nos finais de semana, é possível ver nas calçadas os vizinhos sentados em suas cadeiras e bancos, conversando.

Perspectivas de futuro

Nos últimos anos, verifica-se um movimento emergente de resignificação das áreas verdes e edificadas do bairro, decorrente do re-

conhecimento do seu valor histórico, afetivo e ambiental por parte de alguns segmentos da sociedade. São ações de valorização dessas áreas e de incentivo a novos usos e tipos de apropriação, que apontam para futuras mudanças no padrão de ocupação e apropriação do bairro. Dentre elas destaca-se o projeto “Casa Fora de Casa”, do estúdio Sobreurbana, que em 2016 realizou ações criativas e colaborativas, incluindo a discussão sobre o meio ambiente, com foco na paisagem urbana e na ocupação das áreas internas de quatro quadras do Setor Sul. O projeto envolveu a população, com o objetivo de estimular o imaginário social mediante ações propositivas (CASA FORA DE CASA, 2016).

Antes disso, em 2014, ocorreu a ação “MUdA Ocupa Bacião”, com o objetivo de discutir a revitalização e a preservação das áreas verdes do Setor Sul. Essa ação fez parte da programação do “Ocupa Goiânia”, idealizada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo para comemorar o aniversário da cidade, e contou com a participação de alguns coletivos urbanos – Sobreurbana, e/ou e Goiânia em Fotos –, além de envolver outros bairros (CAU-GO, 2014a, 2014b).

Esse movimento de ressignificação dos espaços urbanos iniciou-se alguns anos antes dos projetos citados, pela ação de artistas que, atentos às qualidades ambientais e paisagísticas da cidade e movidos por uma consciência urbana e social, buscaram alternativas para se expressar por meio da arte urbana. Esse movimento abarcou principalmente os bairros históricos, cujos espaços urbanos de usos públicos tornaram-se obsoletos e desabitados. Num primeiro momento, foram escolhidas as ruas internas de serviço das quadras do Setor Central e as áreas verdes e ruas internas das quadras do Setor Sul. Hoje encontramos as superfícies muradas dessas áreas cobertas por grafites, criando verdadeiras galerias a

céu aberto, representações simbólicas que somam outra singularidade ao bairro e uma nova relação de identidade. Atualmente, esse movimento de ressignificação de espaços urbanos por meio da arte tomou toda a cidade.

No âmbito do Setor Sul, as discussões sobre o bairro, seu destino e seu futuro, têm ganhado espaços entre moradores que reivindicam do governo soluções relativas às áreas verdes remanescentes. Nessas discussões se incluem a integridade dessas áreas verdes, a preservação e a manutenção adequada de seus espaços públicos e a qualidade de vida no bairro (segurança, mobilidade e acessibilidade). Os moradores valorizam as áreas verdes, reconhecem seu papel ambiental, assim como prezam pela ambiência de tranquilidade do bairro propiciada pelo gabarito das construções, composto por casas térreas, sobrados e edifícios de pequeno porte.

Nessa mesma direção, observa-se um fenômeno incipiente, com a vinda de um perfil diferente de moradores, motivados por um novo estilo de vida que reflete uma consciência e um maior compromisso social e ambiental. Trata-se de um perfil eclético de famílias e casais que apreciam a natureza e as características de sossego e tranquilidade do bairro, em meio à cidade agitada, e que, em função dos avanços tecnológicos e das mudanças de hábitos, exercem suas atividades laborais em casa ou intencionalmente criar um comércio ou atividade de prestação de serviço no mesmo lugar onde moram. São pessoas que buscam uma vida saudável, um contato mais direto com a natureza e deslocamentos pendulares⁵ que facilitem as tarefas do cotidiano. Por sua localização central e sua forma urbana – com ruas curvas e arborizadas, casas agrupadas em *cul-de-sacs* e áreas verdes interligando as quadras –, o Setor Sul mostra-se como um lugar atrativo.

Diante do exposto, fazem-se necessários estudos que venham pensar em novas alternativas de ocupação, com uma diversidade maior de tipologias edilícias que atendam a diferentes tipos de famílias, aumentem a visibilidade e a integração das áreas verdes e melhorem a conexão entre as moradias e o espaço público. Referem-se a tipologias em consonância com as características do lugar e que preservem de forma adequada sua morfologia e seus recursos naturais e ambientais, incentivando a vida saudável e o contato entre os moradores, fortalecendo o sentimento de pertencimento e estimulando a participação cidadã.

Da mesma forma é importante pensar na criação de espaços urbanos vinculados à cultura de morar da população e aos modelos culturais de apropriação, que forneçam condições de estimular o espírito comunitário e de cooperação entre os vizinhos. Espaços que sejam palco da vida no cotidiano do bairro e onde se desenvolvam as relações sociais na sua dimensão processual, ou seja, promovam um ambiente aprazível e convidativo às pessoas, que estimule o convívio entre os moradores e o contato com o espaço público.

O Setor Sul, hoje, oferece pautas para se concretizar, de fato, como um experimento dentro de um conceito atualizado de cidade-jardim, inovando em termos de práticas urbanas, na perspectiva de fortalecer uma visão social e ecológica da cidade.

Notas

1. Segundo dados do Censo de 2010 (BRASIL, 2010), houve um declínio de 14% da população do Setor Sul entre os anos 2000 e 2010. Em 2010, a maioria dos moradores do bairro era de adultos com idades entre 60 e 79 anos e em segundo lugar de crianças e adolescentes, com idades entre 6 e 15 anos. ↩

2. Consideram-se edifícios de médio porte, nesse caso, construções de dois pavimentos que ocupam dois lotes, e de grande porte, construções de dois a três pavimentos que ocupam mais de dois lotes. ↩

3. Em pesquisas de campo realizadas com os alunos de Introdução à Arquitetura da Universidade Federal de Goiás, para fazer o levantamento e a análise dos espaços urbanos e das edificações das quadras do Setor Sul em relação à sua forma, condições de uso, habitabilidade e apropriação, os moradores falaram da sua percepção e vivência no bairro. As informações apresentadas neste texto e nos textos que vêm a seguir baseiam-se na observação feita *in loco* e em relatos dos moradores. ↩

4. Informações prestadas por Maria Neuza Balduino, líder da associação de moradores da quadra onde se localiza o Bosque dos Pássaros, durante pesquisa de campo realizada em 2018. ↩

5. Deslocamentos realizados da casa para o trabalho, parando em vários lugares para resolver questões geralmente relacionadas às atividades do cotidiano doméstico, como levar os filhos para a escola ou fazer compras. ↩

REFERÊNCIAS

ALVARES, Geraldo Teixeira. *A luta na epopeia de Goiânia: uma obra de engenharia nacional*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Brasil, 1942.

ARQUISCÓPIO. Plano de manejo básico desenhado por Stein e Wrigh. 2013. Disponível em: bit.ly/3mrYRml. Acesso em: 10 out. 2021.

BRADLEY, Quintin. The radical roots of Garden Cities. *Critical Place*, Sept. 25, 2015. Disponível em: bit.ly/3jLgz2f. Acesso em: 22 out. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Censo 2010*. Brasília, DF: IBGE, 2010.

CASA FORA DE CASA promove encontros de ocupação no Setor Sul: ações criativas divididas por quatro praças do Setor Sul discutem urbanismo e transformação da paisagem durante os meses de julho, agosto e setembro, em Goiânia. [Goiânia], 2016. Disponível em: bit.ly/3FNOfoP. Acesso em: 29 nov. 2021.

CAU–GO – Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás. MudA Ocupa Bacião discute revitalização e preservação de praças do Setor Sul. [Goiânia], 28 out. 2014a. Disponível em: bit.ly/310A4h6. Acesso em: 29 nov. 2021.

CAU–GO – GO – Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás. Sobreurbana, e/ou e Goiânia em Fotos ocupam a Praça Universitária e a Jam Session da Casa Corpo. [Goiânia], 28 out. 2014b. Disponível em: bit.ly/3xqIbzt. Acesso em: 29 nov. 2021.

FOLHA DE GOIÁS. Início hoje da “Operação Tapa Buraco”. Setor Sul. Goiânia, 5 mar. 1960.

FOLHA DE GOIÁS. As ruas continuam atolando. Goiânia, 3 jan. 1961.

FOLHA DE GOIÁS. Buracos e poeira na 85: asfaltamento não vem. Setor Sul. Goiânia, 13 jul. 1961.

FOLHA DE GOIÁS. Rede de água e esgoto para diversos bairros da Capital. Goiânia, 8 jul. 1962.

FOLHA DE GOIÁS. Bairros de Goiânia terão pavimentação brevemente: a firma vence concorrência. Goiânia, 21 dez. 1962.

FOLHA DE GOIÁS. Água para o Setor Sul não possui qualquer tratamento. Goiânia, 4 fev. 1964, p. 8.

FOLHA DE GOIÁS. Vereador pede encascalhamento de rua no Setor Sul de Goiânia. Goiânia, 15 dez. 1965, p. 3.

GODOY, Armando Augusto de. Relatório sobre a conveniência da mudança da capital. 1933. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Geografia. *Goiânia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1942a. p. 13-30.

GODOY, Armando Augusto de. A futura capital de Goiás. Entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, 2 maio de 1934. In: INS-

TITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA. Conselho Nacional de Geografia. *Goiânia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1942b. p. 35-40.

GODOY, Armando A. de. *A urbs e os seus problemas*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1943.

GOOGLE. *Google Street View*. Disponível em: earth.google.com. Acesso em: 20 ago. 2021.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. *A cidade utopia*. Belo Horizonte: Vega S.A., 1979.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Composição arquitetônica e o campo da arquitetura: ensaio de sistematização para o estudo do fenômeno arquitetônico*. Apostila mimeografada, versão de 1985a.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. 1983, *Goiânia 50 anos*. Goiânia: MEC/ SESU, 1985b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. *Goiânia*: coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição ao batismo cultural de Goiânia. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1942.

IPLAN. Escritório de Planejamento da Prefeitura de Goiânia. *Projeto Cura: estudo de viabilidade econômico financeira, área piloto Setor Sul*. Goiânia, 1974.

LUCEY, Norman. *The effect of Sir Ebenezer Howard and the Garden city movement of twentieth century town planning*. Rickmansworth: Hertfordshire, 1973. Disponível em: bit.ly/3qTOF2b. Acesso em: 25 ago. 2021.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. Maria Cristina Tavares. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1980.

MAPA FÁCIL GOIÂNIA. Disponível em: bit.ly/3HC5Otu. Acesso em: 15 out. 2021.

MOTA, Juliana Costa. O Setor Sul em Goiânia: o espaço público abandonado. *Docomomo*, 2016/01. Disponível em: bit.ly/31j9WOF. Acesso em: 17 out. 2021.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. v. II. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

OLIVEIRA, Maria das Mercedes Brandão. *Setor Sul: concepção e influências*. 1985. Monografia (Trabalho de Conclusão do Ramo de Teoria e História da Arquitetura) – Departamento de Arquitetura, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1985.

O POPULAR. Desmatamento nos Setores Sul e Oeste. Goiânia, 28 fev. 1960.

O POPULAR. Plano Diretor de Goiânia. Goiânia, 1º maio 1960.

O POPULAR. Iniciados reparos em todas as vias públicas da Nossa Capital. Goiânia, 6 maio 1960.

O POPULAR. Goiânia, em 10 anos, teve aumento de 100.555 habitantes: censo de 1960. Goiânia, 18 jan. 1961.

O POPULAR. Vandalismo no Setor Sul. Goiânia, 18 fev. 1962.

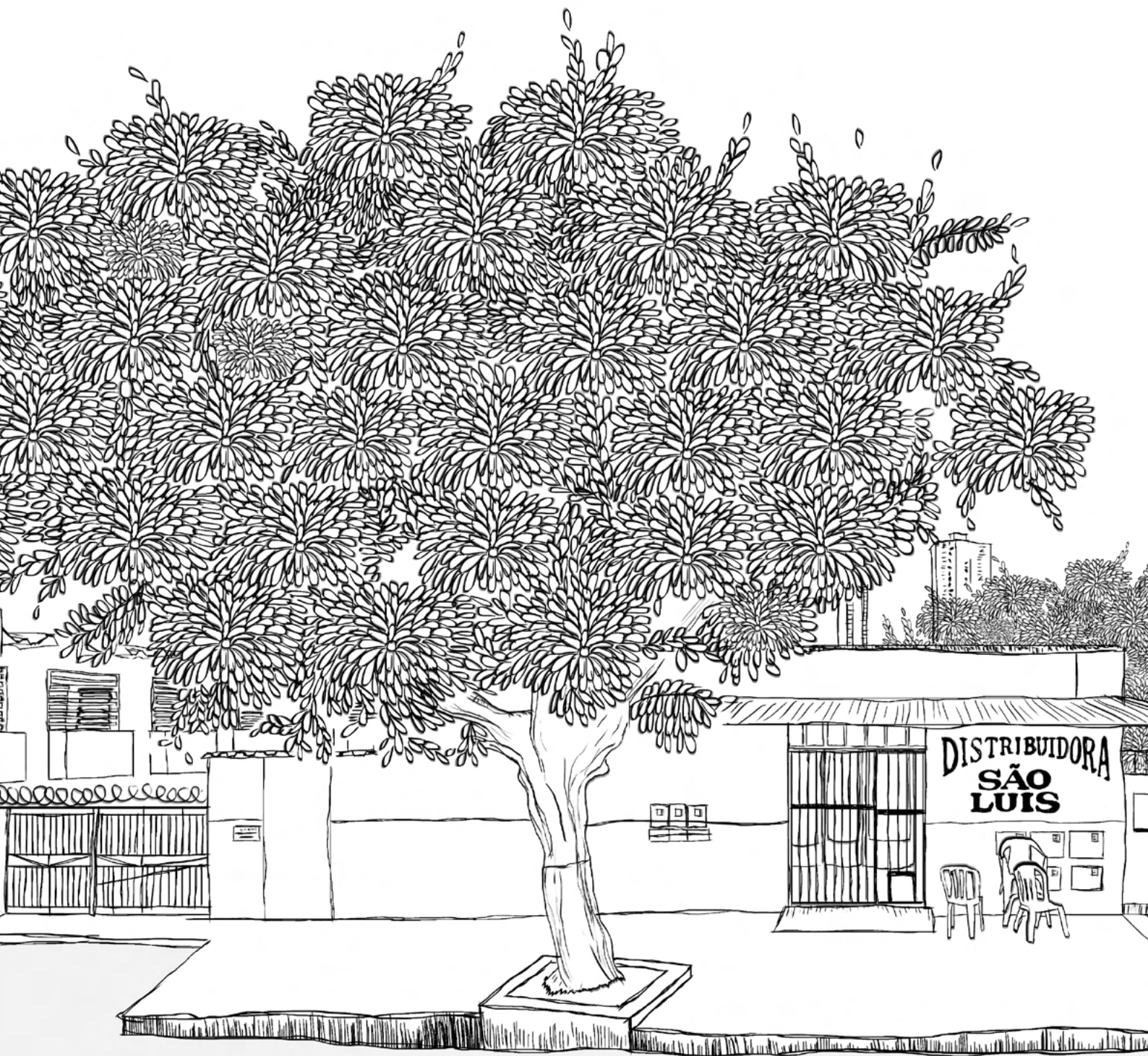
O POPULAR. Parte da rede de água do Setor Sul será concluída brevemente. Goiânia, 19 abr. 1962.

O POPULAR. Particulares abrem ruas no Setor Sul. Goiânia, 28 dez. 1962.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos *et al.* *Quando a rua vira casa*. 3. ed. São Paulo: Projeto Arquitetos Associados, 1985.

SANTOS, Luiz José dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

URBAN UTOPIAS. Ebenezer Howard and Letchworth: The First Garden City. Letchworth Garden City, UK, Nov. 2018. Disponível em: bit.ly/3jP6660. Acesso em: 22 out. 2021.



APÊNDICE A

ENTREVISTAS COM ANTIGOS
MORADORES

PERGUNTAS NORTEADORAS:

I. Origem

- 1) Quando vocês mudaram para o bairro?
- 2) Onde morava anteriormente?
- 3) Como era onde morava? (Distribuição da casa, acessos, funções da casa e da rua etc.).
- 4) Como era a vizinhança?

II. Motivos para a mudança:

- 1) Por que veio morar no Setor Sul?
- 2) Quais eram as suas expectativas quanto ao bairro e à cidade?
- 3) Na época o Setor Sul era considerado Setor Nobre?

III. Processo de Ocupação:

- 1) Como era o setor quando você se mudou para ele? (Existiam ruas bem definidas; quantas casas existiam nas imediações da sua; que tipo de infraestrutura e equipamentos possuía o setor; estava ele urbanizado?)

- 2) Quais eram as dificuldades de morar no setor na época?
Como elas eram supridas?
- 3) Como a vizinhança se relacionava? Existiam pontos de encontro? Onde?
- 4) Quais eram suas atividades diárias que englobavam a casa e a rua? Como elas se davam?
- 5) Onde se dava o lazer nos fins de semana?
- 6) Você poderia me dizer quais foram as mudanças que sofreu o setor desde que você se mudou para ele?
- 7) Quando foi colocada infraestrutura?

IV. Percepção do Projeto:

- 1) Qual a diferença que você vê entre o Setor Sul e os outros bairros que você conhece?
- 2) Você tinha conhecimento quando mudou para o bairro de que este foi projetado?
- 3) Você foi esclarecido(a), na época, quanto à maneira de utilizar o sistema de ruas internas e áreas verdes e quais eram as suas funções?
- 4) O que você acha deste sistema de vielas e áreas comunitárias?
- 5) Qual é o significado para você da rua, da casa e da praça?
- 6) O que você achou que falhou neste projeto? Gostaria de mudá-lo? Como?
- 7) Se o governo na época tivesse urbanizado as áreas verdes e orientado a população, você acha que ela utilizaria estas áreas comunitárias? Por quê?

V. Percepção do Espaço Urbano do Setor:

- 1) Como você vê o setor? (Desenho e paisagem). Descreva-o em linhas gerais.
- 2) Dê a descrição de seu percurso quando vai fazer compras e ir ao trabalho.

- 3) Mostre-me, no meu mapa, onde você se morava ou mora (marque com um X).
- 4) Mostre-me onde as crianças brincavam (com um círculo).

**VI. Se mudou para outro setor? Quando? Para onde?
Por quê?**

B. A. C.

Data: 22/04/1986

Profissão: Médico

Local de residência no bairro:
rua 100 e rua 87

Me mudei para o bairro no final de 1958 e moramos nele até quatro anos atrás. Agora apenas nossos filhos residem no Setor Sul.

Morava anteriormente no Setor Oeste, mas achava que o Setor Sul era mais residencial, era mais perto da Praça Cívica e mais acessível para as nossas livres viagens.

O Setor Oeste ainda era um setor pouco habitado na época, assim como era o Setor Sul. O Setor Oeste já tinha as ruas delimitadas e o Setor Sul não tinha. Ainda se passava por meio de lotes para atingir a Praça Cívica, tornando assim o caminho mais viável, mais fluente.

Vimos morar no Setor Sul por ser mais perto e por estarmos construindo uma casa nossa, pois no Setor Oeste estávamos morando em casa de aluguel.

Antes de morar no Setor Oeste morávamos no interior de Goiás, em Mossâmedes. Em Mossâmedes conhecíamos a cidade inteira, no Setor Oeste conhecíamos dois ou três vizinhos e no Setor Sul tivemos um número maior de vizinhos com os quais entrosamos mais, talvez por morar no bairro por mais tempo.

No Setor Sul a gente descia para o centro da cidade pela Praça Cívica com a maior naturalidade, andando, de bicicleta... Era boa a vida naquela época. Esperávamos que o Setor Sul fosse um setor residencial, calmo, fácil de construir a família, fácil aos colégios, tudo. O setor correspondeu às expectativas, tanto que moramos por muito tempo nele.

Quando mudamos para o bairro existiam poucas ruas já traçadas. Nos locomovíamos através de “trieiros” nos lotes vagos, não tínhamos água encanada, já tínhamos luz, não tínhamos esgoto. Tudo foi aparecendo posteriormente. Ainda lembro da cisterna em casa, que era enorme.

A rua 87 se formou mais como uma via de acesso ao conjunto do Lar Brasileiro. Acho que o Consórcio Rodoviário se locomovia por ali. Então se criou a rua que já existia no mapa, mas não era transitável. Não tinha asfal-

to, era aquele “poeirão danado”. Tínhamos dois vizinhos na época, excluídos os vizinhos do conjunto Lar Brasileiro, com os quais nós não tínhamos afinidade. A rua 87 tinha duas ou três casas. Na época ainda se apreciavam, de tardezinha ou de manhã, manadas de gado que transitavam nos lotes vagos. Era um clima agradabilíssimo.

Na rua 100 não tínhamos local onde fazer compras. Depois que fomos para a 87 a dificuldade ficou sendo a distância. Supermercado não tinha na época, comprávamos tudo no Mercado Central ou na feirazinha que ficava atrás do Palácio. No setor só tinha casa residencial.

Raramente batíamos papo com os vizinhos, no final de tarde ou então bem cedinho enquanto estavam se abrindo as residências. A mulher cuidava da educação dos filhos. As crianças tinham uma vivência muito maior que nós. Porque tinham um campo largo para brincar e todas as crianças do bairro se davam muito bem. Elas brincavam de tudo, desde *cowboy* até futebol. As crianças aproveitaram! Tinha aquelas lobeiras, cujos arbustos davam uma fruta bem grande e as crianças brincavam com aquilo. A fruta servia até como bola de futebol. As crianças ficavam mais, né, na rua do que dentro de casa. Não tínhamos medo de assaltantes, de sequestros e atropelamento, como temos hoje.

A vizinhança se relacionava muito bem. Quem tinha carro, esperava o outro até acordar para dar carona. Havia solidariedade, tudo isto.

No decorrer dos anos a densidade populacional aumentou, as ruas cresceram, incharam, onde era residência se transformou em comércio, principalmente na altura da rua 100. Os espigões, os arranha-céus, carros... dificultando até se locomover nas ruas. O que nos obrigou, atualmente, a sair da rua 100 e ir para o Setor Universitário. Primeiro moramos na rua 100, depois passamos para a 87, enquanto construíamos nova residência na rua 100.

Quase todos os setores cresceram. Goiânia é uma cidade em que antes, você seguindo pela rua 85, o Setor Sul terminava na praça do Ratinho. Hoje a rua 85 virou a Av. 85 e vai terminar no “Deus me livre”. Cada bairro, cada conjunto residencial, cada edifício, que você até não acredita que tudo aquilo pertence à Goiânia do nosso tempo, em 1960.

O Setor Sul foi um setor planejado, residencial. Quando nós mudamos para lá já sabíamos disto. Nós tínhamos a planta de Goiânia, mas a prefeitura não nos esclarecia nada não. Nós tínhamos conhecimento das áreas de lazer, mas, como não havia tantas casas, tudo era área de lazer. Mas essas áreas eram puro mato, ninguém sabia onde era área de lazer exatamente. E assim mesmo os meninos brincavam nestas áreas, soltos pelo Setor. Principalmente quando morávamos na 87, tudo era área de lazer. Nessa época eles iam até a rua 100 e voltavam, a toda hora. Nestas áreas tudo era lazer, tudo era caminho.

A intenção de quem projetou estas áreas era de melhorar o bairro, mas quem hoje mora perto destas áreas de lazer diz que estas áreas passaram a ser lugares de malandros, de vagabundos... Ninguém tem uma boa referência.

Não sei se estas áreas estão assim por falta de fiscalização, por falta de uso próprio. As áreas de lazer diminuem com os campos de futebol para adultos, que não deixam nem os meninos brincarem. É, sei que mãe nenhuma deixa os meninos brincarem nas áreas de lazer por um problema de segurança.

Para mim, a rua, a casa e a praça possuem atividades próprias: a casa serve para morar, a rua para a gente andar e a pracinha para descansar, para as horas de ócio, de lazer.

Faltou uma maior motivação da população do próprio bairro, uma fiscalização melhor, uma urbanização. Aliás, brinquedos até conseguiram construir, mas acho que quebravam os brinquedos, mas não sei por quê. Socialmente falando não sei o que desmotivou a turma de um uso maior destas áreas.

Se o governo no início tivesse urbanizado as áreas, poderia ter uma receptividade maior, uma frequência muito maior.

O Setor Sul era uma área que terminava no Palácio e possuía três ruas principais: 83, 84 e 85. Uma se dirigia para o Conjunto Lar Brasileiro e outra era uma estrada que ia para uma cidade do interior. E o Setor Sul, esta área

grande, era uma cidade aberta bem diferente do centro da cidade. Um lugar a ser construído, mas na época não esperávamos que fosse esta febre de construções, desalojando os mais comodistas como eu. Esperávamos que fosse um bairro mais tranquilo do que é hoje.

Hoje eu sei que tem até gente ocupando, com fraudes, estas áreas de lazer. Porque, desde que o povo não ocupou, ele sozinho quer ocupar aquilo, usufruir, aumentando o seu lote.

A rua 100 era aqui, a 87 aqui. No mapa parece até grande, mas nós íamos da 87 a 100 por “trieiros”. As três ruas principais eram estas e tinha o Conjunto Lar Brasileiro. A 85 saía para Jataí e a 83, para o córrego Botafogo. O Botafogo também era um limite extremo. Você que morava na rua 100 quase não ia no Botafogo, ia para o centro através da Praça Cívica. Os caminhos que geralmente se fazia era para o Centro, a pé mesmo. Não tinha carro, nem ônibus que passava mais perto. A circulação de veículos se dava até a Praça Cívica, no Palácio.

Da rua 100 para o centro era um pulo, já na 87 ficou mais longe. Mas como se ia por “trieiros”, ficava até perto, onde se avistavam uma casa e outra conhecida.

Quando eu residia na 87, o Setor Sul era só da 87 para baixo [mais ou menos na época em que o Mauro caiu]. Ninguém nem pensava em comprar um lote depois da 87. Se alguém oferecesse ninguém comprava.

O Clube Social feminino não existia, mas já sabíamos de sua construção e que ele ia ser fundado. A Praça do Cruzeiro era ponto de encontro novo, era uma praça bonita, tinha realmente o Cruzeiro e você se sentia bem em estar lá.

Depois de 1965 é que começou esta explosão e o Setor cresceu mais beirando a rua 85 e acima da 87.

E. B.

Data: 23/04/1986

Profissão: Funcionário Federal
aposentado

Local de residência no bairro:
Rua 92 n° 249

Nós mudamos no dia 31 de julho de 1956. Morávamos anteriormente em Uberlândia. Lá em Uberlândia morávamos em uma casa perto da casa de meu pai. Uma casa boa, com calçada, água, luz [naquele tempo não tinha telefone] e a rua era bem calçada.

Lá nós morávamos no centro da cidade. As atividades exercidas eram: minha esposa era funcionária, mas estava de licença, e eu trabalhava de alfaiate. E o resto é aquela vida normal de gente de classe média. Sempre fazíamos compras no próprio bairro, porque a cidade era pequena. Tudo era perto e de fácil acesso.

A relação de vizinhança era bem próxima porque os vizinhos eram minha mãe e minhas cunhadas, mas tínhamos muitos vizinhos estranhos, com pouca relação. Esta relação, como era familiar, se dava dentro de casa e não na rua.

Vimos para Goiânia porque éramos novos ainda. Ela [esposa] é de origem de Goiás, então viemos para capital tentar a vida aqui. Escolhemos o Setor Sul porque já tínhamos este terreno e resolvemos construir um barracinho aqui e morar aqui. Nós tínhamos muitas esperanças no bairro, porque era um bairro novo, apesar que quando mudamos para cá não havia nada. Mas era um bairro novo e próximo ao centro, e minha esposa trabalhava na Praça Cívica, então ficava fácil o acesso. Naquele tempo a gente andava a pé mesmo e não tinha nem bicicleta para andar.

Naquela época o Setor era considerado nobre porque era próximo do Centro, próximo do Palácio do Governo, muito bom de perspectiva. O loteamento era tipo americano, que possuía estas praças ao fundo.

Na época tínhamos conhecimento do projeto porque minha mulher trabalhava na repartição que fez o projeto, que se chamava Divisão de Terras e Colonização. Então nesta época ela escolheu e comprou o lote diretamente do Estado. Nós nos casamos e fomos para Uberlândia, depois é que voltamos e construímos a casa.

Alguns vizinhos tinham conhecimento do projeto, como o daqui da frente, o falecido [...], porque ele tinha uma parenta que também trabalhava na Divisão de Terras. A rua 92 foi designada para todos os funcionários da Divisão de Terras.

A cidade era muito pequena quando o Estado vendeu os lotes. Naquela época mostravam-se os mapas e era explicado que aqui era um Setor e que o traçado era do tipo americano. A ideia era que a coleta de lixo fosse feita só pelo fundo, pelas vielas. Mas depois vem outro governo, com outra mentalidade, e mudou tudo. Teve um ex-prefeito que vendeu as vielas todas. Quer dizer, tirou aquela beleza do loteamento.

Na época em que mudamos para o Setor, era triste, porque nós morávamos aqui e até cobra nós matávamos. Além da nossa casa, só tinha a casa de frente e a outra ali do lado. A rua era completamente deserta, não tinha asfalto. Perto da feira [do Setor Sul] em direção à nossa rua, havia uma invasão de mais ou menos uns quinhentos metros. De lá para cá não tinha nada. Só era o loteamento [as ruas], não tinha infraestrutura, não tinha água e nem esgoto, só luz. Em casa tínhamos cisterna. Na 83 tinha um armazém que vendia pão e outros produtos de primeira necessidade, chamava-se Casa Verde. Tinha a Escola Pública Vasco dos Reis – não sei bem o nome –, perto do hospital.

Naquela época, não tinha dificuldade nenhuma em morar aqui, porque naquele tempo o povo era mui-

to bom, e marginal, por exemplo, não existia por aqui. O povo era muito acomodado, não tinha briga, não tinha nada. Podíamos sair tranquilos, nossa casa não era nem cercada. Depois é que eu fiz uma cerca aí, mas os lotes eram todos abertos. Tinha trânsito de carro na porta de casa, o sujeito passava dentro do meu lote e dentro do lote do vizinho. Podíamos sair e ninguém mexia no que era da gente. Hoje, apesar de todas as benfeitorias, você não tem “sossego de viver”. Na praça aí atrás é motoqueiro, é maconheiro, aquela bagunça. Na rua é carro dando pau. A pessoa hoje não tem sossego para morar mais.

A nossa casa tem acesso para a viela, mas é nos fundos. Quase todas as casas têm este acesso.

As crianças brincavam dentro de casa porque não havia rua, era mato. No princípio também não tinha vizinho nenhum, então não tinha jeito. Depois que meu menino cresceu um pouquinho, então começaram a brincar na rua, pois nesta época já tinha mais vizinhos. Mas tudo aqui na redondeza, tudo pertinho. Eles brincavam nas áreas antes de fazer as benfeitorias, era tudo mato, eu que capinava aqui atrás. Limpava um pouquinho o terreno para não deixar acumular cobra e marginal. Marginal quase não tinha, mas tinha muita cobra. A gente mesmo é que capinava nos dias de folga. Não havia uma mobilidade da vizinhança para arrumar as áreas verdes, cada um fazia por si só. Outro vizinho plantou algumas árvores e estão aí até hoje as árvores.

As mudanças que ocorreram no Setor: as ruas esburacadas foram asfaltadas e foram instalados água e esgoto. Muita quantidade de água, pelo menos, e água muito boa. Hoje temos hoje padaria, hospital, tem a feira perto, tem açougue, estas coisas de primeira necessidade. Tudo perto.

Antes tinha muitas árvores, agora só tem prédios. Virou uma selva de pedra que enfeia a cidade e ao mesmo tempo beneficia muito a gente.

Quando mudamos para o Setor muita gente plantava árvores, uns eram mais cuidadosos e outros não. Tínhamos um vizinho aqui atrás, que era uma invasãozinha, um povo muito humilde, mas zeloso. Eles plantavam muitas árvores, pés de abacate, pé de manga, tudo. Tinha as pessoas que vinham só de passagem, e então alugaram uma casa. Foram ficando, ficando e só faziam destruir o que podia ser destruído.

A nossa relação com a vizinhança continua mais ou menos a mesma. A gente é amigo de todo mundo. Não temos inimizade, mas não somos também de estar frequentando casas de vizinhos. A gente encontra, cumprimenta... Sempre que um vizinho precisa a gente está ali, firme. Não temos na rua ponto de encontro, a gente junta mais na época do Natal, porque fazemos as novenas nas casas.

No fim de semana a gente ia no Horto [Lago das Rosas?] levar as crianças. Às vezes passava o dia todo, ou a metade do dia, ou íamos à Praça Cívica para passear.

À noite levávamos as crianças à Praça Cívica para ver a fonte luminosa ou quando tinha alguma comemoração ou festividade. O passeio predileto era ir ao Zoológico.

O Setor Sul possui um traçado mais bonito que o centro e os outros bairros, mas é um traçado mais difícil de ser compreendido. As ruas mudam de nome e as vielas confundem muita gente, porque não têm saída.

Então, a pessoa que chega de outro bairro a princípio critica isto, mas é porque ainda não estava ambientada. Como Setor é o melhor que se tem para morar. Apesar de tudo, ainda é o mais tranquilo.

Apesar de não ter fiscalização e um policiamento adequado, se a prefeitura tratasse das áreas aí [refere-se às áreas internas da quadra], estas áreas seriam uma beleza! Mas do jeito que está, o que existe em termos de equipamento é tudo destruído. Aqui na praça é porque eu cuido e procuro olhar, mesmo assim só tem três luminárias. Agora que está tudo gramado ficou limpinho.

A rua serve para a gente se locomover de um lado para o outro e a casa para morar, se abrigar, guardar os pertences e para descansar. Para lazer tem que ser a rua no sentido global, você vai no cinema, você vai num *camping*, na chácara de um amigo... este é um lazer que cansa a cabeça.

Não precisaria de o governo orientar ninguém quanto à utilização das áreas verdes, precisaria somente da fisca-

lização, porque quem destrói não é o morador do bairro, mas sim de outros setores. Até mesmo crianças e rapazes.

O traçado é belíssimo, apesar de pouco ligado, por já terem vendido muitas vielas. No meu entender, as ruas principais são a 83, 84 e 85 que partem do Palácio do Governo, hoje Centro Administrativo. A 83 vai para o Serra Dourada, a 85 vai para os setores lá de cima [Setor Marista] e a 84, para o Setor Sul. E a 86 que se encontra com a 83, aqui perto. Tem também a rua 104, que nos transporta do Setor para o lado Oeste da cidade. Agora as outras ruas são ruas normais.

Nas áreas verdes existiam casas com acesso para as ruas e para estas áreas. As casas que eram viradas para as áreas verdes – mais ou menos duas ou três – eram barracões construídos no fundo dos lotes, para aproveitar para aluguel [observações da esposa].

Nota: os entrevistados disseram que havia uma casa que dava para a rua 92 e que foi construída em um pedaço de área verde.

M. E. C.

Data 23/04/86

Profissão: Doméstica

Local de residência no bairro:

Rua 85-C nº 48

Mudamos para o Setor Sul no início de 1953. Morávamos antes no Bairro Popular e, antes de morar em Goiânia, morávamos em Ipameri.

Morávamos na rua 57, uma rua estreita, e num bairro que na época era considerado como centro também. As casas eram todas unidas, tinha quintal, tinha plantas. A casa tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro, e o quintal, que era bem grande. A rua era de chão e não tinha árvore.

A relação com a vizinhança era bem próxima, todos os vizinhos eram muito amigos. Era como se fosse uma cidade pequena.

Nós fazíamos compras no centro, no Mercado Central. Era tudo no centro, os bairros não tinham nada próprio. Eu trabalhava no escritório e a Ivone, minha irmã, nas Casas Pernambucanas [comentário feito por O. C., uma das filhas de M. E.].

Em Ipameri a casa era enorme, parecendo uma chácara. Tínhamos sete pés de manga, dois de laranja, um de caju, muitas flores no quintal. A casa era perto da igreja, perto do colégio, era tudo perto. Quando mudamos para Goiânia já era muito longe. As escolas eram longe de casa e o cinema também.

No Setor Sul não tinha vizinho no começo, só havia a casa construída no mato e o Palácio. Nos lotes vagos, tirávamos até madeira para fazer comida.

As ruas ainda não estavam abertas, o bairro não tinha infraestrutura. Só tinha a 85, que futuramente se tornaria avenida. Os acessos eram feitos pela 85 e tivemos que abrir picadas para chegar na casa.

As pessoas abriam acessos para os carros com picareta, nas ruas internas. Onde hoje é o Externato São José era uma chacarazinha. A Rua 85 tinha um córrego que terminava na Praça do Ratinho e onde as crianças brincavam de pescar.

Posteriormente construíram a Caixa d'Água e era até um passeio ir até lá. Ela foi construída entre 1953 e 1960.

Vimos morar no Setor Sul porque minha mãe teve uma visão muito grande de futuro. Ela trocou um lote da Fama por um lote no Setor Sul. A Fama tinha mais estrutura na época [comentário da filha, O. C.].

Eu tinha um lote na Fama e outro no Setor dos Funcionários, mas eu achei que lá não estava bom e gostei daqui porque enxerguei o Palácio. Mas era mato mesmo, árvores grandes, era como uma chácara. Eu participei de todas as construções aqui.

Eu sabia que aqui ia melhorar. Na época em que mudamos para cá as pessoas falavam: “Mas por que Setor Sul?”. Na época, o Setor Sul não tinha acesso e nem construções.

Eles vieram aqui, demarcaram para mim e eu construí a casa. Eu não sabia que o Setor era planejado. Eu simplesmente gostei daqui, do clima... Ninguém falava nada sobre áreas verdes. Abriu o Setor e eu construí a casa.

As dificuldades eram muito grandes. Não tinha nem mercado para fazer compras. Tudo era muito difícil.

Nos locomovíamos pelo setor de bicicleta. As meninas iam de bicicleta fazer as compras. Para se locomover, a gente pegava as vielas que iam se formando.

Depois da casa de mamãe [O. C.], foram construídas outras casas. Você passava nas cozinhas, sem saber

que estava passando no fundo de uma determinada casa, porque não tinha nem cerca de arame, as casas eram todas abertas. Passávamos então pelas ruas 103, 85-A, B e C, pela 94, pela porta dos fundos das casas, como se fossem ruas. As pessoas ficavam até constrangidas e não gostavam.

Não tinha água, não tinha luz, tinha cisterna. Esta rede aqui a Júlia [outra filha] que puxou. Nós moramos aqui uns cinco anos sem água, luz e esgoto, sem nada. Foi muita coragem. Cobra tinha muita. Pegava-se muito passarinho.

As crianças sumiam no Setor Sul, que era mato. Na época em que eu era garota [fala de O. C.] a rua 85 era asfaltada até a 103 [possuía então 28 anos]. Nós íamos fazer piquenique aqui onde era a Economiza. Na 105 com a 85 tinha uma árvore enorme e o córrego passava por ali, atravessava a 85 e pegava a rua 14. Para nós, isto aqui era como se fosse o fundo do quintal de uma fazenda.

Como toda chácara, em volta da casa era tudo limpinho por causa das cobras, cada um cuidando do seu quintal.

Em 1964 a rua 85 ainda não era asfaltada. O marco da gente [para brincar] era aquela caixa d'água, no bloco dos Marista [fala de O. C.].

Na Chácara da Celg era onde as pessoas compravam frango, ovos...

Um lugar turístico de passeio eram os poços artesanais. O lazer era ir ao centro assistir ao cinema. Era tudo no centro. No Palácio tinha fonte luminosa, então a gente ia para lá [fala de O. C.].

Na rua não tinha ponto de encontro porque os vizinhos moravam distantes. Depois que foram construindo as casas é que foi se formando uma pequena comunidade. Até que todos os moradores do início do setor nós já sabemos, são amigos para toda a vida.

Aqui na rua 85 com a rua 94 foi surgindo o que eles chamavam de empório, onde se vendia de tudo, e aí as pessoas se encontravam. Aqueles prédios da rua 85 são bem antigos. A gente ia lá comprar chicletes. A banca de revista está lá, há muito tempo. Mais tarde a Praça do Cruzeiro tinha fonte luminosa, então a gente ia para lá. Tinha, entre os anos 1960 e 1970, cinema, matinê dançante... [fala de O. C.].

Eu acho que o defeito da elaboração do projeto do Setor Sul foi consertado nos outros setores. Fizeram um projeto sem vielas, sem tantos vazios, como é o Setor Oeste, hoje, e o Setor Marista. Não sei se foi bom ou ruim. O Setor Sul teve o Projeto CURA, que nunca deu certo porque sempre há muita depredação e tudo. Então eu acho que melhoraram, por causa dos problemas das vielas, que era onde aconteciam todos os assaltos. Geralmente, as pessoas já sabiam que no Setor Sul tinha-se acesso a vá-

rias ruas. Você vai na rua 85, por exemplo, você vai para rua 83 ou pode passar pela rua 103. Não tinha segurança, como ainda não tem hoje. Mesmo no comecinho tinha este problema, não tanto como hoje.

Antes era bem mais seguro, porque saíamos à noite para ir em festas no Centro a pé e voltávamos tarde da noite ou de bicicleta. Todo mundo tinha bicicleta [fala de O. C.].

Para mim o importante é a casa, eu ficava só em casa, só trabalhando, não participei de nada.

Se as áreas fossem urbanizadas de início, as crianças já teriam se acostumado a ir para as áreas verdes e os pais levariam os seus filhos. Então seria uma coisa, assim, tudo planejado.

O Projeto CURA só foi feito depois que as pessoas já tinham brincado de pescaria, de esconde-esconde e em árvores, que havia muitas [no abrigo de velhos tinha muitas árvores]. As pracinhas tinham um estigma de ser um lugar perigoso [mesmo com o Projeto CURA]. Não vai lá não que é viela, tem tarado.

As casas davam fundo para as vielas, então para nós as vielas eram mato, matagal. Depois que cercaram com os muros, as áreas de lazer ficaram muito fechadas e aí se criou este estigma de ser um lugar perigoso. Ainda por cima, venderam pedaços das vielas. Mesmo depois de adultos passávamos nas vielas morrendo de medo. As

pessoas chamavam de viela o fundo das casas e a pracinha à frente das casas [fala de O. C.].

A casa foi construída com a frente para viela, porque foi o engenheiro que fez a planta e constituiu-se assim. Eu não conhecia o projeto, desconhecia completamente. Como a minha casa foi a primeira a construir, todo mundo construía igual. Não tinha uma norma para construir as casas.

Nota: Entrevista realizada com a participação da filha. Segundo as entrevistadas, havia pedaços da área verde sendo vendidos na região em que moravam. Existiam também muitos barracões no fundo das casas, com entrada pelas áreas verdes. A maioria das casas tinha duas entradas, pela frente e pelo fundo.

B. B.

Data: 25/04/1986

Profissão: Advogado

Local de residência no bairro:

Rua 104-C nº 80

Nós não tínhamos casa própria, morávamos de aluguel no Conjunto dos Comerciantes às margens do Botafogo. Começaram a nascer os filhos e, apesar de trabalhar no Palácio do Governo certo período, não cogitei neste problema de construção. Aqui neste setor, minha senhora, obtive este lote quando solteira.

Então nós pensamos: onde vamos construir? Conversamos com um engenheiro para ver a possibilidade de construir no Setor Sul, porque nesta época não era permitido. Existiam muitas fossas e o governo não tinha condições de fazer o saneamento básico. A água também alcançava para mais ou menos 50.000 habitantes. Não era permitida a cons-

trução, mas alguns haviam construído. Aí um advogado parece que requereu ou ameaçou pelos jornais que iria requerer um mandado de segurança para que as pessoas que tinham seu lote no Setor Sul pudessem construir, já que o governo não permitia as construções porque não tinha condições de fazer o saneamento básico.

Mudamos para cá em 9 de julho de 1953. Então, era tudo cerrado. Recordo que tinha o Dr. E., que construiu primeiro do que nós, ali na esquerda da Rua 94; o Sr. [tal, inaudível] já morava e tinha ainda um morador próximo à Caixa d'Água, junto aos pés de eucalipto.

Nós viemos morar no Setor Sul por uma circunstância toda própria. Primeiro porque não tínhamos propriedade no centro da cidade. Morávamos então no Setor dos Comerciários, na casa de um cunhado meu. Mas acontece que o conjunto era do IAPC e eles ameaçavam tirar aqueles que não eram comerciários. Nós não éramos comerciários. Na época eu era militar, não tinha possibilidade de manter um aluguel no centro da cidade. Então resolvemos construir. Nesse momento, o lote no Setor Sul era um pouco mais barato e depois começou a subir.

Eu não tinha influência e não existia permissão para se construir no Setor Sul. Com a divulgação pelo jornal do mandado de segurança, o poder público parece que se sentiu ameaçado e, a partir de então, passou a não proibir mais a realização de fossas, que naquele momento era essencial para a construção de casas no local.

Não tinha luz e não tinha saneamento básico nenhum. Nós tínhamos algumas dúvidas quanto a morar no Setor, porque a minha sogra era uma senhora de idade e morava com a gente. Nós tínhamos tudo no Setor dos Comerciários e saindo de lá nós não teríamos nem a luz elétrica. Minha sogra não queria vir sem a luz elétrica, então eu tomei a liberdade de comprar dois lampiões na Casa Iracema, na Avenida Goiás, perto de onde era a Prefeitura. Pensei que esta seria a única maneira de ocupar nossa casa ou ela iria se danificar e que depois nós iríamos trabalhar para colocar luz elétrica.

A minha expectativa quanto ao bairro é que ele iria se desenvolver como os outros. Assim que fosse autorizada a construção das casas, todos aqueles que tinham lote aqui iriam construir. Isso porque, eu sendo estudante de geografia e história, estudava a altitude do Setor e, segundo o professor Zoroastro Artiaga falava, o Setor Sul era muito mais ventilado, com um clima muito mais ameno do que o centro da cidade, que já se aglomerava.

Nesta época ele não era considerado um Setor nobre. Se tivesse, a pressão social seria grande, as próprias autoridades responsáveis teriam naturalmente esta visão.

A luz foi colocada por nossa própria conta. Tivemos que comprar até o material. Minha esposa trabalhava num departamento público, o que facilitou para comprarmos o material, inclusive postes de aroeira vindos de São Paulo. Tivemos que colocar doze paus de aroeira da rua 94 até a 104-C e, aos poucos, outros vizinhos foram

puxando a luz para suas casas. No dia 6 de outubro de 1953, minha senhora, eu e mais alguns moradores utilizamos das amizades que tínhamos, inclusive da diretoria da luz elétrica, e conseguimos inaugurar a luz.

Era aniversário de minha sogra e nós queríamos comemorar reunindo a família. Nossos filhos eram crianças e diziam assim: “Pai, a luz está parecendo ovo”. Era aquela luz muito baixa e as mariposas se reuniam na luz. Nós pagamos as prestações para o ano todo e então eles vieram para fiscalizar. O engenheiro era estrangeiro (polonês). Ele veio, eu peguei táxi, subi com ele, ele olhou, voltou e eu tive que assinar um requerimento na Avenida Araguaia, onde funcionava a diretoria, renunciando a todos os direitos que eu tinha na linha para o poder público.

Nós sabíamos que o Setor Sul ia crescer, porque víamos o centro e outros setores crescendo. Mas em geral a sociedade não achava que ia crescer.

Foi tão grande a publicidade que fez o advogado, falando que os proprietários de lote no Setor não podiam ficar pagando aluguel em outros setores, sendo que tinham lotes no Setor Sul, que, pouco a pouco, outros proprietários se animaram a construir suas casas.

As compras todas eram feitas passando pelo Palácio e pela Praça Cívica. Nós tínhamos que descer através de táxi, que era também difícil. Não tinha ônibus, não tinha nada. As ruas todas estavam desocupadas. A principal era a rua 84, depois surgiram aquelas transversais. As ruas

internas, como essa aqui, foram feitas para demarcar o lote. Nesta viela eu fui o primeiro morador.

Para a construção da casa, o topógrafo primeiro mediu a rua 94-C. O Dr. G., que era o engenheiro e nosso amigo particular e que trabalhava na Viação de Obras Públicas na época, notou que a demarcação estava errada. O meu foi o primeiro lote a ser demarcado.

Na medida em que nós começamos a morar aqui, um mês depois vieram roçar o Setor Sul, e as verificações ou demarcações de lotes partiam sempre daqui, como ponto de referência.

O Dr. S. H. construiu logo ali adiante, noutra rua interna. Da rua 52, onde ele alugava a casa, vinha a pé e construiu a casa sozinho. Ele passava e deixava as ferramentas à tardezinha aqui, levava comida e ficava o dia inteiro.

Nós não tínhamos preocupação porque não havia muro aqui e ninguém pegava nada.

Nós também não tínhamos escola e tivemos que trabalhar para trazer uma escola para as redondezas. Foi a partir de influência política que conseguimos criar uma escola primária. A primeira escola foi a Professor Ferreira.

No dia em que a escola abriu nós saímos com nossos filhos para lá e tinha criança de todo o lado. Nos surpreendeu a quantidade de crianças que vinham para receber as primeiras aulas.

Nossos filhos tinham muita liberdade aqui, de maneira que brincavam dentro do cerrado. Apanhavam pequi, na época em que ainda existia pequi, e guariroba também. Eles saíam a pé por aí tudo, descalços. A minha preocupação era matar todas as cobras que encontrávamos. Toda cobra morta eu enterrava para evitar que seu espinho machucasse os meninos que andavam a pé. Nós matamos muita cobra aqui.

Na época do governo do Dr. José Feliciano, matou-se uma cobra numa cadeira em que eu me sentava no alpendre.

Nós, no Setor Sul, tivemos sempre muita independência, pois a sociedade que veio morar no Setor Sul foi formada por pessoas muito responsáveis e dedicadas ao trabalho. Não havia meio suficiente para a gente estar com encontros, mas às vezes num dia de domingo a gente “bateria papo”, cada um contava o seu problema e reclamava a falta do apoio do poder público. Apoio no sentido político, de atrair investimentos para construções no bairro.

Tanto que o desenvolvimento maior do Setor, no meu entender, veio quando se construiu o centro administrativo, na medida em que muitos funcionários públicos tinham que morar por aqui, mais perto. Daí em diante, altas personalidades começaram a construir no Setor.

O estabelecimento mais antigo que temos aqui, depois da Escola Professor Ferreira, foi o Colégio Emmanuel, que trouxe Francisco Scartezini, junto com uma

fundação espírita. Quase todos os nossos filhos estudaram no Emmanuel. Era o melhor colégio que tinha por aqui e não cobrava.

De um modo geral, nos locomovíamos a pé e quem tinha carro às vezes dava carona. Nós fazíamos uma espécie de “trieiro” cortando lotes e lotes. Isto eu fiz centenas de vezes, e todos, de um modo geral, faziam assim.

Utilizávamos a rua 84 principalmente à noite, porque tínhamos que descer para irmos às festas sociais.

A autoridade que limpou o bairro, os lotes vagos, me parece que foi o Leonino Caiado.

A minha senhora é batista, de modo que foi sempre uma pessoa arredia a festas. Então, quase sempre no fim de semana, encontrávamos as pessoas na Igreja Batista. Nós íamos mais a aniversários da família.

O Setor Sul, como toda a cidade, não oferecia o receio de se andar à noite. Quando me formei, eu descia a pé até a Praça do Bandeirantes para pegar ônibus lá na Rodoviária. O táxi tinha receio de vir até aqui.

Eu sabia que o Setor era planejado porque eu estudei a planta do Setor Sul, quando o engenheiro mandou demarcar o lote. As informações dadas pelo engenheiro eram ótimas!

O Colégio Emmanuel está construído numa praça de esportes. Os espíritas apresentaram ao poder público

que a praça de esportes era importante, mas o colégio era mais importante ainda.

Desconheço que as ruas internas [vuelas] eram destinadas para coleta de lixo. A casa foi feita na planta e obedecendo ao que a planta exigia, ou seja, estar nos limites do lote e para a frente da rua principal. Isto não impossibilitava que ela tivesse mais tarde uma saída como eu fiz, uma saída para a praça de lazer.

Foi noticiado pelos jornais que, 25 anos depois da construção do Setor Sul, a Prefeitura Municipal iria urbanizar as áreas verdes. Mas a prefeitura não soube conservar o trabalho que fizeram e deixou a critério dos marginais destruir tudo. Eles achavam que nós podíamos cuidar, mas nós não tínhamos condições. O morador do Setor Sul chega de tardezinha do seu trabalho e sai cedinho. As pessoas que tentavam chamar a atenção dos marginais eram xingadas e não tinham o apoio do Governo.

Antes de morar no Setor Sul, nós morávamos no IAPC, num conjunto antigo perto do Córrego Botafogo. Em Goiânia nós moramos em várias casas de aluguel. O IAPC era um conjunto onde o pessoal era mais unido. Ao chegar lá, encontramos uns vizinhos muito fraternais. Era hábito, quando um chegava, ir visitar vizinhos. Não só lá, como aqui neste setor. Nós tínhamos mais amizades, hoje o povo é muito isolado. Nós íamos nas casas dos vizinhos e eles vinham aqui. Quase não havia supermercado naquela época, tinha um armazém na rua 85 e outros lá pra baixo.

H. T.

Data: 25/04/1986

Profissão: Advogado e Coronel
da Reserva da Polícia Militar

Local de residência no bairro:
Rua 83 n° 133

Me mudei para o Setor no ano de 1954. Morei neste endereço de 1954 a 1978.

Antes de morar no Setor Sul eu morava na Rua dos Comerciários, no centro. Hoje moro na rua 85, número 300, Edifício Itatiaia.

Na Rua dos Comerciários havia um conjunto habitacional feito na década de 1940 e 1950 pelo Instituto de Aposentadoria dos Comerciários (IAPC). Era um bairro que oferecia todo conforto, tinha rede de esgoto e era asfaltado. O relacionamento que existia era o mais perfeito possível, era uma maravilha. Muito melhor do que os dias atuais. Todo mundo

se conhecia, todo mundo se visitava, todo mundo entrava na cozinha de todo mundo.

Vim morar no Setor Sul porque a cidade se expandiu e eu tinha adquirido um lote. Lá construí uma casa para mim, melhor do que a do IAPC. Na época não existia asfalto na rua 83, onde existiam muitos lotes baldios, e eu fui um dos primeiros a me transferir para lá. Lá existia um formigueiro que não estava escrito, uma lama na época do inverno também que não estava escrita.

Eu esperava que o Setor Sul fosse eminentemente um bairro residencial. Com o desenvolvimento da cidade, todos os bairros, não só o Setor Sul, estão sofrendo um processo de deformação.

A rua 83 hoje é comercial. Na época em que me mudei, o Setor Sul era considerado nobre, eminentemente residencial, embora não tivesse absolutamente nada lá, nem asfalto e água encanada.

Tinha a minha casa, a casa do Dr. H. P., tinha o sobradinho do M. e tinha um sobrado grande na frente da minha casa e da casa da minha irmã. Também tinha bem abaixo, na rua 83, a casa do Dr. E.

Ali era tudo caminho. Não tinha nem rua definida. Não tinha meio-fio, não tinha nada. Naquele tempo a gente circulava a pé ou de bicicleta através de atalhos, porque não existia definição urbanística no setor. Naquela época o comércio era diferente, os armazéns eram distantes, lá no Bairro Popular.

Não existia nada, a não ser encontros informais dentro das próprias casas. Eu atravessava a rua, ia na casa do vizinho para “bater papo”. A distância que existia era entre janela e janela.

Não existia lazer naquela época. Fazíamos passeios às chácaras, às cidades vizinhas daqui. Uma vez ou outra fomos no baile no Jóquei Clube, que era o que existia.

As crianças brincavam dentro de casa e nas ruas. Nas vizinhanças as brincadeiras eram brincadeiras saudáveis, bem diferentes dos dias atuais.

Algumas crianças estudavam no Colégio Professor Múcio, no Instituto Araguaia e iam a pé da rua 83 até lá. Iam e voltavam. Sem problema nenhum, sem preocupação nenhuma. Era tranquilo, não havia este índice de criminalidade que assola a cidade.

Não tinha muitas atividades, era tudo muito restrito. Havia muitas festas de aniversário em casa e nós convidávamos as famílias vizinhas, os amigos. Sempre se organizava uma ou outra festa onde se reuniam os moços e moças.

Já tinha iluminação quando me mudei, tinha uns postes de madeira. A rua 84 já tinha asfalto, depois foi feito o primeiro asfalto nesta região, em direção ao Serra Dourada. Primeiro, na rua 83 até a rua 94, pelo governador Mauro Borges, depois se fez até a baixada do rio.

Para ir até o Colégio Assunção, na década de 1950 e início da década de 1960, as moças tinham que ir a pé. Quem tinha carro levava, quem não tinha, ou pegava carona, ou ia a pé.

O asfalto foi ligando as ruas 96 e 95 até a esquina da rua 94, partindo da rua 10. Não tinha esgoto, era fossa. O esgoto foi implantado muito tempo depois.

Eu tinha conhecimento de que o bairro foi planejado e, se tivesse sido executado, seria o bairro mais extraordinário desta cidade. Posteriormente entrevistaram a política, o interesse econômico, e tudo foi deturpado. Alguns prefeitos tentavam recuperar, mas não houve uma mobilização da população no sentido de preservar o Setor.

Este foi um bairro que nasceu para ser de elite. Evidentemente, a área verde não ia funcionar, porque gente que tem poder aquisitivo vai em clube, ninguém vai usar áreas verdes. Se fosse numa faixa de poder aquisitivo menor, poderia funcionar.

As vielas acabaram sendo eliminadas, sendo destruídas e vendidas para os moradores ampliarem as áreas dos seus lotes.

O sujeito construía para as ruas, as áreas verdes ficavam no fundo entre as casas. Houve pessoas que construía as casas para as ruas e barracões nos fundos virados para as vielas. O sujeito era pobre e começava construindo

do no barracão, depois passava para a casa definitiva. E depois, estes barracões eram alugados.

Todo mundo construía assim, você vai construir sua casa para o fundo ou para a rua? As áreas verdes eram os fundos. Não era rua, eram áreas verdes para formar parque infantil etc. Alguns prefeitos depois tentaram preservar estas áreas, mas a população não frequentava aquilo, então vinha gente de outros bairros.

A rua é para a circulação de pessoas, pedestres; a casa é para você ter o seu aconchego do lar e a praça para o lazer. E nós infelizmente temos praça e ninguém usa. As praças em Goiânia todas elas são ocupadas por marginais.

A Praça Cívica era sempre frequentada pelo povo. Tinha fonte luminosa no sábado e no domingo e a gente sempre ia lá. Era uma maravilha! A Praça do Cruzeiro foi construída pelo Manuel dos Reis.

O Setor Sul é um setor diferente dos demais setores, porque ele não tem amplas avenidas. As principais são as avenidas 83 e a 85, que nada mais são que o prolongamento da Avenida Araguaia e da Avenida Tocantins. Todas as outras ruas do Setor Sul acabam por morrer nas Avenidas 83 e 85, que são as ruas de comunicação com os outros bairros da cidade. Depois da Praça do Ratinho, a Avenida 85 se amplia para duas pistas. Me mudei da rua 83 porque a rua se tornou muito barulhenta. Passou a ser uma rua comercial e ficou impraticável de se morar.

A. T. S.

Data: 25/03/1986

Profissão: Advogado e Juiz de
Direito aposentado

Local de residência no bairro:
Rua 105-C nº 62

Mudamos para o Setor Sul em 1961. Antes nós morávamos na Rua 74. Me mudei para Goiânia em 1947, antes morava em Goianésia.

A Rua 74 era uma via de muito movimento e morávamos num barracão no fundo de uma casa. A vizinhança era muito boa, o pessoal todo se conhecia. Todo mundo era de classe média alta. A rua era asfaltada e servida de água, esgoto, tudo.

Eu tinha construído uma casa no Setor Sul e então fomos morar numa casa que era de nossa propriedade, porque lá embaixo era alugado. Resolvemos morar no Setor Sul porque na época era

considerado um bairro nobre, onde os habitantes se destacavam um pouco mais.

Nós esperávamos do Setor o que realmente aconteceu. Ele prosperou. Hoje é um setor invejado por quase toda população que tem vontade de morar lá ou pelo menos gosta dele. Mudamos para lá para ficar definitivamente.

Quando mudamos, a rua possuía só três casas: a nossa e mais duas. Não tinha asfalto, não tinha água e nem esgoto. O atendimento de água era através de uma cisterna, uma bomba, e o esgoto era fossa, não tinha conforto nenhum. Só tinha luz. O comércio mais próximo ficava, mais ou menos, a 700 metros de distância. Era na rua 85, esquina com a rua 94.

Quando estávamos construindo a casa, havia um rego com água que passava por detrás. Este rego saía aqui da Serrinha e levava água para o centro da cidade, era a água que abastecia a cidade. Quando mudamos, ele já estava canalizado. Em 1957 e 1958, quando construíamos a casa, o rego ainda passava por ali. De 1960 para cá eles interditaram este rego.

As maiores dificuldades eram a falta de transporte e conforto. O Setor era abandonado e tínhamos muito medo de ladrão. Havia roubos frequentes do motor da cisterna. Nesta época as casas não tinham muro, só a frente era murada.

No centro nós moramos muito pouco tempo, um ano mais ou menos. Quase não tinha relacionamento. Já

no Setor Sul, apesar de haver menos vizinhos a gente tinha mais relacionamento.

Nesta época, fazíamos amizade com a vizinhança. Morávamos numa pracinha e ali era o local de encontro. As crianças brincavam na pracinha, nas vielas, mas não nas pracinhas do Projeto CURA. Havia uma troca de amizade como se fosse numa cidade do interior. As crianças brincavam na porta de casa, no círculo, ali da ruazinha [provavelmente se refere ao *cul-de sac*].

De 1965 para cá, houve um grande impulso nas construções, a ponto de não se encontrar um lote vazio. Vieram o comércio na rua 85 e os colégios.

Primeiro veio o asfalto na nossa rua, foi em 1966. A gente andava muito a pé e achava tudo longe. Caminhávamos passando por muito mato. Naquela época achávamos o Setor longe, hoje ele é central.

O Colégio São José levou uns quatro anos para ser construído e tão logo chegou o asfalto, eles concluíram a obra. O movimento das ruas aumentou porque o colégio possuía muitos alunos. A rua 85, então, se transformou numa rua movimentada.

Aí, também começou a se formar uma comunidade religiosa, porque as pessoas passaram a frequentar missa na capelinha. Mais adiante, esta comunidade do São José se dividiu e foi uma parte para a Praça do Cruzeiro, quando foi inaugurado o Colégio Auxiliadora. O proces-

so de desenvolvimento do bairro esteve muito ligado à formação desta comunidade escolar e religiosa.

No fim de semana a gente ia no Zoológico, saía para os parques e clubes, o Clube Jaó, isso anos depois de nos mudarmos para o Setor Sul.

Havia um armazém na rua 15 que nos fornecia gêneros alimentícios e fazíamos a feira no Palácio. Às vezes o pessoal do armazém levava as coisas em casa ou às vezes a gente mesmo buscava.

A diferença do Setor Sul com os outros bairros é que ele é mais assistido. Nele parece que o pessoal se entende melhor. A região em que morávamos, as ruas 85, 105 e 105-C, é um bloco diferente. Nós passamos 25 anos ali e até hoje eu tenho muita dificuldade em ir em outros setores, porque não saía de nosso setor [fala da esposa].

Desde 1947 que eu moro em Goiânia. Sabia quais os bairros que iriam prosperar mais. Tinha certeza de que o Setor Sul ia ter sucesso, por ser um bairro mais nobre, com os lotes mais caros. Dificilmente a pessoa que não tivesse um poder aquisitivo regular poderia morar no Setor.

Foi o Projeto CURA que trouxe alterações no projeto do Setor Sul, como as inovações com relação às áreas verdes. Mas como nós compramos o lote e construimos, não existia esta ideia de construção voltada para a área verde. Era construção normal voltada para a rua mesmo.

Pelo menos na nossa região, as áreas verdes não eram utilizadas, por falta de assistência do poder público. Então elas viravam um matagal, onde se escondiam ladrões e maconheiros à noite. Mesmo as crianças dificilmente utilizavam estas áreas. Antes não fazia diferença, porque era mato, as pessoas jogavam até futebol às vezes.

Era uma comunidade muito unida naquela época, não havia assistência nenhuma do poder público. Provavelmente, se houvesse uma assistência do governo as áreas seriam mais utilizadas.

A função da casa é abrigar a família. Durante o dia, nos encontros normais, a casa servia para isto, para a convivência da família. E a rua era uma rua interna completamente isolada. Vivíamos aquilo ali, nos sentíamos como se fosse parte do nosso cotidiano, da nossa vida, era um complemento da nossa casa. Às vezes a gente saía de casa e “batia um papo” com um vizinho. Não tinha perigo na rua, os meninos podiam sair sem perigo, os carros não entravam em alta velocidade. O ladrão, se entrasse, corria o risco de ser visto, porque não tinha por onde sair, a não ser por onde entrou.

Quando fizeram as vielas do Projeto CURA o perigo era maior, principalmente naquelas que davam acesso às praças. E aumentou muito o número de ladrões. Por isto a maioria da população comprou as vielas que passavam

junto do seu lote. Assim, resultou que muitas áreas verdes ficaram isoladas e, a partir deste isolamento, as pessoas não usaram mais aquelas áreas.

Então foi um projeto que não foi bem elaborado. A ideia foi ótima, mas acho que deveria ser realizado com uma infraestrutura melhor.

O Setor Sul é um bairro estritamente residencial. De dois anos para cá [a partir de 1984], começaram a alterar algumas esquinas, construindo prédios para pontos comerciais. Esta divisão em vielas parece que dava uma característica de intimidade. As casas faziam fundo uma com a outra e a gente conversava uns com os outros, era uma comunidade muito bem relacionada. Então isto fazia com que o setor fosse um bairro mais comunicativo, com muito mais intimidade. Você conhecia o vizinho, conversava com ele. As ruas, apesar de estreitas, são bem traçadas em um estilo moderno. Eu acho um setor muito gostoso de morar.

As ruas 104, 94, 83, 84, 87, 86 são as principais. As vielas sempre nasciam numa destas ruas. A 105, por exemplo, começava na 85 e terminava na 104 e tinha as vielas. A viela começava na rua principal e terminava na pracinha [refere-se ao *cul-de-sac*].

Observação: entrevista realizada junto com a esposa.

N. A.

Data: 25/04/1986

Profissão: Salgadeira

Local de residência no bairro:

Rua 103-B nº 120

Mudamos em 2 de fevereiro de 1956. Antes morávamos na rua 80 do Bairro Popular. No Bairro Popular era ótimo, tínhamos muita amizade, tinha asfalto, tinha tudo.

Aqui no Setor Sul era diferente. Podíamos contar os barracões que havia. Aqui era mato puro, as árvores eram da grossura desta mangueira. Tinha gado pastando, não tinha rua não. A rua era só um “trieiro”. Se alguém quisesse entrar de carro não havia jeito. Não tinha luz, nem água, nem asfalto, só veio a ter depois de uns cinco anos...

Os primeiros moradores desta viela fomos nós mesmos e depois a dona G.

Na rua 105 tinha a dona B. e um outro pessoal que eu não me lembro. Pelo menos nesta parte aqui, nós fomos os primeiros moradores. Lá em cima, tinha a dona T. Eu acho que era só.

Nós mudamos para o Setor Sul porque lá era alugado. Aqui nós compramos o lote e construímos a casa.

Esperávamos que o setor fosse progredir, mas não tanto como hoje, tornando-se um setor dos ricos. Pobre mesmo, só nós aqui.

A dificuldade era a condução. Para descer no centro tinha que descer a pé. Não tinha água, luz, esgoto, asfalto... Para fazer compras íamos até no Mercado Central, a pé.

Aqui nesta rua é uma família só. O que acontece lá, eles vêm aqui; o que acontece aqui a gente procura eles. A gente sempre conta um com o outro. Se acontecer qualquer coisa, estão todos aí para ajudar, não tem separação. Mas não tem um lugar de uma reunião, um encontro, não tem “bate-papo” na rua, só quando vem na casa um do outro.

As pracinhas começaram a ficar mais movimentadas depois do Projeto CURA, antes não tinha muito movimento [tanto as áreas verdes como os *cul-de-sacs* eram chamados pelos moradores de “pracinha”].

Quando eu era pequena, minha vó não deixava sair. Se ela deixasse, tudo bem. Mas, no momento em que ela dissesse não, às seis horas estava a “negada” lá dentro

de casa. Mas a gente não ia muito longe. Nessa época, a gente saía para catar lenha, então tinha um rego que atravessava lá no Dom Bosco.

Quando nós mudamos, a casa só tinha três cômodos, mas depois nós fomos ampliando. Quando nós mudamos, a cozinha nem tampada era.

Não sabíamos que o Setor Sul era um bairro projetado. Naquela época nós éramos ignorantes. Foi só depois que os meninos estudaram.

Eu estudei no Professor Ferreira, aqui na Rua 105, depois no José de Alencar, depois no Instituto de Educação e após no Claretiano.

O crescimento aqui foi fabuloso, e de uma hora a outra... As casas começaram a ser construídas. Mas, durante uma época, as construções pararam, para depois recomeçarem de novo a construir rapidamente.

Eu acho muito bom estas áreas verdes, porque o verde é o principal da vida da gente. Não acho que elas sejam perigosas, isto quem faz é a gente mesmo, com a participação. Porque não adianta uma área aberta e uma fechada, o que tiver que acontecer, acontece.

A casa serve para morar, para a gente conviver com os familiares. A rua para andar, se locomover de um lugar para outro. A praça é para as crianças poderem brincar e mesmo os adultos. Aqui, nesta pracinha, os adultos vêm

muito. No período da tarde, ou mesmo pela manhã, as mães trazem os meninos para brincar.

Aqui é muito difícil a gente sentar-se, então a gente fica mais para dentro de casa mesmo. Mas eu gosto daí, é uma das melhores praças do setor, principalmente à noite, porque ela é bem iluminada.

As principais ruas do Setor Sul são: 85, 84, 83, 87. O restante é viela [as ruas internas eram chamadas de viela, assim como as passagens de pedestres].

Observação: entrevista feita com a filha e a mãe.

S. B.

Data: 24/05/1986

Profissão: Doméstica. O marido puxava madeira para colocação de postes de luz.

Local de residência no bairro:
Rua 83

Mudamos para o Setor Sul em 8 de dezembro de 1956. Antes eu morava na Avenida Anhanguera. Antes de mudar para Goiânia, eu morava em Leopoldo de Bulhões.

Na Avenida Anhanguera eu morava perto do córrego Botafogo, num sobrado. Lá tinha tudo, a loja Novo Mundo e outros comércios. No prédio que morava, meu pai tinha uma loja. Próximo havia um armazém, a Rádio Brasil Central. Tinha tudo, luz, água, esgoto... Os vizinhos todos eram amigos. Meus parentes todos moravam perto.

Me mudei para o Setor Sul porque meu pai fez esta casa para mim. Meu

marido nunca deu conta de construir e nem comprar lote, então meu pai me deu a casa.

A gente esperava tudo do Setor Sul. Logo que mudamos daqui foram construídos os barracões onde hoje é esta Escola Chapeuzinho Vermelho. Logo, logo já começou a encher o setor de construções. Construiu-se a casa onde é hoje o Biscoito Caseiro, fez-se o prédio da esquina das ruas 94 com 85 e foi rápido, muito rápido. Num instante já tinha farmácia, o Hospital Modelo... Por aqui tinha de tudo, advogado, médico...

Logo que me mudei para cá em 1956 foi colocada a rede de água nesta rua. O asfalto foi feito no governo de Mauro Borges, acho que em 1962. Luz tinha demais. Quando me mudei para cá, já estavam fazendo o esgoto aqui na porta.

Não tinha dificuldade não, logo abriu um armazém aqui na praça. Uma vez, num aniversário, não pudemos comemorar em casa porque eu não achei farinha para fazer biscoito, as meninas foram comemorar lá embaixo [refere-se ao Setor Central].

Tinha um grupo escolar aqui também. Para fazer compras, tínhamos que ir ao Mercado e às ruas 8 e 9 do Setor Central. Havia também uma feira, no Setor Sul, atrás do Palácio. Mas não tinha dificuldade, pois descíamos a pé, havia “trieiros” por toda parte.

Mas isso tudo aqui era aberto, aberto mesmo. Quando me mudei para cá, tinham umas quatro casas.

Mas logo em seguida, perto da praça, ficou cheio de construções.

O relacionamento com a vizinhança é próximo demais da conta. Nós éramos muito amigos e eu vendia coisas em casa. Meu velho às vezes trazia ovos, queijo, manteiga e gordura de porco. Na rua não tinha pontos de encontro, só se fosse na igreja. Mas era cada um na sua casa como hoje.

As minhas meninas eram muito amigas das filhas de um vizinho nosso. E estas meninas sempre vinham aqui em casa. Toda vida foi assim. O relacionamento entre vizinhos não tem coisa melhor, até hoje somos amigos.

Eu gostei demais do setor Sul desde que me mudei para casa. Lá na Anhanguera eu morava num sobrado e tudo. Mas eu gostei daqui porque o serviço que eu fazia era todo aqui, matava galinha no quintal e aqui tinha sempre de tudo, ovos, galinha, linguiça. Aqui eu era muito conhecida e até hoje o povo me conhece.

Aqui em Goiânia eu só conhecia o Setor Sul e a Avenida Anhanguera. Quando me mudei sabia que o Setor Sul era um bairro projetado, mas não sabia sobre estas áreas verdes.

Logo que me mudei existiam muitas árvores. Eu acho estas áreas verdes uma maravilha, são sempre boas demais! Eu tinha dois pés de manga, depois eu cortei porque estavam ficando altos demais.

Às vezes eu fico chateada com este restaurante do lado, porque faz muito barulho, mas eu não tenho coragem de me mudar daqui. Eu não saio de casa de jeito nenhum. Só aos domingos para ir à catedral.

Eu acho que as ruas principais são: 83, 84 e 85. Todas elas saem do Palácio. A 84 vai até a praça do Cruzeiro, que também é muito bonita. Todas as ruas funcionam bem. Também tem as ruas 94 e 91, que são as principais.

B. O.

Data: 29/03/1986

Profissão: Advogado e Procurador do Estado aposentado

Local de residência no bairro:

Rua 94-E nº 75

Me mudei para o Setor Sul em 1965 ou 1966. Antes de morar no Setor Sul morava em Goiás Velho, na beira do Rio Vermelho. Lá em Goiás a casa era grande, tipo casa do interior, estilo colonial. A vizinhança se relacionava bem. Tinha poucos vizinhos, só de fundo.

Eu vim para estudar e então me fixei em Goiânia. Vim morar no Setor Sul porque meu pai comprou um lote aqui e me deu o lote.

Se eles seguissem o plano do Setor Sul, ele seria melhor. E eles deturparam o plano do Setor Sul antigo, aquele do *cul-de-sac*. Então não haveria muro, seria cerca-viva. Como era no plano, eu

esperava que continuasse. A frente das casas daria para uma área ajardinada. Então eles deturparam, e as vielas, que era para servir para os moradores do Setor, começaram a servir como covil de marginais. Então a prefeitura foi obrigada a tomar providências e extinguir as vielas que davam acesso às residências.

Quando me mudei para cá tinha poucas casas, só três casas na viela. A minha casa foi construída com a frente para o jardim do fundo e o fundo se comunicaria com a praça interna. A minha casa obedece ao plano. O movimento de serviço e garagem era pela rua interna e a entrada de pedestres pelo jardim. Agora eu fiz um muro atrás e a entrada principal ficou sendo pela rua interna.

Quando me mudei a rua já estava aberta, havia luz, mas não tinha asfalto. Fui então à SANEAGO e pedi para ligar a rede de esgoto. A rua já estava aberta. Aqui asfaltou primeiro, porque quando eu construí a minha casa eu consegui que a rua fosse asfaltada.

Esta questão de o Setor Sul ser um bairro nobre veio depois. Mas no princípio, pelo projeto, ele era um bairro de classe média, um bairro projetado com ajardinamento, com circulação e forma de convivência diferentes. Portanto, as pessoas tinham que ter um nível de vida um pouquinho melhor.

A convivência com a vizinhança é excelente e a gente ainda conserva aquela forma de vida. Por exemplo, esta pracinha aqui é uma família só, por um princípio de

união, de equilíbrio. Nós temos uma relação permanente e constante com os vizinhos. A pracinha ficou sendo inclusive um ponto de recreio. Todo ano as meninas fazem festinhas onde todo mundo se congrega, contribui. No fundo seu uso é relativo, mas ele perdeu a finalidade e continua sendo ainda ponto de encontro de marginais. As crianças brincavam mais na pracinha, às vezes no fundo, mas só quando fizeram o Projeto CURA.

Quando mudei para cá era tudo sujo, um campo. A gente mesmo da pracinha limpava, muitas vezes até mandei limpar. Mas os meninos brincavam mais na frente, porque lá ficou sem condições, pois era uma área isolada.

Estas áreas ficavam assim por falta de assistência pública. A população também não ajuda. Por minha parte limpo, corto a grama, mas a maioria não faz isto. Se todo mundo zelasse...

No fim de semana íamos para Goiás.

A casa foi feita obedecendo ao projeto, mas atendia tanto na frente como atrás.

A água já tinha, a luz também, o esgoto foi colocado logo que mudamos.

O Setor Sul foi um setor deturpado, ficou difícil. Não é de fácil acesso, como os outros, mas obedece a um sistema que satisfaz. O sistema de trânsito, ao invés de facilitar o acesso, dificulta. Por exemplo, quem vem do Sul

pela rua 84 para entrar aqui na rua 94, ou fura o sinal ou vai até a Praça Cívica para depois retornar.

O Setor Sul seria excelente se obedecesse ao plano original. A questão de o povo usar as áreas ou não é educar. Os primeiros moradores não obedeceram ao projeto e os outros não tiveram jeito de continuar. Teria que ter uma exigência do poder público para que a população obedecesse.

Nós sempre fazíamos compras nos atacadistas e estocávamos na dispensa. O sistema de vielas e áreas verdes é uma coisa boa desde que seja bem coordenado. Tem que haver também segurança, o que hoje também não existe. Em primeiro lugar vêm a segurança e a tranquilidade da família.

A rua e a pracinha formam uma família, uma célula. A função da casa é a habitação, a tranquilidade que você tem no seio da família. Mas em geral a rua serve como locomoção.

Eu visualizo o Setor Sul como um excelente traçado, embora deturpado. Suas ruas principais são a 84, 85, 83 e a 90. A ligação entre estas ruas é viável, mas não satisfaz. O que dificulta também é a sinalização. O Setor Sul de Goiânia é onde as ruas são mais bem ordenadas, pois tem as ruas principais e as intermediárias.

Eu continuei morando no Setor Sul porque aqui eu tenho propriedade.

E. C.

Data: 29/03/1986

Profissão: Industrial

Local de residência no bairro:

Rua 84, casas do Lar Brasileiro,
e Rua 94 n° 125

Antes de morar no Setor Sul eu morava em São Paulo. Vim para instalar a indústria e comprar terreno. Naquele tempo eu viajava muito de Goiânia a São Paulo e vim procurando um lugar para morar. Então encontrei estas casas para serem habitadas. Comprei uma destas casinhas no tempo em que eram financiadas ainda em quinze anos.

Em São Paulo eu morava no centro, no começo da rua Augusta, num edifício de não sei quantos apartamentos, onde, depois de quatro anos morando lá, não sabia nem o nome dos vizinhos.

Eu escolhi o Setor Sul porque primeiramente era o único setor residen-

cial naquele tempo, isto foi em 1958. O único bairro residencial, tranquilo, com casas pequenas mais bonitas e para dizer a verdade eu só procurei casa no Setor Sul.

Nesta época, a rua 84 não era nem asfaltada. Para subir do centro até aqui, era um desastre. O bairro tinha pouquíssimo asfalto, tanto é que, depois de seis anos que morava no Setor, encontrei um lote na rua 94, que ainda não era asfaltada.

A minha expectativa quanto ao setor foi frustrada, porque eu esperava que ele fosse tranquilo como era quando cheguei. Hoje ele já faz parte do centro da cidade, onde o trânsito é muito agitado, principalmente na rua 94. Mas é difícil pretender morar perto do centro e do trabalho com tranquilidade e sossego.

Quando me mudei, a rua 84 não era asfaltada e nem possuía esgoto. Mas já tinha energia elétrica. A rua foi asfaltada antes da rua 94, penso que em 1968.

As dificuldades eram mais na hora de subir e descer a rua 84, porque era difícil de transitar, era perigoso atolar. Felizmente sempre tive carro e, quando tinha que fazer compras, íamos de carro. Por isto não tinha dificuldade. Mas, com o passar dos anos, o Setor Sul passou a ter de tudo.

Me surpreendi positivamente com a vizinhança, porque eu vim de São Paulo, onde não conhecia nenhum vizinho. Aqui, ao contrário, quando eu cheguei com o ca-

minhão de mudanças, os vizinhos se apresentavam, se colocando à disposição. Foi uma mudança muito vantajosa.

Na rua não tinha ponto de encontro, uma esquina para gente encontrar ou um bar... Principalmente porque aqueles anos, para mim, foram anos de muito trabalho. O lazer se dava mais nos clubes, porque aqui tem muitos clubes.

Morei na rua 84 de 1958 até 1966. Quando me mudei para a rua 94, ela não possuía área verde urbanizada próximo da minha casa. A mais próxima era na rua 93. Meus filhos nasceram nesta época e não tinha nada urbanizado. Eu sabia que tinha áreas destinadas para o lazer. Mas não havia nada de concreto. Meus filhos brincavam mais dentro de casa. A minha casa é pequena, mas o terreno tem muita área, eu sempre fiz questão de ter muita área livre, por isto comprei dois lotes e mais tarde acrescentei mais dois lotes.

Daquele tempo para cá o Setor não só mudou em qualidade, mas na quantidade de construções que se acumulam. Mas infelizmente ele ficou sendo uma passagem entre o Setor Oeste e o centro. Principalmente a rua 94, porque a 95 e 93 são interrompidas.

Eu não moraria mais em nenhum lugar sem Goiânia sem ser o Setor Sul. A gente é conservador, a gente se enamora do lugar em que mora, então eu não vejo vantagem em mudar para outros lugares. Se tivesse que mudar, me mudaria para o Setor Sul, que me parece ser um

pouquinho mais tradicional que os outros, mais aconchegante, com gente com mais tradição em Goiânia.

O pessoal que mora no Setor Sul tem mais raízes, mora aqui há mais tempo, se conhece e se ajuda. A desvantagem é ser muito populoso e a vantagem é ter muitos recursos.

Quando me mudei não tinha conhecimento de que ele era o único bairro projetado com vistas ao futuro. Depois com o Projeto CURA, através dos jornais, é que eu tomei conhecimento disto.

Hoje estas áreas de lazer falharam, porque vivemos num mundo desconfiado. Então a gente faz amizades com o vizinho, mas não utiliza a praça para servir, com mais gente, devido à desconfiança. Isto não é só no Brasil, mas em todo o mundo. Aqui até que tem um pouco de humanidade. Estas áreas não são ocupadas porque o pessoal, devido à vida tumultuada, não tem tempo de desfrutar delas, pois existe ainda um senso de perigo e de medo.

Quando me mudei para a Praça do Cruzeiro, as casas não eram muradas. Eram casas interessantes, quarenta ou cinquenta casas, mas cada uma diferente da outra. Algumas muradas, algumas com muros baixos, mais a maioria com grades e cercas de arame.

Na rua 94, eu construí com um jovem arquiteto que fez uma casa bonita, ainda hoje. Ela tinha um jardim na

frente, sem grades, onde os carros eram guardados. Mas, passados alguns anos, tive que fazer muros e esconder a fachada, porque não podia mais arriscar, de manhã acordava e o carro estava roubado.

Hoje eu me preocupo com o Setor Sul. Na rua 94, há poucas casas além da minha. Tem o IAPAS, que presta serviço odontológico. Pertinho, num lote só, já tem um espigão de doze andares, não sei como. Então começam a surgir alguns edifícios, sendo que o Setor é residencial e os lotes não têm gabarito.

Hoje ele é muito perto do Setor Central. Dentro de poucos anos será absorvido pelas construções.

O traçado das ruas é projetado. Vendo do alto você vê as ruas que convergem para as praças. Existe um paralelismo entre as ruas, quadras bem delineadas. Tudo certo, mas o que se pensava ser ideal há trinta anos, hoje não é mais.

S. A. P.

Data: 29/04/1986

Profissão: Dentista

Local de residência no bairro:

Rua 102 nº 60

Mudamos para o bairro em 1964. Morávamos anteriormente em Nova Ponte, Minas Gerais. Era uma casinha mais ou menos boa, numa rua calçada, uma cidade muito pequena, com ambiente de interior, com uma vizinhança muito boa e muito comunicativa.

Nós gostávamos de lá, mas queríamos uma vida melhor e então tivemos que mudar. Viemos para o Setor Sul, porque meu irmão tinha um lote. Então construímos uma casa e viemos morar. Viemos morar aqui por acaso.

As expectativas que tínhamos era de morar num lugar bom e melhorar o dia a

dia, naquela ilusão de ser alguém futuramente e melhorar a situação financeira do casal.

Naquela época o objetivo maior das pessoas era o progresso. Pelo menos da minha parte, não ouvi falar que o Setor Sul fosse ser um bairro nobre, diferente dos outros setores. Para mim era tudo igual.

Quando mudamos para cá este setor era pouco habitado. Na época, a rua em que morávamos não era calçada e a gente sempre lutando para que o prefeito ou outra pessoa buscasse melhorias para o bairro.

Na rua já havia várias casas e, também, tinha água; mas não possuía nem luz, nem esgoto. O asfalto veio depois de 1965, em 1968, assim como a luz e o esgoto. Isso foi na mesma época mais ou menos.

Nesta época, os meninos faziam os brinquedos nas áreas vagas, campinho de futebol etc. Dificilmente você via casas muradas. O mais comum era fazer cerquinha de arame farpado.

A maior dificuldade era a falta de transporte. Para ir ao centro, tinha que ir a pé ou de carro, porque não tinha ônibus. O meu consultório, no começo era na rua 8 e eu ia duas ou três vezes por semana a pé.

A nossa casa tem duas frentes. Podemos entrar pela rua 102, para o consultório, ou pela viela. Nós pensávamos no futuro em fazer uma casa voltada para a 102. A

entrada principal sempre foi feita pela rua 102, porque era mais fácil, mais transitável.

A vizinhança na época era muito boa e a gente tinha um bom relacionamento. Eram ótimos vizinhos. Por não ter muro, a gente via mais os vizinhos, era mais fácil de dialogar. Hoje, com os muros, fica às vezes até difícil ver os vizinhos.

Em Nova Ponte, era bem melhor do que aqui. Era uma cidade do interior e você tinha mais confiança em conversar com os vizinhos. Aqui a gente tinha mais receio, porque era gente estranha.

Difícilmente a gente se encontrava com os vizinhos, a nossa convivência com eles era difícil, porque a gente não tinha muito tempo para encontrar em clubes etc. Cada um tinha seu afazer.

No fim de semana passeávamos com os meninos nas pracinhas no centro e no Mutirama. No clube, dificilmente a gente ia, porque não tínhamos condições de ter “ação” em clubes.

A mudança maior foi o progresso, foi o asfalto. O Setor ficou um pouco mais desenvolvido depois que veio o asfalto, porque o pessoal começou a construir mais. A construção de casas foi aos poucos. Na medida em que ia subindo o asfalto no Setor Sul, o pessoal ia construindo sua casinha.

Eu só sei morar no Setor Sul. Eu me acostumei com o Setor Sul, com o dia a dia, com as pessoas. É como se você tivesse uma casa e mudasse para outra e você achasse ruim e tivesse saudade daquela casa velha e antiga. Eu prefiro morar no Setor Sul a qualquer outro bairro, por causa da convivência e do local, pois você já está acostumado, é perto do armazém, do açougue, do mercado.

Antes não tinha isto. A gente ia fazer compras naquele armazém da Avenida Goiás que era mais barato, o Boca-da-Mata.

Não tínhamos conhecimento nenhum de que o Setor Sul era projetado. Mudamos para cá sem ter noção de como seria o progresso do Setor. Não sabia que ia ter áreas de lazer, áreas que depois ficaram muito abandonadas.

Agora, deviam até acabar com estas vielas, mas não tem mais condições, porque tem muitas casas viradas para as vielas. As vielas seriam uma coisa muito boa se continuassem como fundos, a área verde das casas. Mas o governo não teve este cuidado de fazer as vielas como uma área verde das casas. Aqui onde moramos, quase todas as casas foram construídas de frente para a viela [nesse caso, o *cul-de-sac*].

A rua fica próxima de onde você faz compras, por exemplo, e a casa é o recinto onde você mora. O Setor, para mim, é um bairro, hoje, nobre. O seu traçado foi muito modificado, cada prefeito que entra, muda alguma coisa.

O traçado, apesar de certa maneira um pouco errado, outras pessoas acham normal. A colocação das ruas e vielas não segue uma ordem normal, por isto é muito difícil de achar endereço no Setor Sul. Por exemplo, a rua 102 é de um lado da rua 84 e a rua 102 é de outro lado, por exemplo. As ruas 83, 84 e 85 são fáceis de achar, mas outras são mais difíceis.



APÊNDICE B

ENTREVISTAS COM
PROFISSIONAIS E ESTUDIOSOS

EWALD JANSSEN

Data: 30/04/1986

Profissão: Engenheiro. Responsável por modificações no Setor Sul na época do projeto do Setor Pedro Ludovico.

Endereço: Rua Marília nº 294, Água Branca

O projeto do Setor Sul foi inspirado por projetos de urbanização desenvolvidos nos Estados Unidos nos anos 1930-1940. Me falaram naquela época que foi quase uma cópia fiel de um bairro norte-americano, sem considerar que toda urbanização tem que levar em conta a mentalidade do povo.

Nos Estados Unidos, como também na parte norte da Europa, só na parte norte, Alemanha, Suécia, Noruega, você encontra uma urbanização tipo jardim. Aqui não se pode copiar. Nós aqui somos muito influenciados pela mentalidade do Oriente Médio, África do Norte e Espanha, onde se encontra uma urbanização que reflete

muito o individualismo, ou seja, fazem primeiro um muro para depois construir a casa. Isto é uma falta de espírito de comunidade. Você não encontra espírito de comunidade nos países árabes, onde cada um pensa em si, separando uns dos outros. Fazem um muro alto (quanto mais alto melhor) voltado para a rua e uma janelinha para ver se o namorado está chegando. E aqui nós podemos sentir uma influência muito grande daquela parte do mundo.

Procurando implantar aqui uma urbanização jardim, a gente pode sentir as consequências como o Setor Sul. Realizando este projeto, levando em conta a mentalidade do povo, aí surge o seguinte: em vez de se transformar em jardim (porque os europeus na parte norte plantam cercas-vivas, então aí pode se sentir o caráter de jardim), o que acontece aqui é: cavalo em cima, cachorro em cima, sem falar nos ladrões que podem entrar com a maior facilidade, especialmente nestas tais áreas internas. Então a ideia de urbanização entrou em choque com a realidade e com a mentalidade também. Em vez de se fazer cercas-vivas, levantaram muros, com isto a parte interna, a área interna que deixaram, ficou mais difícil ainda de controlar.

Tem mais uma coisa, tem aquelas vielas que levam para estas áreas internas e que foram projetadas só para servir ao pedestre. Por um problema de mentalidade, ocorreu a construção de casas situadas de frente para as vielas, que assim perdem completamente a função de uma rua para pedestres, com carros estacionados etc.

Neste caso é a mentalidade comercial, de melhor aproveitamento comercial da área.

Em relação ao projeto, sendo implantado nos EUA, encontram-se todas as condições para ser realizado. Eu conheço lá na Alemanha, é uma maravilha, é um jardim mesmo. Aqui, por exemplo, quem vai pagar as despesas para um ajardinamento? Veja só o Projeto CURA, foi uma ideia muito boa para ajardinar estas áreas, mas por uma questão de mentalidade, em vez do povo zelar por elas, deixam as pessoas destruírem.

Quando foi projetado o Setor Sul, ninguém pensou em Goiânia como capital de um estado que era o dobro da Alemanha, por exemplo. Não pensaram, por exemplo, no problema que causaria a implantação do Setor Sul com ruas de dezoito metros. A única rua larga era a rua 84, o resto são ruas de dezoito metros radiais, saindo da Praça do Cruzeiro. Não pensaram nas ligações com as áreas da divisa com o Setor Sul. Não pensaram que o Governo possuía uma área muito grande, próxima, que hoje é o Setor Pedro Ludovico.

Quando fui contratado para fazer o Setor Pedro Ludovico, encontrei esta dificuldade de fazer a sua ligação com o Setor Central, devido a interferências do Setor Sul. Eu nunca tive oportunidade de verificar se havia outros problemas no Setor Sul. Havia uma nascente e uma área muito brejosas onde hoje é o Clube dos Militares. Então o alargamento foi solução, criando um traçado mais fun-

cional sem estas curvinhas estéticas, que só no papel dão a impressão de serem bonitas, mas sem satisfazer uma função e onde não era necessário, pois a topografia não exigia estas curvas. Então nós mudamos o traçado, aumentamos a largura desta avenida [rua 90], para ligar com o Setor Pedro Ludovico. Nós mudamos esta parte para contornar os problemas topográficos e o brejo, não é!? Mas todos os lotes modificados foram substituídos por outros que surgiram com a modificação, visando atender os proprietários. Mantivemos a quantidade de lotes. Existe uma lista com os lotes atingidos e os lotes para substituir.

Para demarcar estes lotes novos, claro que precisava primeiramente registrar, precisava cancelar o registro dos lotes antigos e substituí-los pelos lotes novos. Aí entrou gente de poder político que ficou com os lotes novos, razão pela qual, chegando o pessoal de São Paulo querendo receber os lotes no Setor Sul, eles acabaram recebendo lotes no Setor Pedro Ludovico. Com o projeto do Setor Pedro Ludovico, foi necessário projetar mais uma avenida larga que ainda não foi realizada. É esta que vem do Setor Pedro, passando na margem do Botafogo.

Trabalhei com o Setor Sul no governo do Pedro Ludovico. Esta parte aqui em cima não estava ocupada ainda e facilitou todas estas modificações da Praça do Cruzeiro para o Setor Sul. O setor se configurava no começo como cerrado, a savana brasileira. As ruas começaram a surgir perto da praça Cívica acompanhando a densidade habitacional.

O governo precisava aumentar a receita pela venda acelerada de lotes. Com relação ao Setor Pedro Ludovico, conseguiram um aumento de 8.000 lotes e com este novo loteamento, pela venda dos lotes aumentar a receita, conseguiu-se o suficiente para realização de outras obras. De maneira que foram vendidos muitos lotes fora de Goiânia, porque aqui em Goiânia não circulava dinheiro o suficiente para poder comprar os lotes. Então venderam em São Paulo, no Rio de Janeiro.

A forma como trabalhavam os corretores que procuravam os primeiros compradores, nessa época, era de portar os lotes, como mercadoria, para a mão dos goianienses. Muito lotes foram vendidos fora de Goiânia, mas os corretores não se interessavam muito em entrar em contato com os primeiros moradores. Razão pela qual o Jardim Goiás até hoje não possui muitas habitações. Os compradores dos lotes compravam o imóvel para aplicação de dinheiro, não se informavam a respeito do projeto.

Pelo que eu saiba não existia nenhuma lei que regulamentasse esta ocupação. Mas não fizeram nenhuma regulamentação rigorosa, apenas quanto ao afastamento etc.

As vielas de quatro metros foram pensadas para chegar a pé pelo fundo do lote, pelas áreas internas. Para colocar as crianças fora do perigo das ruas, foi bem pensado, mas não funcionou.

As primeiras ruas que foram asfaltadas foram as principais, mas o andamento do asfaltamento eu não acompanhei. O que eu posso dizer é que sempre estes serviços de benefícios acompanham sempre a densidade populacional. Agora é um bairro muito bonito, graças à colaboração do cidadão com os jardins na frente das casas.

Depois de ficar tanto tempo em Goiânia, eu achei que linhas regulares são mais fáceis de ajardinar, a partir de linhas geométricas mais simples. No Setor Pedro Ludovico, deixei estruturas verdes pelas alamedas de 36 metros e transformava alamedas em avenidas, sendo que existe uma diferença muito grande entre alamedas e avenidas. As alamedas são ajardinadas e não seriam para a circulação de veículos.

PIRONIS RIBEIRO

Data: 24/04/1986

Profissão: Topógrafo e morador. Remarcou lotes do Setor Sul na década de 1960.

Local de residência no bairro:

Rua 89-C nº 80

Eu trabalhei na Prefeitura desde 1962 e antes trabalhei no Estado. O Setor Sul foi aprovado na época do Governo do Coimbra Bueno, mais ou menos em 1951, 1952.

A ocupação do Setor Sul ocorreu contrariando uma lei chamada “zona fechada”. Na época, a Secretaria de Viação e Obras do Estado (DVOP) não permitia a ocupação, mas o pessoal queria mudar para cá e faziam suas casas.

Estas zonas eram denominadas “fechadas” em função das zonas de prioridade de ocupação, pois, se a população viesse para cá, poderia ter problema de falta de infraestrutura, dado que os recursos

do Estado, na época, eram parques. Assim, se procurava em concentrar a população numa determinada região, para facilitar a construção dos benefícios de infraestrutura.

As primeiras ruas a serem abertas no Setor Sul foram a 84, a 85 e a 83, que eram as artérias principais, as vias de escoamento do setor. Estas ruas foram abertas inicialmente quase que com bicicleta, porque isto aqui era um campo, na época existia muita lobeira [árvore de médio porte]. Então, o pessoal ia fazendo o caminho e as ruas iam sendo abertas de acordo com os pedidos, já que a pessoa tinha a casa no meio do mato e precisava logicamente ter um acesso. O morador ia ao DVOP, e o DVOP providenciava a abertura da rua para ter acesso à construção, quando era realizada. Muitas vezes as ruas surgiam fora de seu traçado original, definido pelos próprios caminhões que iam levar material e acabavam estabelecendo um local de acesso que não era o previsto, até mesmo sobre lotes existentes.

Começaram a surgir as primeiras casas do Setor Sul em 1953. A primeira parte ocupada foi esta parte logo atrás da rua 82, próxima ao Palácio. Paralelamente à construção do conjunto Lar Brasileiro começaram a surgir algumas casas esporadicamente. Primitivamente, na Praça do Cruzeiro, existia um cruzeiro de concreto.

Em 1958, um engenheiro alemão chamado Ewald Janssen propôs algumas modificações no projeto do Setor Sul, uma vez que algumas casas ocuparam espaços

destinados à área verde. Inicialmente fizeram uma exploração onde existe o Clube dos Oficiais. Naquela região foi feita uma exploração para realizar um poço artesian. Com estas modificações desapareceram alguns lotes, desapareceram nome de ruas, criaram-se outras... Isso, também, para facilitar o traçado urbanístico do setor.

Então houve duas etapas. Inicialmente foi realizada a demarcação dos lotes e posteriormente uma modificação parcial do Setor que ocorreu a partir de 1958 e foi realizada entre o Clube dos Oficiais e a rua 90, acima da rua 87.

Esta área verde pertence hoje à SANEAGO e era destinada ao lazer dos moradores. A Celg possuía também uma área 50.000 m², abaixo, nas imediações da Avenida Perimetral e que o Estado ocupou. Esta área, inicialmente com 14 hectares, estava onde existia o tratamento de esgoto, onde saía o esgoto de Goiânia. Como o Estado ocupou aquela área e depois a Prefeitura também ocupou com um depósito, o Estado permutou esta área com aquela do Setor Norte Ferroviário, e hoje a Celg e a SANEAGO ocupam estas áreas.

A dificuldade para demarcar era uma única, pois este setor não foi calculado, usou-se o levantamento do Perímetro e ele foi feito todo num trabalho gráfico. Os lotes foram todos demarcados e colocados piquetes de cimento nas suas respectivas divisas. A dificuldade que a gente tinha é que muitas vezes, por ser um trabalho gráfico, logicamente tinha suas falhas. Então você ia às

vezes marcar um lote e encontrava uma diferença de até 1 metro, 1,20 m.

A ocupação se dava de acordo com a necessidade de cada um. O principal incentivo era a necessidade da casa própria. O indivíduo tinha um imóvel e morava de aluguel, então ele se sujeitava ao desconforto mais para fugir do aluguel.

As primeiras ruas asfaltadas do Setor Sul foram as de ligação do bairro: ruas 84, 85, 83. A 84 foi asfaltada para ligar o conjunto Lar Brasileiro. As outras ruas demoraram muito a ser asfaltadas. Para você ter uma ideia, esta parte alta do Setor Sul, nas imediações da Praça do Cruzeiro, as ruas 87, 89 e mais as vielas, foi asfaltada na gestão do Íris Rezende na Prefeitura, por volta de 1967, 1968. Inclusive parte da 85 também foi asfaltada pelo Íris.

Havia no Setor um local chamado Curral do Conselho, para onde iam todos os animais encontrados na rua. Tinha um encarregado que apreendia estes animais e trazia para aqui. Depois, para tirar o animal, o dono pagava uma multa.

Toda casa que ia ser construída tinha que ser remarcada pela prefeitura, porque as pessoas não tinham a menor ideia onde ficava seu lote.

No Governo do Ludovico e Manoel dos Reis decidiu-se pela alienação destas vielas para os confrontantes. Estas vielas tiveram problema no registro, porque o ter-

reno era do Estado e não da prefeitura. Foi necessária uma lei, feita na época pelo Leonino Caiado, transferindo para a prefeitura todas as vias públicas do Setor, reservando algumas partes para administração do Estado.

A venda destas vielas se deu pelo seguinte, eu tenho uma explicação pessoal e existe uma explicação administrativa. Para toda obra de Governo acaba faltando muitos recursos. Nós temos esta rua asfaltada e eu tenho acesso pelo asfalto. Já você mora lá no Setor Universitário. Quer dizer, eu tenho asfalto aqui e vou fazer asfalto também aqui no fundo e você está morando onde não tem asfalto. Eu acho que deveria ter um pensamento, distribuir, talvez, a verba disponível. Esta é a minha concepção pessoal. Na época eles alegaram a dificuldade de pavimentação e manutenção destas vielas que em sua totalidade possuíam quatro metros de largura.

Quando o Setor Sul começou a ser ocupado, os principais bairros eram Campinas e o Bairro Popular. Em Goiânia as primeiras áreas ocupadas foram o Bairro Popular, a Rua 20 e a rua 4. Depois surgiram a Vila Nova e o Botafogo, que seria mais tarde o Setor Universitário. Depois veio o Macambira. A parte do Setor Sul, acima da rua 87, começou a ser ocupada em 1966, 1967. A locomoção aqui era feita por conta própria, não existia ônibus, a não ser a linha que ligava o centro ao Macambira, isso em 1967.

Esta linha passava pela rua 90, só que o traçado era diferente. Ela era uma servidão, onde passava o ônibus.

Não existiam as vias que hoje a compõem. Mais tarde é que a rua 90 foi construída no seu traçado correto. Por esse motivo, quando eu vinha marcar lotes, muitos deles eu tinha que marcar na pista. Quer dizer, o ônibus passava em cima dos lotes. Mas na rua 85, só muito tempo depois é que foi ter uma linha de ônibus.

No Setor Sul, também tinha a Chácara do Estado, que era o local onde se colhiam verduras para o Palácio. Hoje está tudo invadido. Eu acredito que, na época, nem as pessoas encarregadas da aprovação destes casos não conheciam o espírito do Setor Sul, onde não era permitido ter muros, e o DVOP começou a aprovar casas com muro de frente para as ruas internas. Desprezaram-se as vielas.

PEDRO WILSON GUIMARÃES

Data: 05/05/1986

Profissão: Advogado e Sociólogo. Trabalhou no Projeto CURA.

O Setor Sul foi o único setor de Goiânia planejado juntamente com o núcleo central. Foi especial, pois era uma tentativa de copiar um pouco também seu próprio planejamento inicial, baseado nos bulevares franceses. Foi planejado e o primeiro a ser ocupado depois do Setor Central. Após a ocupação do Setor Central, dois setores passaram a ser ocupados em Goiânia, o Bairro Popular, que abrigou o funcionalismo, e o Setor Sul, com uma população de classe média, classe média alta, que passou a se estabelecer em Goiânia. O Setor Botafogo, naquela época, era ocupado por pedreiros, pelo pessoal ligado à construção,

que vivia de modo marginal e que depois se mudou para os setores Macambira e Pedro Ludovico, para posteriormente se espalhar pela cidade.

O Setor Sul tem um traçado urbanístico muito bonito, mas sua ocupação não correspondeu ao traçado físico. Primeiro porque o setor não recebeu todos os serviços imediatamente, nem as praças, as vielas, nem os equipamentos previstos foram utilizados. O Setor foi ocupado pelos fazendeiros que vinham para Goiânia para trazer seus filhos para estudar e houve uma primeira ocupação, que foi a construção das casas nas ruas 83, 91, 82, 85, 94, 100 e 101. Depois houve uma ocupação única e dirigida, o conjunto do Banco Lar Brasileiro, realizado junto à praça do Cruzeiro. Esta ocupação inclusive só não foi mais estimulada porque na época ficou distante e de difícil aquisição. Então ficou uma malha construída próxima do Palácio e lá, no alto, as casas do Banco Lar Brasileiro.

Na nossa visão é que ali moravam, em grande parte, fazendeiros de classe média alta que se instalavam no local para os filhos estudarem. Aí ocorreu a primeira deformação no Setor Sul, que foi a construção de uma casa na frente e um barracão no fundo, ou a construção de muitos barracões no fundo, esperando a construção de uma casa na frente, o que fez com que o setor tivesse uma aparência de um setor de classe média alta, mas que abrigava, através dos barracões, muita gente de classe média baixa e assalariados.

Depois de preenchido o Setor Sul, e por efeito desta distorção, logo foram ocupados os setores Marista, Oeste, parte do Setor Aeroporto e do Setor Bueno. Esta ocupação foi massiva.

Da população que já morava em Goiânia, a que mudou para o Setor Sul foi a que ocupava o Setor Central, dado o avanço do Setor Comercial. Mas, em grande parte, ele foi ocupado por pessoas que vinham diretamente do interior. As pessoas que vinham para os filhos estudarem, ou que já tinham uma atividade comercial, ou ainda altos funcionários do Setor Público. Goiânia é uma cidade que está marcada pelo Setor Terciário e pela vida estudantil. O grosso de sua população era de pessoas que vinham para estudar. Inclusive grande parte destes barracões servia para “república de estudantes”, ou famílias pequenas que alugavam. Grande parte da população também proveio do campo, das cidades do interior de Goiás e de outros estados, como Minas e Mato Grosso.

Esta população veio morar no Setor Sul porque era o setor nobre de Goiânia. Naquela época o preço do lote era barato, ao mesmo tempo que era um setor próximo do Setor Central e que dava facilidade de acesso às escolas no centro de Goiânia ou ainda à Universidade, que estava no Setor Universitário, recém-criado.

Dada a natureza deste pessoal que veio do campo, que tem toda uma tradição, houve um processo de ocupação que se expressou de duas formas. Havia aqueles que vieram com boa situação financeira (o que podemos

chamar de novo rico), vieram com o dinheiro e tentaram comprar os valores da cidade, mais ainda marcados pelos valores do campo. Então, praticamente todas as casas do Setor Sul e do Setor Oeste tinham uma entrada frontal que era aberta para as grandes festas e uma entrada no meio da casa que era para o pessoal não sujar uma sala, que tinha um piano, tapete, almofadas e a televisão, recém-inaugurada. Por esta entrada lateral, o pessoal já entrava na varanda, na cozinha ou sala de jantar e ficava por ali, para não entrar em outras áreas. Por outro lado, havia ainda as casas onde se construiu um barracão para as pessoas ficarem e não entrarem na casa. A casa ficava mais como um mostruário do que com a função de uso. Este pessoal tinha hábitos do meio rural, vinha para a cidade, que é um tipo de condomínio, mas cada um queria dispor do espaço das áreas comuns como único e exclusivamente seu.

Esta população normalmente estava voltada para o lazer em clubes, em fazendas ou em chácaras. Nunca se preocupavam e nem reivindicavam nenhuma melhoria na urbanização das áreas comuns presentes no setor. Elas ficaram sempre relegadas e foram se transformando em áreas marginalizadas. Os proprietários não tinham interesse de voltar suas casas para as praças, já que a expectativa era ficar onde havia o maior movimento.

O Setor Sul foi a primeira área da cidade, basicamente, de moradia. Tanto o Bairro Popular como o Setor Central nasceram mesclados pelas avenidas, como bair-

ros residenciais e ao mesmo tempo local de trabalho. O Setor Sul, até a década de 1960, era fundamentalmente residencial.

A partir da metade da década de 1960, as ruas mais largas como a 83, a 85 e a 84 foram tomadas pela atividade comercial, transformando inclusive residências em escritórios, lojas etc. Assim como outros tipos de atividades não residenciais, que se expandiram principalmente na década de 1970, afastando muita gente do Setor Sul, que passou a se dirigir ao Setor Marista, que naquela época se chamava Setor Pedro Ludovico. Como este era considerado um setor de baixa renda e o nome não ajudava, passou então a denominar-se Setor Marista. Depois houve uma convergência para o Setor Oeste e o Setor Bueno, com alguma ocupação na área do Setor Aeroporto. Neste período o Setor Sul começa a ser um setor comercial e na década de 1980 a atividade comercial passou a avançar. Nestes últimos seis anos, a atividade comercial passou a ocupar não só as ruas principais, mas até as ruas secundárias. Com isto expulsou a classe média alta, que queria um status maior de moradia, de ambiência.

A ocupação do Setor Sul iniciou-se próxima ao chamado “eixo da Praça Cívica”, que partia da rua 91, hoje uma rua praticamente ocupada. Depois é composta pelas ruas 95, 96, 83, 84, 85 e depois a 94 e 104. Como estas ruas estão muito próximas da Praça Cívica, todo mundo se dirigia a pé para o Setor Público ou para pegar os ôni-

bus que passavam na Praça Cívica. Então o adensamento se dá, inicialmente, justamente nessa parte. Depois da Praça do Cruzeiro, ainda hoje existem muitos lotes vagos no Setor Sul. Isso em função da ocupação dos setores Oeste e Marista. Este último já possui mais casas que no alto do Setor Sul, na fronteira com o Setor Pedro.

Como este pessoal vinha do campo com o espírito individualista, trouxe também este ambiente. Ao invés de se comunicar pelas áreas de lazer, que não existiam (também era difícil), eles não se comunicavam. Existia também o problema da segurança, com muros altos, totalmente fechados, uma maneira de evitar o perigo.

Historicamente, o Setor Sul poderia ser o que foi Brasília na década de 1960, onde as casas praticamente não possuíam quintal, eram abertas e deveriam propiciar uma comunicação muito maior entre a população [nesse caso, referindo-se à Zona Sul de Brasília]. Se houvesse imediatamente uma urbanização, onde não só os equipamentos urbanos fossem instalados, mas tivesse uma educação para a utilização do espaço urbano, poderia ter sido diferente. Mas pessoas que vinham do meio rural não tinham tradição nenhuma de morar na cidade. Mesmo vindo do interior, com um tipo de visão do mundo, quando chega numa cidade maior como Goiânia, este pessoal passou cada um a manter seu padrão de visão de mundo. E como não havia nenhum estímulo, a questão do lazer, para ele, o que é? Ou ir aos bares de Goiânia ou ir ao Clube. Todo fim de semana a cidade esvaziava.

Além disso, na década de 1960, um veículo entra para fazer parte de nossa vida: a televisão. Marca profundamente as pessoas e evita inclusive elas de se comunicarem umas com as outras. Nesta época começa a surgir também, dentro da televisão, um outro aspecto que é a “novela”, que prende mais as pessoas. Com isto surge uma outra categoria de lazer, mais fechado, que leva cada um a um isolamento maior.

Na época do Projeto CURA, a prefeitura vendeu vielas. Então o pessoal preferia comprar as vielas, a parte ideal, e comprar até as áreas verdes chamadas de pracinhas, porque interessava mais ter aquela área como área particular do que como área comunitária. Não só houve propostas de aquisição como a própria prefeitura vendeu muitas vielas. Qual era o papel das vielas? Dar acesso direto a estas áreas, facilitar o fluxo para que tivesse a passagem pela própria casa, mas que houvesse também uma passagem externa para não ficar as áreas fechadas. Houve então a venda de muitas vielas e inclusive invasões, as chamadas invasões milionárias do Setor Sul, quando pessoas com *status* e prestígio invadiram áreas do setor e nunca foram punidos.

O pessoal do Setor Sul tem tradição de “novo rico”, de que tudo se pode comprar, até o espaço comunitário. Isto repercutiu quando foram instaladas as praças do Projeto CURA. A Prefeitura instalou as praças, mas o pessoal permaneceu do mesmo jeito, com muita depreciação, muita rejeição e pouca ocupação dessas áreas.

Tanto que, do ponto de vista comercial, de lazer, os projetos não foram levados adiante. As partes do projeto que foram implantadas foi o asfaltamento, a arborização, a iluminação e algumas quadras de esporte e equipamentos de parque infantil. Basicamente não houve nenhum processo cultural educativo de levar as pessoas a participarem deste empreendimento. Na própria pesquisa tinha muita dificuldade, as pessoas não queriam responder, às vezes as pessoas mandavam um empregado responder ao questionário.

Depois do Projeto CURA, as áreas foram ocupadas por pessoas de outros bairros, principalmente as quadras esportivas, havendo uma depredação principalmente da iluminação de certas áreas, que acabaram sendo abandonadas. Antes do projeto CURA já havia quadras e áreas com campo de futebol, que foram as áreas utilizadas.

Inclusive nós temos uma área de ocupação que era a área da CELG que se transformou no clube da CELG, localizada no alto do Setor Sul, uma área de praticamente 50.000 m².

Boa parte das pessoas bem instaladas no Setor se mudaram para outros setores como o Marista e o Oeste. Principalmente na década de 1970, algumas famílias passaram da casa para o apartamento, naquela fobia de medo, da questão da segurança.

A conclusão geral que eu tenho sobre a opinião dos moradores sobre o Projeto CURA, apesar de todo mun-

do ter dado opinião, era que o pessoal não se importava muito com essa questão. Não era ponto fundamental para eles ter aquela urbanização. Não é, por exemplo, um grupo num bairro que faz questão de ter uma escola próxima. O pessoal responde passivamente, não se mobiliza. E o Projeto CURA, que poderia ser feito em um ano, foi feito três, quatro anos depois, pois a Prefeitura não tinha, na época, condições.

Na verdade, muitas pessoas queriam era comprar as áreas. Não havia interesse na urbanização daquelas áreas, porque elas não eram vistas do ponto de vista do lazer. Via-se como uma forma mais de resolver o problema da segurança do que o problema do lazer.

Até onde eu sei, não houve nenhum esclarecimento para a população sobre projeto do bairro. As pessoas sabiam que ele tinha um traçado muito bonito, mas não havia nenhum direcionamento. A Prefeitura não tinha e não tem até hoje nenhum projeto para orientar as pessoas a ocupar o espaço urbano.

O Setor Sul foi vítima, e é até hoje, da especulação imobiliária. Como era um setor de alta valorização de terra, muita gente vendia terra no campo e comprava no Setor Sul.

Lá havia muitos lotes do chamado Departamento de Terrenos Urbanos da Prefeitura. A maior parte destes lotes foi grilada e depois regularizada. Nas décadas de 1950 e 1960, o Estado devia ter ali cerca de 4.000 lotes

que foram vendidos para políticos e apadrinhados de políticos a preço de banana.

Não houve uma orientação quanto ao sentido do Setor Sul, que foi proposto como um bairro de encontro. O Clube Cruzeiro do Sul era uma destas áreas de internas convivência, outras destas áreas foram doadas, como a do Clube da Polícia Militar, do Colégio Rudá, do Professor Ferreira, e órgãos públicos. Ao contrário, a prefeitura, além de não orientar, contribuiu mais tarde com a deterioração do bairro.

O lazer era feito em bares, clubes, fazenda ou chácara, o footing da rua 8, da Avenida Anhanguera, da Casa Branca e o Lanche Americano (na década de 1960). Logicamente que o surgimento da televisão marcou muito a população.

SÉRGIO PAULO MOREYRA

Data: 06/05/1986

Profissão: Historiador, Jornalista e antigo morador. Estudioso sobre a história local.

Local de residência no bairro:
Ruas 120 e 102

A minha família foi morar no Setor Sul em 1960. Morei na rua 120, na casa de meus pais de 1960 até o final de 1966. Era uma casa situada no segundo quarteirão da rua 83, onde posteriormente foi alojado o Arquivo Histórico de Goiânia. Eu saí desta casa em 1967 quando me casei e fui morar na rua 102, onde morei até 1981. Então fui morador do Setor interruptamente durante vinte um, vinte e dois anos.

O Setor Sul já era razoavelmente habitado quando a minha família se mudou para lá. A impressão que tenho é que ele era um bairro de classe média, de raízes urbanas, enquanto o Setor Oeste e o Setor Aeroporto abrigavam mais os fa-

zendeiros que se mudavam. Então, as minhas lembranças são especialmente na região do entorno das ruas 83, 94, 84, 85, 95, 96, 91, 92 e 93. A lembrança que tenho é de funcionários públicos, médicos, advogados, professores, de forma que me parece um bairro de classe média.

Um número muito grande destas pessoas havia comprado o lote do governo a prestação. Quando a gente se mudou do Setor Sul, a feira, que hoje fica na confluência das ruas 83 com a 86, ficava no fundo do Palácio, onde estão hoje o Centro Administrativo e a Creche. Posteriormente, o Governo resolveu pavimentar a área para fazer a feira um pouco mais higiênica, aí ela mudou para a porta da nossa casa. Às quartas e aos sábados a feira se estendia por dois ou três quarteirões, na rua 83, impedindo o trânsito e dificultando o tráfego dos ônibus que iam para Água Branca e para o Palmito. A rua 83 servia de passagem para o Palmito e para a Água Branca. Tinha só esta linha de ônibus, mas o ônibus era muito ruim. A rua 83 era asfaltada, mas só ia até a rua 95.

Em 1960, Goiânia tinha mais ou menos 150 mil habitantes, e a população estava concentrada no Setor Central, na Vila Nova e no antigo Bairro do Botafogo, que depois recebeu o nome de Setor Universitário, e de invasões legalizadas pelo Governo, além daquela população originária, mais antiga, que morava em Campinas. Depois foi se estendendo para a Vila Operária, Setor Rodoviário, Fama, Setor Aeroviário e o DERGO (Departamento de Estradas e Rodagens de Goiás). Nesta época [1960] o Setor

Oeste tinha uma densidade populacional muito baixa e não possuía asfalto. A Vila Coimbra estava começando a ser povoada. Eu me lembro que a gente ia de bicicleta nadar numa piscina que existia na confluência do Setor Bueno com o Jardim América, onde hoje é a fábrica da Coca-Cola. A piscina ficava ali onde era o Rodoviário Caçula. Ali era região rural, chácaras com hortas, com pessoas que cultivavam as hortas para vender na feira. O Setor Sul tinha asfalto nas ruas 82 e 83, até a esquina da rua 95. Já a rua 85 não possuía asfalto e a rua 84 possuía asfalto até a Praça do Cruzeiro, por causa do Conjunto Lar Brasileiro, que havia sido construído e possuía um convênio entre os construtores e o Governo para levar o asfalto até lá.

Logo que o Setor Sul começou a ser ocupado mais intensivamente, uma das coisas que a gente podia notar é que existia um conflito entre o plano e a forma de ocupar. Por exemplo, na casa onde eu morava, que era uma casa grande na rua 83, as donas da casa tinham feito um barracão que dava para a viela. Este era independente e servia para ser alugado por terceiros que não tinham nada a ver conosco. Eu tinha um parente que morava numa casa em frente, na mesma rua 83, e que não dava para a viela.

As famílias seguiam um hábito já arraigado, baseado pelo tipo de construção do Bairro Popular, de fazer uma casa na frente e um barracão no fundo para alugar. Então fazia-se um corredor lateral para dar acesso ao

barracão, com meia-água de três ou quatro cômodos, que passava a ser alugado por uma família. Então, eu acho que começou aí a alteração do projeto do Setor Sul, a partir deste hábito da família procurar obter uma renda adicional alugando uma parte do terreno. Todas as famílias faziam isto, o que mostra que a população do setor não era uma população de renda alta.

É verdade que, em frente a nossa casa, um vizinho deste parente meu morava em duas casas contíguas. Em uma transformou as áreas livres do terreno em depósito de equipamento rural. Em outra criava porcos, num dos corredores laterais, e galinhas no outro. Então era uma coisa interessante de ser observada, como uma população de origem rural se apropriou de um espaço urbano, apesar de a população do Setor Sul ser mais urbana e não de fazendeiros.

Goiânia, em 1960, tinha menos de trinta anos. Considerando de um ponto de vista mais rígido, não existia população urbana, porque toda população ainda tinha hábitos rurais. O galinheiro de quintal era um hábito amplamente disseminado. Eu citei o caso de dois fazendeiros que utilizavam parte de seus terrenos como depósito e como criatório, mas eu afirmo que não acho que foi um bairro de ocupação de fazendeiros, pelo menos até onde eu posso ver. A lembrança que eu tenho é muito mais de uma população urbana, de vínculos urbanos. Mas vale lembrar que existe uma urbanização muito recente no Estado de Goiás, a rigor antes de Goiânia não existia cidade.

Uma coisa que é interessante no Setor Sul é que não existiam Igrejas. Uma coisa interessantíssima. Os católicos iam na catedral, na rua 10. Os Protestantes e Espíritas utilizavam outros lugares. Parece que tinha uma diferença estrutural onde não tinha um lugar para uma Igreja, como eu tenho a impressão de que não tem até hoje.

A Praça do Cruzeiro foi projetada para ter uma Igreja, que só surgiu muito recentemente – a Paróquia São José –, que foi instalada depois de 1970. Até então, os moradores iam na capela do Colégio Auxiliadora, na Praça do Cruzeiro ou na Paróquia São José, no Setor Oeste. Os Espíritas tinham o Colégio Emmanuel e faziam reuniões religiosas. O Setor Sul era um bairro que tinha rompido com a ideia original de Goiânia, porque no plano original existiam áreas para igrejas.

O Setor Sul foi o primeiro bairro de Goiânia que se configurou como uma expansão do núcleo original. O plano da cidade abrangia o Setor Central e incluía três bairros. O Setor Comercial e Administrativo propriamente dito, que abrangia a avenida Paranaíba até o Palácio. Entre a Paranaíba e a Estação Ferroviária, divididos pela Avenida Goiás, à esquerda estavam o Bairro Popular e, à direita, a Vila Militar. Nestes locais, as construções não sofriam grandes limitações. Surgiam bares, lojas, igrejas etc. com um controle mínimo. Hoje já não existe uma diferenciação muito grande entre estes três bairros.

O setor foi o primeiro bairro projetado fora do plano. Ficou rigorosamente residencial, passando a exigir permissão para construções comerciais, nas esquinas das ruas de acesso. Por exemplo, pegando a rua 83, a partir do Palácio, só se podia instalar comércio na esquina das ruas 94 e 85. Da mesma forma, quando você vai no setor, verifica que na esquina das ruas 83 com a 94 é onde está o comércio mais antigo e na esquina das ruas 85 com a 94 acontece a mesma coisa – estes eram os locais de comércio originalmente.

A impressão que eu tenho é que, originalmente, existia um gabarito definido. Existiam os terrenos comerciais, vendidos como comerciais, e outros que eram residenciais.

Foi o bairro sobre o qual se exerceu mais facilmente o controle do uso do solo, que está rompido em pouquíssimos locais até hoje.

Bem, eu morei nesta casa na rua 83 até 1966, quando eu me casei e comprei um lote na rua 102. Não existia estímulo para comprar lotes no Setor Sul porque o terreno, em Goiânia, era baratíssimo. Comprei este terreno em fevereiro de 1964 e ele custou mil cruzeiros à vista. Em 1965, comprei um terreno do Estado, na rua 135, muito mais acima, e este terreno me custou 480 cruzeiros, em 48 pagamentos de 10 cruzeiros. Portanto você vê que o padrão de preço era muito baixo. Você pode considerar

estes valores como estímulo à compra de um terreno. Mas não fugia muito do valor de mercado geral.

As pessoas compravam muitos lotes porque não existia outro bairro e o Setor Central não possuía lotes residenciais e atraía a cobiça de todo mundo que tinha dinheiro para investir. Assim, existiam pessoas que tinham 20, 30, 40 lotes e não vendiam com tanta facilidade, vendiam só pensando em ganhar.

Por outro lado, o Setor Sul não era distante e Goiânia era muito pequena. Lembro que em 1954 uns tios meus tinham comprado um lote na rua 10 e construíram a casa. Então as pessoas falavam: “Está morando no calcanhar do Judas... Está morando longe demais!”. Quando foi em 1958, outro tio meu construiu na rua 83 e as pessoas repetiam a mesma coisa. Na mesma época, um outro parente tinha construído na rua 104-C e este realmente morava no mato. Eu tenho com toda nitidez a imagem na lembrança de eu ir de bicicleta no meio do mato, nos atalhos do Setor Sul, vazio, para chegar na casa dele. Era inteiramente vago o terreno acima da rua 94.

Em 1964, eu comprei este terreno na rua 102 e só fui construir uma casa em 1966. A rua 102 só tinha eletricidade, não tinha água, não tinha meio-fio, não tinha absolutamente nada. Então os terrenos eram baratos, mas não havia nenhum benefício público. Aí, nesta época, a prefeitura começou a asfaltar, foi introduzindo aquele esquema das prestações, que até então o normal era que

a prefeitura arcasse com o custo da pavimentação, nenhum proprietário pagava pelo asfalto.

Ao mesmo tempo, aconteceram duas coisas a partir de 1966. Primeiro uma rápida valorização dos terrenos depois da pavimentação das ruas e colocação de esgotos pluviais, água, iluminação pública, isto veio numa sequência. Mas isto implicou também, e aí eu acho muito importante, aconteceu o seguinte: quem permaneceu no bairro foi quem pôde pagar os benefícios e um número muito grande de pessoas foi obrigado a vender suas casas. Havia, eu me lembro, um número enorme de pessoas humildes que estavam no Setor Sul e que começaram a vender rapidamente as propriedades, porque não davam conta de pagar. Este foi o momento em que se elevou rapidamente o padrão social da população. Uma discriminação que levou rapidamente para a periferia a população mais pobre. Isto ocorreu entre 1966 e 1970, de tal forma que quando se entrou na década de 1970 o Setor Sul já estava nitidamente transformado, já não era o mesmo bairro original.

Eu me lembro que, quando eu era menino, assaltaram a alfaiataria do meu pai e o guarda à noite atirou no assaltante, ele ferido saiu pingando sangue pelo mundo e foi encontrado morto na Caixa d'Água. Por isso eu me lembro que já nesta época existia a Caixa d'Água. Me lembro também de armar arapuca para pegar rolinha na rua 82, eu tinha 10 anos, quer dizer, há 35 anos.

A rua 83 foi o primeiro eixo do Setor Sul, a que se povoou primeiro e em torno da qual foram sendo construídas casas. Depois a rua 84 se tornou o segundo eixo do setor, em função da construção do conjunto Lar Brasileiro, que deve ter sido construído em 1957 ou 1958. Por outro lado, a rua 85 dava acesso para o Setor Bueno, que já existia, estava loteado. Outra lembrança que tenho foi quando eu tinha dezoito anos, namorei uma moça e a gente queria casar-se. Começamos a comprar um lote a prestação no Setor Bueno.

A rua 94 foi o primeiro limite do Setor Sul. A rua 82 foi ocupada só por políticos que compraram os lotes muito antes, na moita, e só construíram muito depois. A 94 foi ocupada primeiro que a 82 e foi ocupada muito rapidamente. Lembro que existiam muitos campos de futebol espaçados por todo Setor Sul. A meninada mesmo é que fazia estes campos.



SOBRE A AUTORA

A arquiteta e urbanista Eline Maria Mora Pereira Caixeta, doutora em História da Arquitetura e da Cidade pela Universitat Politècnica de Catalunya – UPC (2000) –, é professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo e no Mestrado em Projeto e Cidade da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Seu trabalho

profissional está relacionado à história da arquitetura e do urbanismo modernos, à cultura arquitetônica e suas relações com o projeto e o planejamento urbano, à arquitetura brasileira e ao patrimônio histórico e cultural.

Organizou vários livros, dentre os quais *Interlocuções na arquitetura moderna no Brasil: o caso de Goiânia e outras modernidades* (2015, em coautoria com Bráulio Romeiro), é autora de diversos capítulos de livros, como “Paisagens desoladas: quatro máscaras de concreto em deriva” (2010, em coautoria com José Artur D’Aló Frota, in: COMAS, Carlos E. D.; PEIXOTO, Marta; MARQUES, Sérgio M. (org.). *Concreto: plasticidade e industrialização na arquitetura do Cone Sul-Americano 1930-70*), e também do livro *Imagem e construção da modernidade em Porto Alegre* (2004), em coautoria com Canez et al.

Esposa do professor José Artur Frota, agora aposentado, o qual conheceu na época de seu doutorado, é mãe do Pedro e das gêmeas Paula e Flora.

SOBRE O E-BOOK

TIPOGRAFIA Spartan (por Matt Bailey e Mirko Velimirovic), Lora (por Cyreal) e Jost (por Owen Earl), todas disponíveis em [Google Fonts](#).

PUBLICAÇÃO CEGRAF UFG
Campus Samambaia, Goiânia-Goiás. Brasil.
CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358 | cegraf.ufg.br

FAV
FACULDADE DE
ARTES VISUAIS



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



CAU/GO
Conselho de Arquitetura
e Urbanismo de Goiás

FUNAPE
Fundação de
Apoio à Pesquisa

